

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

PRISCILA RUFINO DA SILVA

A HIPERCORREÇÃO NA FALA DE PASTORES DA CIDADE DE MACEIÓ-AL

MACEIÓ
2016

PRISCILA RUFINO DA SILVA

A HIPERCORREÇÃO NA FALA DE PASTORES DA CIDADE DE MACEIÓ-AL

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Aldir Santos de Paula

MACEIÓ
2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

S586h Silva, Priscila Rufino da.
A hipercorreção na fala de pastores da cidade de Maceió-AL / Priscila
Rufino da Silva. –2016.
153f. : il.

Orientador: Aldir Santos de Paula.
Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal
de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 144-153.

1. Comunidade de prática – Maceió (AL). 2. Pastores batistas. 3. Língua
falada. 4. Hipercorreção. 5. Variação linguística. I. Título.

CDU: 801



UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA



PPGLL

TERMO DE APROVAÇÃO

PRISCILA RUFINO DA SILVA

Título do trabalho: "A HIPERCORREÇÃO NA FALA DE PASTORES DA CIDADE DE MACEIÓ/AL"

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTORA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira (PPGLL/Ufal)

Profa. Dra. Núbia Rabelo Bakker Faria (PPGLL/Ufal)

Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória (Ufal)

Profa. Dra. Renata Lívia de Araújo Santos (UPE)

Maceió, 13 de julho de 2016.

Esta pesquisa foi financiada por uma bolsa *Capes*.

Aos meus pais, Rilmar Rufino e Gildivânia Santos, dedico este trabalho! Agradeço todos os ensinamentos e esforços conferidos a minha pessoa sem os quais eu não conseguiria viver esse momento tão importante.

AGRADECIMENTOS ESSENCIAIS

Primeiramente a DEUS, que me deu o dom da vida, tudo que eu tenho, em especial, a minha saúde, minha motivação para vencer todo e qualquer obstáculo e, principalmente, pelo seu o amor incondicional para comigo!

Aos meus familiares, em especial:

Aos meus pais, Rilmar e Gildivânia, por todo amor, toda força e motivação em todos os momentos da minha vida;

Aos meus irmãos, Robertson Rufino e Gleicivânia Rufino, por todo carinho, apoio, conversas e atenção que só um irmão pode nos dar;

Ao meu marido, José Civaldo da Costa Silva Jr., por todo amor, motivação, atenção, incentivo, paciência e carinho em todos os momentos desta longa caminhada;

Aos meus sogros, José Civaldo e Alissângela Leandro, pelas palavras de incentivo, torcida e carinho a mim reservado;

Aos meus avós, José Rufino, Maria da Silva, Maria Nazaré, por serem disseminadores de tantos ensinamentos e lições de vida nas simples tarefas cotidianas.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao meu orientador, Prof. Dr. Aldir Santos de Paula, por ter acreditado em meu trabalho, por toda compreensão, solicitude, por todas as palavras de incentivo, pela prontidão em me ajudar e, mais uma vez, fazer desse meu sonho realidade. Minha eterna gratidão!

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística – PPGLL, da Universidade Federal de Alagoas- Ufal, pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

À *Capes* pelo apoio financeiro.

Ao presidente da Convenção Batista Alagoana pela disponibilidade em aceitar minha presença na referida instituição e a todos os Pastores que de forma muito solícita aceitaram fazer parte dessa pesquisa, que Deus os abençoe!

À Profa. Dra. Núbia Rabelo Bakker, por sua leitura criteriosa e visão humana, por todas as observações pertinentes que me ajudaram a desenvolver esta tese.

À Profa. Dra. Elyne Vitório, por aceitar ler esse trabalho trazendo à tona novas discussões e caminhos.

À Profa. Dra. Renata Araújo, pela amizade de longa data, pelas valiosas contribuições e por todo carinho.

Ao Prof. Alan Jardel, por aceitar fazer parte desta banca e por todas as contribuições e pontuações relevantes.

Aos meus grandes amigos, Liliane Dizeu, Cibely Eugênia e Fernando Augusto, por todas as palavras de incentivo desde o início dessa caminhada, assim como pela torcida constante. Vocês são especiais!

As minhas amigas, Aline Santos, Ana Maria, Fábria Funiô, Jeylla Salomé, Maraísa Espíndola, por toda a companhia nesses últimos anos, pelas palavras de incentivo, torcida e força nos momentos de solidão durante a escritura desta tese e por compartilharem comigo as suas angústias e alegrias.

Aos meus queridos alunos do curso de Fonoaudiologia da Uncisal que sempre me incentivam a ser uma boa profissional e me dão motivos para ainda acreditar na educação.

Aos meus professores, Maria do Socorro Aguiar, Jair Farias, Telma Magalhães, Aldir Santos de Paula, Denilda Moura, Miguel Oliveira, Paulo Stella, Januacele Francisca, Jadir Pereira, Roberto Sarmiento, Susana Souto, Ana Lúcia Milito, Irene Dietschi pelas discussões e contribuições durante minha vida acadêmica nesta instituição, todos ajudaram a forma a profissional que sou hoje.

Aos meus queridos colegas, Welma Júlia, Wesslen Nicácio, Janaína Ligia, Selma Bezerra, Sandra Patrícia, Almir Santos, Andressa Silva, Denys Dickson, Aparecida Porangaba, por fazerem parte dessa etapa da minha vida.

A todas as pessoas que torceram por mim, que me incentivaram com críticas positivas e/ou negativas, fazendo com que eu reavaliasse minhas práticas e crescesse pessoal e profissionalmente. Muito obrigada!

Hypercorrection involves awareness on the part of speakers of language varieties that are associated with differing degrees of prestige. The rendition of a form by a speaker of a less prestigious variety in an attempt to have it match a more prestigious pattern, but which in the process overshoots the mark and thereby results in an 'incorrect' form, is thus an instance of hypercorrection.

(ECKMAN; IVERSON; SONG, 2013)

To seek explanations for chain shifts in the day-to-day construction of meaning would certainly be futile and ridiculous. But to ignore what people do with the elements of these chain shifts to construct social meaning is to turn a blind eye to an aspect of human competence that is at least as mind-blowing as the ability to maintain distance between one's vowels.

(ECKERT, 2008)

RESUMO

Nesta pesquisa, objetivamos delinear o perfil dos membros da comunidade de prática da Convenção Batista Alagoana a partir das ocorrências de hipercorreção com o intuito de avaliar se há significado social quando da emergência dessas instâncias. Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]) cujo principal objetivo é demonstrar que o aparente caos linguístico pode ser sistematizado e descrito, bem como que os usos variáveis encontrados na fala podem estar ocorrendo por meio da influência de fatores linguísticos e sociais; ao passo que adotamos aspectos teórico-metodológicos relacionados à terceira onda dos estudos sociolinguísticos proposta por Eckert (2005; 2012) no que tange à delimitação de comunidade de prática e à busca por significado social associado às formas linguísticas. A população escolhida para ter sua fala coletada e seu *modus operandi* observado foi a comunidade de prática formada pelos Pastores Batistas da Convenção Batista Alagoana, estratificamos a amostra de acordo com o fator extralinguístico Tempo no pastorado em dois grupos, a saber: Pastores com até 10 anos exercendo o ministério (T1) e Pastores com mais de 10 anos (T2) exercendo a função na Igreja Batista. A coleta de dados foi realizada utilizando três instrumentos distintos: entrevista estruturada (C1), leitura de texto bíblico (C2) e explicação do texto bíblico (C3). Esses três momentos de coleta foram selecionados com vistas a observar se a formalidade ascendente, motivada pela atenção prestada à fala (LABOV, 2008[1972]), influencia a ocorrência de hipercorreção. Simultaneamente à coleta, fizemos uso da observação participante cujas anotações nos ajudaram a entender o *modus operandi* da comunidade de prática escolhida, assim como as inquietações e funções dos membros dessa Instituição, nos possibilitando um olhar global acerca da vivência dos colaboradores e associando essas observações à análise do fenômeno aqui estudado. Após a transcrição dos dados, analisamos as ocorrências encontradas qualitativamente, usamos para isso excertos retirados da entrevista estruturada, com o intuito de delinear o imaginário de correção linguística que paira no seio dessa comunidade de prática. Em seguida, descrevemos os casos de hipercorreção mais encontrados em nossos dados, com o objetivo de evidenciar as ocorrências que podem ser classificadas como tal em nossa variedade linguística, bem como apresentamos, de forma breve, um panorama dos usos correntes nessa comunidade de prática com vistas a demonstrar os traços recorrentes na fala dos colaboradores no que tange à adoção de uma variedade linguística diferenciada/prestigiosa. Por fim, analisamos a atuação dos dois fatores extralinguísticos, a saber: o Tempo no pastorado e o Contexto de coleta de dados. Dessa forma, por meio dos resultados obtidos, evidenciamos que as ocorrências de hipercorreção encontradas em nosso *corpus* refletem o imaginário de correção linguística e uso da variedade prestigiosa requerida principalmente em momentos de formalidade sendo mais frequente na fala de Pastores que estão iniciando seu ministério e que precisam construir dentro dessa comunidade de prática a sua *persona* e/ou estilo pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade de prática. Hipercorreção. Língua Falada. Alagoas. Pastores Batistas. Variação Linguística.

ABSTRACT

In this research, we aimed to outline the profile of the members of the community of practice of the Baptist Convention Alagoana from hypercorrection of events in order to evaluate whether social meaning when the emergence of these instances. For the development of this research, we use assumptions of Sociolinguistics variationist (LABOV, 2008[1972]) whose main objective is to demonstrate that the apparent linguistic chaos can be systematized and described, and that the variable uses found in speech may be occurring through influence of linguistic and social factors; whereas adopted theoretical and methodological aspects related to the third wave of sociolinguistic studies proposed by Eckert (2005; 2012) regarding the demarcation of community of practice and the search for social significance associated with linguistic forms. The population chosen to have his speech collected and their *modus operandi* observed was the community of practice formed by Baptists Pastors of the Baptist Convention Alagoana, stratify the sample according to the extralinguistic factor Time in pastorate into two groups, namely: Pastors with up to 10 years exercising the ministry (T1) and Pastors with more than 10 years (T2) exercising the function in the Baptist Church. Data collection was performed using three different instruments: structured interview (C1), Bible text reading (C2) and explanation of the biblical text (C3). These three collections were selected in order to observe whether the upward formality, motivated by the attention paid to speech (LABOV, 2008[1972]), influences the occurrence of hypercorrection. Simultaneously collected, we used participant observation whose notes have helped us to understand the *modus operandi* of the chosen community of practice, as well as the concerns and positions of members of the institution, in enabling a global view about the experience of employees and linking these observations to analysis of the phenomenon studied here. After transcribing the data, we analyze occurrences found qualitatively used for this excerpts taken from the structured interview, in order to outline the linguistic correction of imagery that hovers within this community of practice. Next, we describe the cases of hypercorrection more found in our data, in order to highlight the events that can be classified as such in our linguistic variety, as well as present, briefly, an overview of current uses in this community of practice with order to demonstrate the recurring features in the speech of employees with regard to the adoption of a differentiated linguistic variety/prestigious. Finally, we analyze the performance of the two extralinguistic factors, namely: the time the pastorate and the data collection context. Thus, through the results, we showed that the hypercorrection occurrences found in our corpus reflect the imagination of linguistic correctness and use of the prestigious variety required mainly formality of times is more frequent in the speech of Pastors who are starting their ministry and they need to build within this community of practice your *persona* and/or *personal style*.

KEY-WORDS: Community of practice. Hypercorrection. Speech Language. Alagoas. Baptist Pastors. Linguistics Variation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Paradigma flexional do Português popular	37
Quadro 2- Sumário dos estudos acerca da hipercorreção em dados de escrita e fala focalizando as ocorrências encontradas	43
Quadro 3 – Sumário dos contextos de coleta de dados	75
Quadro 4 – Distribuição dos membros da Convenção de acordo com o cargo e a função.....	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Estratificação da amostra.....	85
Tabela 2- Estratificação dos informantes.....	88
Tabela 3 – Estratificação da amostra de acordo com a variável extralinguística faixa etária...	91
Tabela 4 – Correlação das variáveis Tempo no pastorado e Contexto de coleta de dados.....	137

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Fenômeno em Estudo.....	21
1.1.1 Estudos pioneiros acerca da hipercorreção em Martha's Vineyard (LABOV, 1962) e Nova York (LABOV, 1966).....	21
1.1.2 Instâncias de Hipercorreção em Dados de Escrita e Fala.....	26
1.1.2.1 Hipercorreção no Português Brasileiro Escrito.....	27
1.1.2.2 Hipercorreção no Português Brasileiro Falado.....	33
1.2 Fundamentação Teórica	46
1.2.1 Advento da Sociolinguística.....	46
1.2.2 <i>Lócus</i> da Variação	55
1.2.2.1 Comunidade de fala.....	55
1.2.2.2 Rede social.....	57
1.2.2.3 Comunidade de prática	59
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	68
2.1 Hipóteses e Objetivos da Pesquisa.....	68
2.2 Sociolinguística Variacionista: aspectos metodológicos.....	70
2.2.1 Contextos de coleta de dados: do informal ao formal em entrevistas de recolha de dados.....	72
2.2.2 Observação participante.....	75
2.3 Delimitação da população pesquisada.....	76
2.3.1 A Convenção Batista Alagoana.....	78
2.3.1.1 Caracterização da população: Pastores Batistas.....	82
2.4 Constituição do <i>corpus</i> da Pesquisa.....	85
2.5 Variáveis independentes em estudo.....	89
2.5.1 Tempo no pastorado.....	90
2.5.2 Contexto de coleta de dados.....	91
3 INSTÂNCIAS DE HIPERCORREÇÃO NA COMUNIDADE DE PRÁTICA DE PASTORES BATISTAS DE ALAGOAS.....	93
3.1 Comunidade de prática e hipercorreção: a constituição da identidade dos colaboradores.....	94

3.2 Instâncias de hipercorreção encontradas no <i>corpus</i>.....	106
3.2.1 Hipercorreção referente à concordância verbal e nominal.....	107
3.2.1.1 Hipercorreção na marcação do plural do sintagma “cidadão”.....	111
3.2.2 Hipercorreção referente ao abaixamento da vogal alta anterior.....	112
3.2.3 Hipercorreção por meio de neologismos.....	113
3.2.4 Hipercorreção referente ao uso do pronome demonstrativo ‘onde’ sem referência expressa de local.....	116
3.2.5 Hipercorreção no uso de pronomes.....	117
3.2.5.1 Uso de pronome reflexivo em contextos em que não há necessidade.....	117
3.2.5.2 Referente à colocação pronominal.....	118
3.2.5.3 Contexto de indeterminação dos sujeitos.....	119
3.2.6 Hipercorreção referente à regência verbal e nominal.....	122
3.2.7 Hipercorreção referente ao uso do aspecto verbal durativo ou “gerundismo”.....	126
3.2.8 Hipercorreção referente ao uso de “perca”.....	127
3.2.9 Uso de “lhe” em contextos de objeto acusativo de referência à segunda pessoa.....	128
3.2.10 Panorama dos usos correntes na comunidade de prática de Pastores Batistas.....	129
3.3 A hipercorreção na comunidade de prática de Pastores Batistas de Alagoas: panorama geral	133
3.3.1 A hipercorreção e o Tempo no pastorado.....	133
3.3.2 A hipercorreção e o Contexto de coleta de dados.....	134
CONCLUSÃO.....	140
REFERÊNCIAS.....	145
APÊNDICES.....	153
ANEXOS.....	155

1 INTRODUÇÃO

As primeiras observações relacionadas à linguagem tinham como principal função a manutenção da integridade das formas linguísticas protegendo-as da ação do tempo e da ação do próprio homem no que se refere à sua pronúncia exata, esse interesse era movido principalmente por motivos religiosos. Com o passar do tempo, o foco foi sendo modificado e as pesquisas começaram a associar outras questões intrigantes ao estudo da linguagem humana, tais como descobrir-lhe a origem, as causas da mudança e diversidade, além do seu funcionamento enquanto sistema de signos.

Dentro dessa gama de questionamentos relacionados à língua/linguagem, a sociolinguística variacionista visa demonstrar as correlações linguísticas e extralinguísticas presentes nos usos variáveis em comunidades de fala bem delimitadas, com o intuito de desenhar o quadro sociolinguístico em relação ao fenômeno posto em análise. Em suma, suas pesquisas abordam o fenômeno de forma quantitativa demonstrando o peso relativo, a frequência de uso de acordo com as variáveis dependentes e independentes, transformando um quadro variável e aparentemente desconexo em um fenômeno altamente sistematizável.

Com o passar dos anos, os estudos dessa subárea da linguística viabilizaram a assunção de novas categorias de análise que já não mais pairam somente sobre os dados estatísticos e/ou sobre o recorte operado em amostras coletadas em comunidades de fala nos moldes labovianos (LABOV, 2008[1972]), mas levam em consideração também aspectos relacionados à construção do significado social das formas linguísticas como índice de práticas sociais significativas para grupos de pessoas engajadas com um determinado intuito, a variedade linguística e/ou fenômenos linguísticos específicos passam a ser vistos como marcas de identificação de determinados grupos/ *status* sociais e suas respectivas relações de poder (ECKERT, 2000; 2005; 2008; MATOS, 2015; SANTANA; ANDRADE; FREITAG, 2015).

Desta feita, os estudos da terceira onda sociolinguística¹ demonstram, a partir da observação do *modus operandi* de uma comunidade de prática específica, como a estrutura linguística se molda no cotidiano, sua relação com os condicionamentos extralinguísticos e linguísticos e os lugares sociais ocupados pelos seus membros em função da construção da sua *persona*. O terreno fértil será o enfoque a respeito do significado da variação correlacionado aos papéis sociais, à construção de estilos, ou mais especificamente, à

¹ Na subseção 1.2 desta tese, abordaremos as três ondas de estudos sociolinguísticos (ECKERT, 2012).

construção da imagem que os falantes querem projetar naquele *locus* ou até mesmo fora dele. Por conseguinte, as variedades linguísticas passam a ser vistas não só como um instrumento de comunicação dos seres humanos, mas como um meio de ascender socialmente, ser aceito em determinados grupos e obter valoração social.

Eckert (2012) afirma que com isso não se está deixando de lado a estrutura, mas há uma ênfase maior no papel dessa estrutura no condicionamento da prática paralelamente ao papel da prática na produção e reprodução da estrutura, contrariando, portanto, o que ocorria nas duas ondas de estudos anteriores em que o foco era a descrição da estrutura como um retrato estático por meio da análise quantitativa que não discutia as relações de poder, assimetria e o papel da idealização de uma variedade linguística como marca identitária de um grupo de falantes, ou mais especificamente, de uma comunidade de prática.

A supervalorização do bom falar e do bom escrever veiculada não só em nossas escolas, mídias, mas também no discurso do senso comum, provoca, em todo aquele que necessita ser aceito e/ou passar pelo crivo de grupos sociais fechados, uma idealização que o coloca em situação de desnaturalização linguística, pois o que era um ato muitas vezes inconsciente passa a ser algo planejado.

Cada vez que participamos de uma nova organização social, seja ela igreja, emprego, curso, faculdade, grupo de amigos temos a nossa forma de agir/falar modificada por essa nova inserção, isso mostra o quão dinâmico é esse processo.

A socialização requer a junção e/ou negação de práticas sociais, valores, crenças, atitudes que permearão desde a vestimenta do indivíduo até a sua variedade linguística como meio de definição da identidade de cada sujeito. A variedade linguística, por consequência, fortemente requerida durante a troca de repertório no seio da comunidade de prática, passa a ter uma importância bem mais latente, visto que nesse jogo social os papéis dos membros dessa comunidade estão sempre em voga e qualquer inadequação pode ocasionar não só o evento de estigmatização, como também a exclusão do indivíduo desse grupo social.

Seguindo os pressupostos dos estudos da terceira onda da sociolinguística (ECKERT, 2012), o presente estudo visa identificar e analisar ocorrências de hipercorreção na fala de Pastores da comunidade de prática da Convenção Batista Alagoana, com o intuito de avaliar se essas ocorrências denotam algum significado social que caracterize a comunidade em questão. As relações assimétricas relacionadas ao tempo em que esses Pastores foram denominados e se engajaram nessa convenção se coadunam com a avaliação social que permeia o imaginário desses membros no que tange ao seu uso linguístico e fazem aflorar indagações como: O que me diferencia dos outros membros da minha igreja? Como um

Pastor deve falar? A variedade linguística cotidiana tem *status* prestigioso para ser utilizada por mim após minha denominação como Pastor? Quais palavras/traços denotam mais conhecimento e mais poder? Por que alguns Pastores são aclamados em suas pregações e/ou extremamente elogiados por suas palavras? Esses questionamentos perfazem a mente daqueles que se veem em posição de liderança e são, portanto, cobrados diariamente buscando, por meio da adoção de práticas linguísticas prestigiosas, a aprovação social.

Não obstante, a descrição sociolinguística das ocorrências de hipercorreção na fala de Pastores Batistas da cidade de Maceió/AL explicitará o comportamento linguístico desses colaboradores em virtude do seu engajamento em uma comunidade de prática atuante, esse tipo de estudo é inédito em nosso estado, principalmente, por fundamentar a discussão a partir dos pressupostos da terceira onda de estudos em sociolinguística.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, coletamos a fala de 24 Pastores Batistas de Alagoas, estratificados de acordo com a variável extralinguística Tempo no pastorado, durante o período de janeiro a fevereiro de 2015, com o objetivo de verificar, por meio de três contextos de coleta de dados, a saber: Contexto de entrevista sociolinguística, Contexto de leitura do texto bíblico e Contexto de explicação do texto bíblico aliados à observação participante, se há ocorrências de hipercorreção na fala dos colaboradores, provenientes da assimetria linguística e motivadas pela correção social envolvida na construção da *persona* nesse *locus*.

Posteriormente à coleta dos dados, fizemos a transcrição de todas as entrevistas e, em seguida, analisamos qualitativamente todas as construções com hipercorreção presentes no *corpus*, conforme as ocorrências abaixo:

- (1) L14: A minha esposa é da minha igreja meus filhos são da minha igreja minha sogra **são** da minha igreja a minha nora **são** da minha igreja enfim e também já tive o prazer de ser convidado pra algumas formatura [L14T1C1]
- (2) L20: Toda aquela região e ele começô a passar necessidade por isso foi empregar-se com um dos **cidadões** daquela região que o mandô para o seu campo a fim de cuidar de porcos [L20T1C2]

O presente estudo está delimitado da seguinte forma: na subseção 1.1, apresentamos um recorte dos estudos realizados acerca do fenômeno sociolinguístico de hipercorreção em dados de fala e escrita com vistas a compreender a dinâmica desse fenômeno, bem como delimitar as suas principais características. Para tanto, elencamos primeiramente as pesquisas realizadas nos Estados Unidos, logo em seguida, citamos pesquisas realizadas no Brasil que

coadunam com os estudos anteriores contribuindo e ampliando o entendimento do fenômeno em questão em nossa variedade linguística. Na subseção 1.2, apresentamos a fundamentação teórica empregada nesta tese, a saber, a Sociolinguística, seus delineamentos e subdivisões, abordamos o advento da Sociolinguística, a subdivisão tradicional e a subdivisão em ondas de análise de acordo com a proposta de Eckert (2012). Enfatizamos também as possibilidades de escolha do *locus* para coleta de fala e a implicação no tratamento dado à variação linguística.

Na segunda seção, apresentamos as hipóteses e objetivos que nortearam nossa pesquisa, discutimos acerca dos procedimentos metodológicos adotados nesta tese, bem como fizemos uma explanação da comunidade de prática escolhida para o estudo aqui empreendido, com vistas a descrever e delimitar o que será analisado e sua importância para o entendimento do fenômeno de hipercorreção.

Na seção 3, apresentamos a descrição e análise das instâncias de hipercorreção encontradas em nosso *corpus*, observamos primordialmente o significado social dessas ocorrências por meio de uma análise de dados de cunho qualitativo. Primeiramente, abordamos a noção de comunidade de prática, bem como o imaginário de correção que permeia a variedade linguística cotidiana e a constituição da identidade dos colaboradores de acordo com a dinâmica social encontrada nesse *locus*; posteriormente, descrevemos as instâncias de acordo com a sua natureza linguística para apresentar um panorama das ocorrências de forma global dentro dessa comunidade, observamos também os casos encontrados de acordo com as categorias Tempo no pastorado e Contexto de entrevista e elencamos um panorama dos usos feitos pelos colaboradores em relação aos traços não utilizados em nossa sociedade.

Objetivamos com esta tese discutir acerca do fenômeno sociolinguístico da hipercorreção, pouco explorado na fala, bem como estimular o desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas que utilizem os conceitos de comunidade de prática, construção da *persona*, relações assimétricas e idealização da variedade linguística como índice de prática social para que se possa conhecer melhor o perfil das comunidades de práticas existentes em nosso estado com vistas a delinear os fenômenos provenientes desse tipo de engajamento social.

1.1 Fenômeno em Estudo

A hipercorreção é um fenômeno de linguagem muito comum entre pessoas que se deram conta da existência de ‘outro falar’ muito mais prestigiado que o seu. Essas pessoas também desejam ser usuárias dessa forma prestigiada, do ‘falar mais correto’. Para tal, esforçam-se em ‘corrigir’ sua fala e acabam incorrendo no erro de corrigi-la demasiadamente (BORTONE; ALVES, 2014, p.131).

É certamente verdade que, em alguns contextos, monitoramos nossa fala com mais cuidado que em outros, às vezes ao ponto de hipercorreção (LE PAGE, 1998).²

Nesta subseção, apresentamos um recorte dos estudos realizados acerca do fenômeno sociolinguístico de hipercorreção em dados de fala e escrita. Esses estudos nos ajudarão a compreender a dinâmica desse fenômeno, bem como delimitar as suas principais características. Para tanto, elencamos primeiramente as pesquisas realizadas nos Estados Unidos que abordam, de forma pioneira, o estudo desse fenômeno dentro do quadro da sociolinguística variacionista, logo em seguida, citamos pesquisas realizadas no Brasil que coadunam com os estudos anteriores, contribuindo e ampliando o entendimento do fenômeno em questão em nossa variedade linguística. Nosso intuito, portanto, é o de possibilitar um panorama acerca das pesquisas que discutem a mesma temática desta tese.

1.1.1 Estudos pioneiros acerca da hipercorreção: Martha’s Vineyard (LABOV, 1962) e Nova York (LABOV, 1966)³

Os estudos descritos a seguir tiveram como objetivo principal demonstrar o papel da hipercorreção na propagação da mudança linguística em Martha’s Vineyard (LABOV, 1962), bem como as consequências desse comportamento linguístico para o processo de mudança em um único grupo social na comunidade de fala da cidade de Nova York (LABOV, 1966). Como veremos adiante, o tipo de hipercorreção estudada por Labov não é o mesmo difundido pela tradição gramatical, mas faz referência ao uso de determinado traço fonético por falantes de classe média baixa que vai além do uso do mesmo traço por pessoas de grupos sociais mais

² It is certainly true that in some contexts we monitor our speech more carefully than in others, sometimes to the point of hypercorrection (LE PAGE, 1998).

³ Publicado inicialmente em *Word*, 19: 273-309 (1963). Uma versão abreviada foi apresentada no 37º Encontro Anual da Sociedade Americana de Linguística em Nova York, em 29 de dezembro de 1962. (LABOV, 2008[1972], p.18). Essa pesquisa se baseia num texto lido numa conferência sobre sociolinguística realizada na Universidade da Califórnia, Los Angeles, em 1964, e publicado inicialmente em William Bright (org.), *Sociolinguistics* (The Hague: Mouton, 1966) (LABOV, 2008[1972], p.150).

elevados. Isso ocorreria, portanto, devido a uma tendência em usar formas consideradas corretas e apropriadas para estilos formais, enquanto a hipercorreção tradicional é vista como a aplicação de uma regra de forma indiscriminada, sem mencionar, no entanto, o significado social dessas formas variantes, seu espectro de uso e os contextos situacionais em que esses casos aconteceram.

Visando estudar a mudança sonora que consistia na alteração da posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/ na Ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, Labov realizou uma pesquisa que desenvolveu as bases da Sociolinguística Variacionista, no que diz respeito ao aporte teórico-metodológico.

Esse estudo seleciona, segundo Labov (2008[1972], p.25), “um aspecto lingüístico característico de Martha's Vineyard com o mais amplo espectro possível de variação e o mais complexo padrão de distribuição”. É comum ouvir em Martha's Vineyard a alternância entre as formas [ai] e [au] ou [ei] e [eu] em palavras que têm como padrão [ai] e [au], a exemplo de *right, white, twice, like, out, doub⁴t*. No entanto, essa centralização não era perceptível para os falantes, mas tornou-se uma marca característica da fala dos moradores da região.

Acerca dessas tendências de uso feitas por esses falantes, em seus estudos preliminares, Labov mostrou que a representação desses ditongos em Martha's Vineyard é oposta ao que vinha ocorrendo há cerca de duzentos anos.

A instabilidade com que esse fenômeno ocorria era evidenciada pela sua falta de regularidade, à primeira vista, ocorria apenas em determinadas palavras⁵ tais como: *while, time, line, I' m, try, now, how* ou *around*.

Para estudar esse fenômeno, Labov concebeu um modelo de entrevista que o ajudou a ter acesso a vários exemplos de (ay) e (aw)⁶ tanto na fala espontânea, na fala emocionalmente carregada, na fala monitorada quanto no estilo de leitura.

Além das entrevistas estruturadas com o intuito de favorecer o aparecimento da centralização dos ditongos, foram feitas também observações de situações espontâneas. Foram realizadas sessenta e nove entrevistas, sendo obtidas 3.500 ocorrências de (ay) e 1.500 de (aw) como base de dados para o trabalho.

⁴ Respectivamente: certo, enquanto, duas vezes, gosta, fora, dúvida.

⁵ Respectivamente: enquanto, tempo, linha, eu sou, tenta, agora, como, ao redor.

⁶ Os ditongos estão representados entre parênteses para evidenciar que o tratamento dado à presente variação ocorre por meio de um aporte sociolinguístico e não, unicamente, fonético (cf. LABOV, 2008[1972]), por conseguinte, adotamos a mesma representação utilizada por Labov.

Com o *corpus* coletado e com as ocorrências distribuídas, Labov estudou a influência do ambiente segmental, de fatores prosódicos, influência estilística, considerações lexicais e distribuição por idade e tempo, com vistas a descobrir o que poderia estar motivando à aplicação do fenômeno em questão⁷.

Lançando mão dessas ocorrências e das observações feitas no local para procurar entender a dinâmica desse fenômeno, Labov pôde delinear o que ele denominou como *Traço fonético Vineyardense*.

Essa pesquisa tratou também de estudar a utilização da centralização dos ditongos (ay) e (aw) em determinados grupos étnicos que residem na ilha, demonstrando com isso que o fenômeno era na verdade um aspecto singular na fala dos moradores desse local, dessa forma, para marcarem a sua identidade perante os turistas que ali chegavam, os moradores utilizavam esse recurso em suas falas.

A centralização, como marca de resistência às inovações e às visitas dos turistas, era mais recorrente na fala dos idosos que com isso influenciavam os mais jovens a reafirmarem sua identidade enquanto moradores do local, bem como a sua vontade de permanecer nessa ilha.

Ao estudar o papel da hipercorreção de um grupo social da comunidade de fala de Nova York e as consequências desse uso como fator de mudança linguística, Labov (2008 [1972], p.152) atestou que, nesse caso, o “significado social está inevitavelmente associado com a variante e com sua oposição à forma mais antiga”, com isso pôde demonstrar que as correções sociais exerciam forte pressão nos usos individuais.

A análise empreendida tomou como base a fala de 81 adultos da cidade de Nova York. A maior parte dos dados apresentados por Labov era baseado na medição “quantitativa de indicadores fonológicos, embora o comportamento lexical e gramatical” (LABOV, 2008[1972], p.152) também tivesse sido considerado.

Estudos anteriores mostram que nessa mesma comunidade havia a evidência de que a fala da maioria dos informantes não formava um sistema coerente por conter “oscilações, contradições e alternâncias inexplicáveis em termos de um único idioleto” (LABOV, 2008 [1972], p. 153) fornecendo, com isso, provas de que o comportamento linguístico dos nova-iorquinos seria o produto do puro acaso, sendo caracterizado como aleatório. Entretanto, quando a fala de qualquer pessoa em qualquer contexto foi comparada com o padrão geral da

⁷ Não levamos em consideração nessa resenha o viés quantitativo que essas pesquisas chegaram, visto que visamos demonstrar que em todos os casos de hipercorreção há a correlação entre o significado social das formas utilizadas e a caracterização da identidade dos falantes em relação à idealização do padrão linguístico.

variação social e estilística da comunidade como um todo, seu comportamento linguístico se apresentou como altamente determinado e estruturado.

Em seu estudo sobre a forma fricativa de (th), considerada como marca de prestígio na cidade de Nova York, em oposição às formas oclusivas e africadas, consideradas formas estigmatizadas, Labov notou que “todos os grupos sociais exibem a mesma redução gradual do uso de oclusivas e africadas em estilos mais formais, e, em cada estilo, há uma estratificação nítida da variável” (LABOV, 2008 [1972], p.154).

Já no caso dos estudos relacionados à presença ou ausência da consoante [r] em posição pós-vocálica, como em: car, four, fourth⁸, os estudos mostraram que somente uma classe social utiliza algum grau de pronúncia do (r) na fala casual. No entanto,

(r-1⁹) funciona como um marcador de prestígio do grupo social de *status* mais elevado. Inicialmente, a classe média exibe o mesmo valor insignificante de pronúncia do r da classe operária e da classe baixa. Mas quando se acompanha a progressão rumo a estilos mais formais, a classe média baixa exibe um claro aumento dos valores de (r), até que, nos estilos D¹⁰ e D', ela ultrapassa o uso da classe média alta (LABOV, 2008[1972], p.155).

Labov analisou quatro grupos de classes e atestou que a classe média baixa sempre ultrapassava o valor do uso das variáveis nos estilos mais formais ao contrário da classe média alta.

Esse fenômeno foi denominado *hipercorreção*, pois demonstrava o uso de determinadas instâncias em estilos formais que nem mesmo a classe de *status* mais elevado utilizava.

O mesmo padrão de hipercorreção foi recorrente com outras variáveis significativas para essa comunidade, tal como o uso do (oh¹¹), pois a classe operária mostrava altos valores que são também característicos da classe média baixa. No entanto, o significado social para a classe operária não é exatamente o mesmo para a classe média baixa, uma vez que os falantes

⁸ Respectivamente: carro, quatro, quarto.

⁹ As ocorrências foram classificadas como: (r-1) ocorrência totalmente constrictiva da variável em análise; (r-0) para o *schwa*, vogal alongada ou nenhuma fonação. Casos duvidosos ou constrictão parcial foram simbolizados como *d* e não entraram na tabulação final (LABOV, 2008[1972], p.70-1).

¹⁰ **Estilo D**: referente ao estilo de leitura de lista de palavras isoladas em que, logo após o colaborador realizar a leitura, pergunta-se se essas formas soam de modo idêntico ou diferente de como ele as pronuncia. **Estilo D'**: é referente à leitura de pares mínimos.

¹¹ Faz referência à vogal posterior que é variavelmente alçada em Nova York a posição média e alta em palavras como: off (preposição), lost (perdido), talk (conversar).

da classe operária mostram apenas uma ligeira tendência à correção dessa vogal, com valores mais abertos em estilos formais.

O papel da classe média baixa, nesses fenômenos, se torna fator fundamental devido à sensibilidade dessa classe às pressões vindas de cima, ou seja, aquelas que estão relacionadas à correção social aplicada a formas linguísticas na fala de cada indivíduo.

Labov assumiu que o estudo da estratificação social deve abarcar dois aspectos: a diferenciação, de um lado, e a avaliação social, do outro. Por meio dos testes aplicados para medir as reações subjetivas inconscientes a valores individuais das variáveis fonológicas, a saber: (oh), (r), (th), (eh¹²), Labov atestou que “aqueles que exibem maior sensibilidade a esse traço estigmatizado na fala casual, exibem maior sensibilidade a esse traço em reações subjetivas” (LABOV, 2008[1972], p.159).

Em outro teste denominado autoavaliação, que consistia em perguntar ao informante qual dentre as quatro pronúncias alternativas de cada palavra era a mais próxima do modo como ele a utilizava, Labov pôde mostrar claramente um extraordinário consenso na reação subjetiva à fala dos outros e sua não correspondência com a percepção acurada da produção linguística do próprio informante.

Labov, utilizando-se desses instrumentos, demonstrou que o falante nova-iorquino percebe sua “própria intenção fônica, em vez de perceber os sons reais que produz, neste sentido, o padrão que governa a direção da variação estilística é determinado por um conjunto estruturado de normas sociais” (LABOV, 2008[1972], p.161).

Essa hipercorreção no uso de formas consideradas de prestígio ocorreria por essa comunidade apresentar “uma firme crença na correção da fala e se [esforçar] conscientemente por alcançar essa correção em sua conversa mais monitorada” (LABOV, 2008[1972], p.162) o que os levaria a ter esse comportamento linguístico próximo ao que eles idealizavam como sendo o ‘correto’ ou ‘mais aceito’ socialmente.

Os trabalhos de Labov enfatizavam o caráter quantitativo da hipercorreção, mas assumiam também a existência do significado social que essas formas adquiriram nas comunidades estudadas.

¹² (eh) faz referência à altura do núcleo da vogal *a* breve tenso ou /aeh/ (LABOV, 2008[1972], p. 95).

1.1.2 Instâncias de Hipercorreção em Dados de Escrita e Fala

A hipercorreção, enquanto fenômeno sociolinguístico, tem mais estudos voltados à modalidade escrita¹³ da língua portuguesa (SCREMI; AIMIN, 2010; MOURÃO, 2010; BORTONE; ALVES, 2014) em comparação aos estudos realizados sobre essa mesma temática na modalidade falada. Essas pesquisas nortearão nosso olhar para a caracterização das ocorrências que podem ser rotuladas como hipercorreção na variedade escrita de crianças e adultos. Muitos desses casos podem ter sido acarretados em comparação com a modalidade falada, pois, como veremos adiante, há certa idealização de que a escrita mais formal deve ser diferente da variedade falada cotidianamente.

Segundo Duarte & Paiva (2006, p. 134),

Em sociedades com uma sólida tradição literária como a nossa, a língua escrita impera como modelo a partir do qual se impõe uma jurisdição coercitiva. As diferentes variedades faladas se relacionam de forma mais ou menos remota com esse modelo. E quanto mais remota a relação (fala popular, vernácula), maior a avaliação negativa da variedade. Variedades relativamente mais próximas desse modelo adquirem o *status* de norma culta.

De acordo com os primeiros estudos acerca dessa temática (LABOV, 1962; LABOV, 1966), a hipercorreção era tida somente como um fenômeno fonético que ocorria devido à busca por uma pronúncia mais prestigiosa dentro do jogo social (CALVET, 2002; LABOV, 1972). No entanto, nos estudos realizados no Brasil, a hipercorreção se mostra não só nesse nível, mas também no nível da construção sintática, escolha lexical e neologismo.

Segundo aponta Saguete (2012, p. 62),

a noção de hipercorreção estrutural tem natureza especificamente linguística. Revela-se na tendência de generalizar uma regra nova a contextos onde ela não seria aplicável, como quando quem fala farta aprende a falar falta, generalizando a regra da lateralização a outras formas a que o processo não se aplica, como em garfo>galfo. Já a hipercorreção estatística tem a ver com a tendência, detectada por Labov (1972), da classe média baixa de usar variantes de prestígio numa frequência mais elevada que a classe média alta. Tanto um caso quanto o outro refletem processos de adesão à norma de outro grupo social, com algum grau de insegurança linguística, motivada pelo uso de novas regras de expressão.

Desta feita, o presente trabalho visa demonstrar os estudos de hipercorreção estrutural que foram realizados em nosso país, tanto no que se refere à fala quanto à escrita.

Nesta subseção, além dos fatores linguísticos que influenciam o aparecimento de instâncias de hipercorreção na escrita e fala dos colaboradores, buscaremos evidenciar o papel do *lócus* em que essas instâncias emergem e a manutenção do *status* dos falantes, com vistas a

¹³ No entanto, por nosso fenômeno se apresentar na fala, priorizaremos dados relacionados a essa modalidade da língua.

delinear, de forma global, o perfil das ocorrências encontradas, quando possível. Como marco fundamental, trouxemos anteriormente as pesquisas realizadas por Labov para que se diferenciem estes dois tipos de hipercorreção.

1.1.2.1 Hipercorreção no Português Brasileiro Escrito

As hipercorreções na variedade escrita são estudadas por várias correntes teóricas (cf. AZAMBUJA, 2008, 2011; ÉVA, 2005), no entanto, para fins de abrangência desta tese, focalizaremos apenas os estudos que abordam a hipercorreção pela via da sociolinguística variacionista. As pesquisas que serão apresentadas a seguir versarão respectivamente sobre a presença de hipercorreção na escrita de professores alfabetizadores, em textos de profissionais de diversas áreas e formações e em produções textuais de crianças, o que nos possibilita uma visão diversificada acerca desse fenômeno (SCREMIN; AIMIN, 2010; MOURÃO, 2010; BORTONE; ALVES, 2014)¹⁴.

A pesquisa de Scremin & Aimin (2010), intitulada *A presença da hipercorreção em textos de alfabetizadores populares: contribuições para os PALOPs*, aborda o fenômeno da hipercorreção na escrita de adultos alfabetizadores. Para as autoras,

O fenômeno da hipercorreção, por motivos sociolinguísticos, apresenta-se na escrita de indivíduos que se encontram em ascensão cultural, pois estes sujeitos já possuem certa noção das normas da língua, caso contrário, não teriam essa intenção de “acerto”, o usuário da língua fica angustiado para evitar erros para os quais já foi alertado, e acaba aplicando a regra onde ela não se faz necessária (SCREMIN; AIMIN, 2010, p. 125).

Após a coleta de dados e análise dos 24 textos produzidos por professores alfabetizadores de dois municípios do interior do estado do Piauí, as ocorrências encontradas foram distribuídas em três categorias. A primeira levou em consideração a ocorrência de hipercorreção no uso das relativas preposicionadas, devido às preposições não apresentarem coerência com a estrutura gramatical, como podemos observar nos exemplos (1)¹⁵ e (2):

(1) Professora ensina com paciência **no qual** os alunos aprendem.

(2) Usava aparelho de audição por ter problema **do mesmo**.

¹⁴ Detivemos-nos apenas em resenhar essas pesquisas para evitar repetições, visto que elas resumem de maneira global os estudos realizados sobre essa temática na escrita.

¹⁵ As hipercorreções estão em negrito.

A segunda categoria faz referência aos casos em que os advérbios de intensidade apresentaram marcação de concordância (3) e (4), de acordo com Scremin & Aimin (2010), os informantes marcaram a concordância nominal tanto no que se refere ao número quanto ao gênero nesses elementos, os quais tradicionalmente são classificados como invariáveis. No exemplo (5), ocorreu a hipercorreção no que tange à concordância verbal, pois o falante levou em consideração o objeto direto da sentença (vários cursos) e não o sujeito (a escola) que está no singular.

(3) (As amigas) **muitas** divertidas.

(4) (A professora) gostava **muitos** dos alunos.

(5) (A escola) **tinhas** vários cursos.

A terceira e última categoria apresentada pelas autoras se caracteriza pelo uso de ortografia equivocada (6) relacionada, em sua maioria, ao abaixamento da vogal alta anterior.

(6)¹⁶ Comese Nesce
 Apendie Faciel
 Taboada Ocolos Podesse
 Creativa

Na primeira linha, temos palavras que possuem o fonema [s] que apresenta múltiplas formas de representação e que, nesse caso, o colaborador utiliza a menos provável e natural, ou seja, a letra ‘s’ e a letra ‘c’. Já na segunda linha, temos a generalização de uma regra em que o colaborador utiliza a representação ‘ie’ para o fonema [i]. Na terceira linha, temos a representação da vogal alta posterior arredondada [u] feita pela letra ‘o’, essa generalização pode ter ocorrido devido à existência de palavras que são escritas com a vogal ‘o’, mas são produzidas utilizando o fonema [u]. O mesmo aconteceu com a palavra da quarta linha, contudo o fonema empregado foi a vogal alta anterior [i] sendo representada pela letra ‘e’.

¹⁶ No exemplo (6), temos as seguintes palavras: comece, aprendi, nesse, criativa, tabuada, óculos, pudesse, fácil.

Não obstante, não se pode confundir a hipercorreção com um mero erro de ortografia, pois há uma diferença tênue existente entre esses fenômenos da escrita, Varella (2004, p.57) afirma, por exemplo, que os erros ortográficos são os que ocorrem quando há transgressão da norma, da convenção, ou seja, erros convencionais que se referem à substituição de símbolos gráficos devido à existência de palavras que apresentam símbolos diferentes para o mesmo som, como em pessoa > peçoa. Por conseguinte, as hipercorreções ocorreriam quando o informante já se apropriou de determinada regra ortográfica e faz uso dela em diversos contextos de escrita de forma generalizada, como ocorre em: importante > emportante. Além desses, podem ocorrer também erros fonéticos ou de transcrição de fala e os de segmentação.

É importante salientar que ocorrências desse tipo são encontradas tanto na escrita de adultos quanto na escrita de crianças (SILVA, 2011; CAGLIARI, 2008; SANTOS; SANTOS; COSTA, 2013), evidenciando que há sistematização nessas ocorrências e que, em momentos de tensão e formalidade, os mesmos pontos são hipercorrigidos.

Assim, considerando as condições de produção do texto, um curso de formação docente, em que o “eu” (professor alfabetizador) escrevo para “ele” (representante da Universidade), em uma capacitação pedagógica, esse “eu” vai ter a inevitável preocupação em “acertar”, isto é, escrever aquilo que o “ele” espera que seja escrito e de forma correta. Partindo desse pressuposto, levamos em conta o imaginário social criado em torno da profissão docente e, a partir daí, justifica-se o fato do acontecimento da hipercorreção em alguns dos textos (SCREMIN; AIMIN, 2010, p. 123).

As autoras afirmam, portanto, que esse fenômeno ocorre devido à pressão do momento de produção textual, conforme mencionado acima, propiciando um número maior de ocorrências, visto que foi pedido aos colaboradores da pesquisa um texto formal e esses professores alfabetizadores sabiam que seriam avaliados por professores universitários, aumentando assim o grau de tensão desse momento.

Dessa forma, se faz imprescindível pontuar que nessa pesquisa,

os casos de hipercorreção mais freqüentemente atestados estão relacionados com os usos de construções gramaticais consideradas cultas, mas que não refletem as características sintáticas do português brasileiro (SCREMIN; AIMIN, 2010, p. 130).

Mourão (2010), em pesquisa intitulada *A hipercorreção na escrita formal: dilemas do revisor de textos*, aborda a problemática que circunda o fazer profissional dos revisores textuais em decorrência da presença de hipercorreção no texto de profissionais de diversas áreas em contextos formais de escrita. De acordo com a autora,

Usar uma língua em uma situação particular, em um contexto sociocultural específico significa fazer escolhas: entre, por exemplo, estruturas sintáticas, vocábulos, contornos entonacionais, entre uma oração na voz passiva e uma oração na voz ativa, entre uma expressão da norma culta e uma da linguagem afetiva, entre a primeira pessoa e a terceira pessoa do discurso (MOURÃO, 2010, p.163).

Para demonstrar como esse fenômeno linguístico causa dificuldades profissionais para o revisor, Mourão (2010) analisa as ocorrências de formas concorrentes cujos pares são provenientes de hipercorreção, elencando as prescrições contidas nos manuais de consulta acerca dessas formas, a saber: “dentre” e “entre”; “o mesmo” (formas flexionadas) e “esse” ou “este”; “tratar-se de” e “ser”.

a) “Dentre” / “entre”:

O que está sendo recorrente em vários textos escritos é o uso da forma “dentre”, menos natural cotidianamente, cujo significado remete a “do meio de” e traz, portanto, uma ideia de movimento. Essa variante está sendo utilizada nas mesmas acepções da forma “entre” havendo, de certa maneira, a exclusão da noção de movimento. “Esse uso indica uma redistribuição de significados entre os dois termos, de modo que o significado de “dentre” se amplia, abrangendo toda intenção de se destacar algo em meio a uma pluralidade de elementos, independentemente de esse algo que se destaca realizar ou não um movimento” (MOURÃO, 2010, p. 166).

b) “O mesmo” (ou formas flexionadas) / “esse” ou “este”:

“Esse” ou “este”, pronomes eminentemente adjetivos (como o pronome “mesmo” que a gramática reconhece), têm sido usados, com muita frequência, como pronomes substantivos em situações em que outros pronomes poderiam ser empregados, inclusive aqueles que são efetivamente substantivos, como é o caso de “ele” (MOURÃO, 2010, p. 170). O pronome “o mesmo”, no entanto, está sendo utilizado para desfazer a ambiguidade decorrente da falta de conhecimento das formas “esse” e “este”, substituindo, dessa forma, tanto pronomes pessoais quanto pronomes demonstrativos, o que foge ao seu escopo.

c) “Tratar-se de” / “ser”

Segundo a tradição gramatical, a expressão “tratar-se de” é classificada a partir da perspectiva do uso da palavra “se” como função de indeterminação do sujeito. No entanto, atualmente é possível encontrar essa expressão pluralizada (tratam-se de). De acordo com Mourão (2010, p. 174), esse fato ocorre devido “a expressão, cuja ocorrência era bastante restrita, dependendo de um contexto específico, ganha[r] pelo menos uma parte do ambiente

de emprego do verbo “ser”, alternando com ele em situações em que a norma da escrita culta é exigida”.

Os três casos anteriormente descritos

são resultados de hipercorreção, ou seja, constituem uma variação motivada pelo zelo excessivo com o registro formal e pelo desconhecimento das condições de emprego de formas características desse registro. Esses dois componentes implicam uma supervalorização dessas formas, que têm seu escopo ampliado. No nosso caso, é importante notar que quanto mais estranhas aos usos dos falantes parecem determinadas expressões linguísticas, mais chances elas têm de serem compreendidas como expressões típicas da escrita formal (MOURÃO, 2010, p. 174).

A análise desenvolvida nessa pesquisa está centrada na análise dessas variantes inovadoras encontradas na escrita formal de alunos, bem como em textos retirados de revistas e jornais, além disso, foram observadas as características das ocorrências encontradas e o que os manuais de consulta para os revisores afirmam sobre essas formas. Com esse intuito, ela traz uma breve discussão sobre as ocorrências não do ponto de vista normativo, mas sim do ponto de vista sociolinguístico, vendo as ocorrências como uma possibilidade de uso linguístico inovador que não geram estigmatização.

A autora finaliza seu trabalho assumindo que está “defendendo a ideia de que o revisor deve ser um profissional que entende a variação linguística como um fato incontornável sendo capaz de analisar os usos dos falantes/escritores observando sua adequação aos registros linguísticos e às instâncias discursivas” (MOURÃO, 2010, p.176).

Bortone & Alves (2014, p.129), em seu texto intitulado *O fenômeno da hipercorreção*, afirmam que um dos fatores que influencia a ocorrência deste fenômeno tanto na fala quanto na escrita é a mobilidade social, visto que

geralmente as pessoas que cometem erros de hipercorreção têm algum conhecimento da norma-padrão e estão preocupadas com o correto uso do idioma. São pessoas inseridas em um processo de mobilidade social, pois os indivíduos, quando aspiram mudar de classe social, deparam com uma modalidade social ascendente, sua competência no domínio dessas regras é menor (BORTONE; ALVES, 2014, p.129).

As autoras afirmam que, muitas vezes, as ocorrências de hipercorreção são vistas como invenção e parecem ser muito engraçadas, no entanto, os professores de língua portuguesa precisam estar atentos para que possam, a partir do conhecimento que o aluno já apresenta, descrever qual é o padrão vigente e o que o aluno está usando na realidade, visando desfazer a insegurança linguística que o aluno demonstra ter.

A hipercorreção é um fenômeno de linguagem muito comum entre pessoas que se deram conta da existência de ‘outro falar’ muito mais prestigiado que o seu. Essas

peças também desejam ser usuárias dessa forma prestigiada, do ‘falar mais correto’. Para tal, esforçam-se em ‘corrigir’ sua fala e acabam incorrendo no erro de corrigi-la demasiadamente (BORTONE; ALVES, 2014, p.131).

As referidas autoras desenvolvem uma discussão acerca desse fenômeno trazendo exemplos de textos que apresentam instâncias de hipercorreção produzidas por alunos. De acordo com as autoras, há a transposição dos hábitos da fala na escrita, ou seja, uma correção feita na fala do aluno pode levá-lo a imaginar que, na escrita, devido à formalidade latente e à possível correção e avaliação do docente, as formas deverão ser bem diferenciadas daquelas que ele usa em sua fala cotidiana. As hipercorreções encontradas foram subdivididas da seguinte forma:

a) Hipercorreção decorrente do abaixamento das vogais altas:

(6) É **enchrível** o número de mortos nas últimas tragédias do mundo.

(7) As autoridades tiveram todo o **coidado** de retirar os habitantes.

b) Hipercorreção decorrente da ditongação:

(8) Para que o resgate **fousse** efetuado, seria necessário mais tempo.

c) Hipercorreção decorrente do uso da consoante velar em detrimento da vogal ou semivogal:

(9) Todos **escultam** o programa com atenção até o fim.

(10) [...] porque é muito importante ter informações do **altor** e dos acontecimentos.

d) Recuperação do [r] em final de palavra:

(11) Ele **dar** comida aos peixinhos.

e) Hipercorreção na colocação pronominal:

(12) A praga que alastrava-**se** pelo pomar.

(13) Eu não **lhe** vi ontem.

(14) Esses foram os alunos que a diretora **os** entrevistou ontem.

f) Hipercorreção na concordância nominal:

(15) [...] nós nos saímos **bens**.

(16) No meio do ano é época de comer pés de **moleques** todo dia.

(17) Eu comprei uns pães de **sais** na padaria.

g) Hipercorreção na concordância verbal:

(18) A gente já **sabemos** que os problemas mundiais [...].

(19) O casal não **tinham** a menor possibilidade de continuarem juntos.

(20) **Haviam** muitas pessoas na festa.

h) Hipercorreção na regência verbal:

(21) Muitas coisas **de** importantes ocorreram em minha vida [...].

(22) Devemos ter amor **em** todas as pessoas.

As ocorrências anteriormente mencionadas refletem que há o conhecimento da regra, no entanto, devido à insegurança dos usos já corrigidos na sua fala e do imaginário social permeado pela correção e busca pelo padrão linguístico influenciado pelas nossas escolas, esses alunos produzem formas que não pertencem nem a norma padrão idealizada nem ao seu uso cotidiano. Dessa forma, para Bortone & Alves (2014), fica evidente que os professores precisam identificar as hipercorreções e, por meio de estratégias pedagógicas, promover o acesso dos alunos a esse caminho em busca da apropriação da escrita formal.

Apesar de analisarem textos escritos por colaboradores tão diferentes socialmente, alguns pontos são comuns em todas as pesquisas anteriormente descritas: o imaginário que permeia a escrita formal, que pode ser observado pela necessidade de distanciamento das formas utilizadas cotidianamente em nossa fala e escrita informal; assim como, a manutenção do *status* do colaborador como alguém que conhece o padrão culto do Português Brasileiro, impulsionado pelo imaginário social referente à sua profissão ou escolaridade. Esses pontos se mostram importantes para o delineamento dessas ocorrências, bem como para seu entendimento enquanto um fenômeno recorrente tanto na escrita de adultos quanto na escrita de crianças. Além disso, podemos observar nos dados trazidos por essas pesquisas que os aspectos hipercorrigidos são aqueles que sofrem correção explícita socialmente e que, por conseguinte, serão mais observados em momentos de tensão e formalidade.

1.1.2.2 Hipercorreção no Português Brasileiro Falado

Os trabalhos de Labov (2008[1966] e [1962]), mencionados anteriormente, servem de aporte teórico-metodológico para o entendimento da hipercorreção como fenômeno sociolinguístico em dados de fala. A partir desses trabalhos outros estão sendo feitos em

várias línguas, tais como o Mandarim falado em Taiwan (CHUNG, 2006), o Húngaro (PLÉH, 1995), no entanto, no Brasil, as pesquisas que se debruçam a respeito dessa temática em dados de fala ainda possuem número reduzido. Muitos pesquisadores afirmam haver certa dificuldade em estudar esse fenômeno tão intrigante, devido a sua natureza multifacetada que implica pouca previsibilidade na fala, além de ser necessário um volume considerável de dados para que ocorram algumas instâncias. Nessa subseção, destacaremos alguns estudos sobre instâncias de hipercorreção encontradas no Português Brasileiro falado até o presente momento (CAMACHO, 1993; CASTRO, 2000; RIBEIRO, 2007; SILVA, 2008; CASTILHO, 2009; PEREIRA, 2010; BORTONI-RICARDO, 2011; SILVA, 2011).

Em um trabalho intitulado *Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado*, Camacho (1993) analisa por meio de fatores linguísticos a Concordância Verbal, doravante CV, em uma variedade culta falada na cidade de São Paulo. Foi possível encontrar “algumas incidências marginais de uma aplicação excessiva da regra, hipercorreção motivada, talvez, por pressão normativa, correspondentes a índices de 1,5% e 2,1%, respectivamente” (CAMACHO, 1993, p. 107), conforme fica exemplificado com os casos abaixo:

(23)...**a documentação das confrarias religiosas... que eram** um manancial riquíssimo... (EFSP-156, p. 85)

(25) ele imagina **um casal de jovens que vão** assistir um filme americano médio... (EF-SP-153, p. 109)

Camacho (1993, p.110) afirma que os exemplos acima “representam casos de hipercorreção, tendência quase exclusiva de falantes cultos, considerando-se aqui como termo de comparação a forma padrão tal como se apresenta nas gramáticas normativas”. É interessante notar que o referido pesquisador assume que a hipercorreção se faz presente justamente na fala daqueles mais cultos, seus dados foram coletados em eventos tensos de fala coloquial, o que demonstra que esse momento marcado pela tensão/formalidade também pode estar motivando essas ocorrências.

No trabalho intitulado *Atlas linguístico do Paraná: casos de hipercorreção*, Castro (2000) discute os casos de hipercorreção encontrados em cartas. Os vocábulos que apresentaram hipercorreção foram: árvore, teia de aranha e arco-íris tendo sido realizados

respectivamente como: *auvore*, *alvore*, *telha de aranha* e *auco-íris* ou *alco-íris*. De acordo com Castro (2000), essas variantes

[...] não são propriamente formas típicas da linguagem popular nem tampouco da variedade padrão. Correspondem ao que se denomina, tecnicamente, hipercorreção ou ultracorreção ou superurbanismo e representam tentativas mal sucedidas de reprodução da variedade padrão (CASTRO, 2000, p.252).

A autora analisou os fatores extralinguísticos: sexo, escolaridade e idade. A variável sexo não demonstrou estar relacionada ao favorecimento ou desfavorecimento dos casos de hipercorreção, no entanto, as mulheres apresentaram uma frequência de uso um pouco maior. No que se refere à escolaridade, os analfabetos (MOBRAL) apresentaram maior frequência de uso sinalizando que o fator extralinguístico em questão favoreceu o uso de hipercorreção. No que diz respeito ao fator extralinguístico idade, Castro (2000) afirma que este merece ser analisado com mais cuidado para que se possa ter certeza acerca da sua influência em relação ao fenômeno em estudo.

Ribeiro (2007), em sua dissertação acerca do *alçamento das vogais postônicas não finais no português de Belo Horizonte - Minas Gerais: uma abordagem difusionista*, encontrou alguns casos que não correspondiam às suas hipóteses, esses casos se configuraram como *abaixamentos*, “integraram o abaixamento casos em que as palavras que possuem a vogal alta na posição postônica não final são pronunciadas com a vogal média alta na referida posição” (RIBEIRO, 2007, p.147).

A autora afirma que esses casos podem ser classificados como hipercorreções, visto que percorrem o caminho contrário ao que acontece no alçamento, ou seja,

palavras que possuem a vogal alta na posição postônica não final são pronunciadas com a vogal média alta na referida posição. Dessa forma, um vocábulo como *nó.du.lo* é pronunciado como *nó.do.lo*, *ver.mí.fu.go* como *ver.mí.fo.go*, e ainda realizações do tipo *fri.go.rí.fe.co* para *fri.go.rí.fi.co*. Todos (sic) casos de hipercorreção (RIBEIRO, 2007, p.28).

Ocorrências como essas também foram encontrados na escrita, conforme vimos nos dados de Bortone & Alves (2014) e Scremin & Aimin (2010), o que demonstra haver correspondência entre esses usos, propiciando ao pesquisador observar a dinâmica desse fenômeno nessas modalidades, além de possibilitar a previsibilidade de hipercorreção em determinados contextos.

Silva (2008) aborda em sua dissertação sobre *O uso de particípio em formações verbais no português do Sul do Brasil*, a produtividade das formas irregulares do particípio e o papel da hipercorreção na produção dessas ocorrências.

A hipercorreção a qual Silva (2008) faz referência é aquela encontrada em “situações como a da criação dos participios irregulares para os verbos *chegar*, *ficar* e *salgar*”. Essas formas são, segundo Silva (2008, p.40), motivadas por questões sociais, “uma vez que as formas irregulares detêm o status de formas pertencentes ao léxico das pessoas com um nível sociocultural mais elevado. Assim, a fim de alcançar o mesmo *status*, alguns falantes criam novos participios irregulares, incorrendo, na maioria das vezes, num fenômeno de hipercorreção”.

(26) Ele tinha **chego**, quando sai.¹⁷

(27) Lúcia tinha **salgo** a comida ontem.

Segundo Britto (1997, p.50 apud SILVA, 2008, p.32),

Este ajuste se faz em todos os níveis linguísticos, podendo ocorrer tanto conscientemente, quando um falante intervém no discurso de outro para apresentarlhe um determinado padrão, seja de pronúncia, seja de uso de uma expressão determinada, como inconscientemente, quando o próprio falante tenta ajustar sua fala à de seus parceiros. Trata-se evidentemente de um processo de construção de identidade e valor linguístico.

Esse tipo de ocorrência também é justificado pela ascensão social, pois vem se configurando em um comportamento característico não só de pessoas que não têm escolaridade, mas daquelas que estão ingressando, por exemplo, no ensino superior, diferentemente do que vinha sendo defendido por outros teóricos (CRYSTAL, 1985, p.138).

A amostra analisada foi retirada do Banco de dados do VARSUL, sendo composta por dados de fala de 24 informantes, monolíngues e residentes em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Os fatores extralinguísticos analisados foram: escolaridade (até 4 anos de escolaridade / 8 a 11 anos de escolaridade) e localização geográfica (Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis). Os fatores linguísticos analisados foram: conjugação verbal, forma verbal empregada na formação do tempo composto e na formação da voz passiva, quantidade de sílabas da forma verbal, tonicidade do contexto seguinte (Tônico/ átono/ vazio).

Após analisar a alternância entre o participio regular e irregular, a questão da produtividade da forma irregular e a sua associação com o fenômeno de hipercorreção foi demonstrada, Silva (2008) conclui que “o aumento da produtividade destas formas irregulares é a tentativa do falante de superar-se no seu próprio modo de falar”.

¹⁷ Exemplos de nossa autoria utilizados para facilitar o entendimento da discussão proposta em Silva (2008).

Corroborando com o que Bortone & Alves (2014) afirmam, a partir da observação de dados de escrita, a hipercorreção relacionada ao uso do particípio regular e irregular é um ponto de atenção dos falantes que procuram corrigir as formas tradicionais para se adequarem à variedade mais formal idealizada socialmente.

Castilho (2009, p.4), em texto para o Museu da língua portuguesa, elenca vários fenômenos que diferenciam o português culto do português popular. De acordo com o autor, a hipercorreção pode ser encontrada quando observamos as diferenças entre a variedade considerada culta e a variedade considerada popular do PB no que se refere à simplificação da morfologia de pessoa, dadas às alterações no quadro dos pronomes pessoais, reduzindo-se a conjugação a apenas duas formas diferentes:

Quadro 1- Paradigma flexional do Português popular

PARADIGMA FLEXIONAL DO PORTUGUÊS POPULAR	
Eu	FALO
Tu/Você	FALA
Ele/Ela	FALA
A gente/ Nós	FALA/ FALAMOS*
Vocês	FALA
Eles/Elas	FALA

Fonte: Adaptação de Luchesi (2001, p. 118).

Desta feita, para evitar o estigma associado à falta de CV, o falante faz essa marcação mesmo em contextos em que isso não é requerido, por hipercorreção, portanto, podemos encontrar tanto na fala quanto na escrita construções como: **A gente falamos**. Essa forma é muito comum na fala de pessoas com nível de escolarização baixo, no entanto, quando ocorre na fala/escrita de pessoas com nível superior ela se torna um índice de hipercorreção já que essas pessoas têm o conhecimento da norma que rege a concordância entre essa forma pronominal e qualquer sintagma verbal.

Pereira (2010), em pesquisa intitulada *Uso de formas pronominais no português popular de São Paulo: instâncias de hipercorreção e de duplicação*, objetiva realizar uma análise qualitativa de instâncias de hipercorreção e de duplicação no uso de pronomes.

O conceito de hipercorreção adotado pela autora está fundamentado nos estudos de Labov,

uma das definições que Labov (1991, p.126) apresenta para o termo ‘hipercorreção’ é a seguinte: ‘aplicação irregular e equívoca de uma regra imperfeitamente aprendida’. A hipercorreção está ligada ao exagero e se caracteriza pela generalização de uma determinada forma para outras unidades linguísticas que não a requerem (PEREIRA, 2010, p.60).

Os dados analisados fazem parte do Projeto Português Popular de São Paulo e foram constituídos por 72 inquiridos. Os informantes selecionados eram adultos de ambos os sexos, analfabetos ou de baixa escolaridade (até 4ª série primária), paulistanos e migrantes do interior de São Paulo e de outros estados brasileiros, todos eram moradores de favelas da capital paulista. As entrevistas foram gravadas entre os anos de 1986-1987 e entre 1997-2001.

As hipercorreções encontradas nos dados de Pereira (2010) estavam relacionadas ao uso dos pronomes reflexivos, o que as difere é o tipo de verbo presente e o contexto da oração:

a) Com verbos intransitivos que não se empregam reflexivamente.

(28) Ficaria mais policiamento (...) não teria muitas coisa que **se** acontece hoje em dia certo?

(29) Tem que **se** havê o interesse se não hai então.

(30) Eu vim **me** adoecê mais aqui em São Paulo do que lá.

b) Com verbos transitivos que não se empregam reflexivamente.

(31) E eu sei que **me** escapei de todos três. (I.9, p.11)

c) Com verbos que podem ser utilizados em construções reflexivas, mas que naquele uso específico não se constroem reflexivamente.

(32) Eu **me** sinto que lá é bem né?

(33) Você não **se** dispõe de um dinheiro pra fazê.

(34) E eu **me** trato com todo mundo.

d) Em contextos não reflexivos (com dois referentes distintos, na posição de sujeito e objeto).

(35) Aquele o mundo **se** acabo com ele.

(36) Ninguém **se** sabe nada nosso futuro.

e) Em contextos de indeterminação com preenchimento do sujeito.

(37) Você não **se** fala isso nego você não **se** fala isso.

(38) A turma já **se** limpa as casa.

Segundo Pereira (2010), os dados refletem o fato de que o falante do português popular pode utilizar o pronome reflexivo em uma ampla variedade de contextos que não o requerem. Esse fato intriga a pesquisadora, visto que se o contexto não requer determinada construção, por que então esse uso ocorre. A existência desses casos, afirma Pereira (2010), deve-se também ao fato de que a variável é altamente saliente, ou seja, ela se tornou objeto de atenção por parte dos informantes. Sabemos que há um estímulo para o uso desse tipo de construção, como um modelo de fala culta. No entanto, há contextos em que isso não é esperado/previsto. Toda a discussão da autora gira em torno do uso desnecessário de determinadas formas linguísticas, que já estão, inclusive, em desuso no PB.

Pereira (2010, p.63), conjectura que

a hipercorreção talvez possa ocorrer de forma inconscientemente e que ela constituiria um indício de mudança linguística, mostrando que os falantes já não são capazes de distinguir os contextos que requerem ou não o uso do pronome reflexivo.

Bortoni-Ricardo (2011, p.49), em seu livro *Do campo para a cidade*, apresenta ocorrências de hipercorreção relacionadas à pronúncia de alguns fonemas caracterizados como marcas estereotipadas do português popular. Segundo a autora, os colaboradores tendem a usar “as variantes elevadas nos estilos informais e a ‘corrigir’ a pronúncia em estilos formais. As vogais médias altas /e/ e /o/ são consideradas mais aceitáveis do que /i/ e /u/, respectivamente, em posição pretônica”. Essas ocorrências são provenientes do imaginário de correção social que está permeando a fala desses colaboradores, sendo “também fonte de hipercorreção, que muda as iniciais /i/ e /u/ em /e/ e /o/, respectivamente”.

(39) /u'zina/ : /o'zina/

De acordo com Bortoni-Ricardo (2011, p.77), a vocalização da consoante aproximante lateral palatal vozeada também se tornou um claro estereótipo caipira no sentido usado por Labov (1972:180). No processo de urbanização de sua fala, os migrantes rurais parecem tornar-se logo conscientes do estigma associado à variável e, muitas vezes, recorrem a hipercorreções, tais como as seguintes:

(40) /maj'or/ : /ma'lor/ 'maior'

(41) /'fia/ : /'fiʌa/ 'ela fia'

Silva (2011), em sua dissertação intitulada *A hipercorreção na fala de desempregados da cidade de Maceió/AL*, investigou os casos de hipercorreção tomando como parâmetros os fatores extralinguísticos sexo e idade. Os informantes foram agrupados em duas faixas etárias (17 a 30 e 31 a 55 anos), as idades foram justificadas devido à entrada e à saída dos colaboradores no mercado de trabalho e à pressão social que eles sofriam por estarem nessa condição.

Os dados foram coletados no Sine¹⁸/AL durante dois meses, a pesquisadora utilizou para tal fim a sala do diretor do referido órgão e entrevistou os informantes acerca do desemprego, das suas experiências e qualidades profissionais.

As hipóteses de Silva (2011) eram de que os falantes mais novos e do sexo feminino utilizariam mais hipercorreções em suas falas, visto que por estarem iniciando no mercado de trabalho, pela pressão social e recente escolarização, esses falantes estariam mais voltados a utilizar uma variedade mais próxima do padrão linguístico. Com relação ao sexo feminino, a hipótese foi respaldada pelos inúmeros estudos que mostram que as mulheres são mais sensíveis às correções sociais e ao uso da variedade padrão, o que as fariam hipercorrigir mais suas falas.

No entanto, a pesquisadora obteve resultados diferentes do esperado, as mulheres produziram menos casos que os homens, apresentando um percentual de aplicação desse fenômeno de 32% contra 68% de aplicação para o sexo masculino, a exemplo de:

(42) L22- Porque não tava **combatendo** com a função que foi chamado trabalhá de motorista cheguei lá era serviços gerai aí num dava condição não deu me sustenta tem minha idade já ta xxx aí **condição** de motorista tudo bem mai quando ele pediu nego de fazê serviços gerai aí.
[L22M2]

Para a análise da variável idade, Silva (2011) partiu do pressuposto de que os falantes da primeira faixa etária (17 e 30 anos de idade) produziram mais casos de hipercorreção que os que estão na segunda faixa etária (31 e 55 anos). A presença da hipercorreção alcançou um percentual de 27% para a primeira faixa etária enquanto a segunda faixa obteve um percentual de 73%.

Silva (2011) também propôs uma classificação para os casos de hipercorreção encontrados em seus dados com o intuito de demonstrar que esse tipo de fenômeno pode ocorrer em todos os níveis de análise linguística.

¹⁸ Sistema Nacional de Emprego

As hipercorreções fonéticas foram as mais recorrentes apresentando um percentual de 32% de aplicação, correspondendo a onze ocorrências em um total de trinta e quatro casos. As hipercorreções fonéticas ocorreram de duas formas no *corpus*: por redução/truncamento ou por modificações. Sendo comum aos dois casos, a modificação dos sintagmas de tal forma que, fora de contextualização, não se teria como resgatar o seu significado convencional.

(43) L3- Eu — é — assim eu **premero** ia estudá bastante e sê otra coisa melhô ia trabalha de vendedora né de de de casa de família mais o ia sê professora médica alguma coisa assim. [L3F2]

(44) L8- Tenho **previlégio** daquela pessoa me espelho por ela por isso que eu queria tê pra não depende de ninguém só isso. [L8M1]

(45) L8- Assim as pessoa que eu tenho dificuldade de trabalhá são essas pessoa que manda você fazê uma coisa um exemplo aí eu tô trabalhando num hotel num restaurante tô colocando as toalha lá né os cobre mancha aí vô **desterizá** os talher e tudo ai vai tô nu setô me passa pa outro vô pu bá da praia trabaiá de barman. [L8M1]

(46) L7- Não só foi isso mesmo queu disse que a mulher disse queu tomasse remedo pra **sorticar** que eu tava ficando veia rapaiz isso é coisa que se diga num é sei não. [L7F2]

As hipercorreções morfológicas foram as menos recorrentes, totalizando 17% de aplicação, ocorrendo, principalmente, pelo uso de afixos tanto em sintagmas verbais como nominais, os casos somaram seis em um total de trinta e quatro.

(47) L1- Converso né explico aí a pessoa num gosta e você **reconversa** explica ai uma hora vai gostá. [L17F1]

(48) L22- Foi preconceito foi **rebaxismo** e essas coisa toda. [L22M2]

As hipercorreções semânticas tiveram um percentual de 25% e ocorreram com maior frequência em sintagmas nominais. São, em sua maioria, termos que foram utilizados fora de sua significação convencional.

(49) L8- Eu num chego num ambiente onde tem muita pessoa chamo ele a parte ou qualqué momento queu tivé **situado** com ele perto dele eu digo oia naquele dia ali tu deu um erro pá: conserta aí por favô é se quisé tomá tudo bem se não quisé normal. [L8M1]¹⁹

¹⁹ **Situado** se refere à palavra sentado.

(50) L21- Eu falo assim poque já aconteceu comigo já né de um rapaiz chegá lá pa trabalhá um senhô eu trabalhando e o rapaiz **impressionando** tal tal tal aí parava a maquina começava aquela disputa. [L21M2]²⁰

(51)L22- Porque não tava **combatendo** com a função que foi chamado trabalhá de motorista cheguei lá era serviços gerai aí num dava condição não deu me sustenta tem minha idade já ta xxx aí condição de motorista tudo bem mai quando ele pediu nego de fazê serviços gerai aí. [L22M2]²¹

As hipercorreções sintáticas apresentaram um percentual de 26%, para um fenômeno de pouca incidência, as ocorrências corresponderam a casos que demonstravam haver uma necessidade de utilizar formas para regularizar tanto a marcação da concordância nominal, quanto da conjugação verbal.

(52)L21- Que a gente não tem ai querem ser mais isso ai pa mim eu num to ligando por que a **gente somo** a mesma coisa um do outro. [L21M2]

(53) L21- Presta atenção no operado mais velho que ta lá dento pa sê um operado caso chegando agora a **gente vamo** pronto eu to nessa empresa há dez ano. [L21M2]

Os exemplos de Silva (2011) demonstram que a hipercorreção além de ser um fenômeno que ocorre pelo uso indiscriminado de determinado traço linguístico valorizado socialmente, pode também se configurar em ocorrências não convencionais na fala dos informantes que estão tentando usar uma variedade mais prestigiosa para se adequar ao jogo social da formalidade requerido e reiterado em momentos de entrevista formal.

As ocorrências trazidas aqui servem de base para que outros pesquisadores possam notar que algumas discrepâncias encontradas nos dados podem ser, na verdade, um fenômeno sociolinguístico, cuja motivação social é crucial para sua ocorrência. Um dos pesquisadores acima afirma que “a hipercorreção nem sempre é facilmente detectada, já que o próprio analista pode ficar em dúvida” (PEREIRA, 2010, p.64).

As hipercorreções demonstram, muitas vezes, um reforço contrário ao que ocorre naturalmente na língua, pois como muitos trabalhos atestam, o uso do clítico é cada vez mais raro, a marcação de plural ocorre principalmente no elemento que ocupa a primeira posição do sintagma, mas os casos de hipercorreção mostram uma forma contrária que, na verdade, absorve os parâmetros que estão em variação e são mais notados na língua, reforçando-os e

²⁰ **Impressionado** se refere à palavra pressionado.

²¹ **Combatendo** se refere à palavra compatível.

utilizando-os até mesmo em contextos em que não se deve utilizá-los, obedecendo somente os limites impostos pela sua comunidade de fala e pela própria estrutura da língua.

A idealização e o imaginário social que permeiam os usos linguísticos em contextos de formalidade parecem ser o ponto fulcral entre esses estudos, fica evidente também a influência da tradição escolar na reiteração de usos mais próximos ao padrão culto que exaspera crianças e adultos de todas as idades a se apropriarem de formas condizentes com o que é idealizado como modelo a ser seguido, mas que não faz parte do uso cotidiano dessas pessoas. Como podemos observar no quadro a seguir, o fenômeno de hipercorreção é multifacetado, vários pesquisadores que se detiveram a explicar a respeito desse tema encontraram resultados que convergem para os aspectos mais corrigidos em nossa fala/escrita.

Quadro 2- Sumário dos estudos acerca da hipercorreção em dados de escrita e fala focalizando as ocorrências encontradas

AUTOR	LOCAL	MODALIDADE	ANO	TIPO DE HIPERCORREÇÃO
Labov	Martha's Vineyard & Nova York	Fala	1962 & 1966	- Uso de determinado traço fonético acima do que é esperado para a classe média alta, apresenta um viés quantitativo.
Scremin & Aimin	Interior do Piauí	Escrita	2010	- Hipercorreção no uso de relativas preposicionadas; - Marcação de concordância em advérbios de intensidade; - Marcação de concordância no objeto direto da oração; - Ortografia equivocada relacionada, principalmente, ao abaixamento da vogal alta anterior não arredondada.
Mourão	Não mencionado	Escrita	2010	- Hipercorreção entre os pares: “Dentre” e “entre”; “o mesmo” e “esse” ou “este”; “tratar-se de” e “ser”.
Bortone & Alves	Não mencionado	Escrita	2014	- Hipercorreção decorrente do abaixamento da vogal alta, ditongação, uso da consoante velar em detrimento da vogal ou semivogal, recuperação do [r] final, colocação pronominal, concordância nominal, concordância verbal, regência

				verbal.
Camacho	São Paulo	Fala	1993	- Hipercorreção na marcação de CV.
Castro	Paraná	Fala	2000	- Hipercorreção na produção de três vocábulos: árvore, teia e arco-íris.
Ribeiro	Belo horizonte	Fala	2007	- Hipercorreção referente ao abaixamento das vogais altas.
Silva	Porto alegre, Florianópolis e Curitiba	Fala	2008	- Hipercorreção quanto à criação de participios irregulares para as formas verbais: chegar, ficar e salgar.
Castilho	Não mencionado	Fala e escrita	2009	- Hipercorreção decorrente do uso da forma “A gente vamos”.
Pereira	São Paulo	Fala	2010	- Hipercorreção referente ao uso dos pronomes reflexivos com verbos intransitivos que não se empregam reflexivamente, com verbos transitivos que não se empregam reflexivamente, com verbos que podem ser utilizados em construções reflexivas, mas que naquele uso específico não se constroem reflexivamente, em contextos não-reflexivos, em contextos de indeterminação com preenchimento de sujeito.
Bortoni-Ricardo	Brazlândia	Fala	2011	- Hipercorreção referente ao abaixamento das vogais altas.
Silva	Maceió	Fala	2011	- Hipercorreção dividida por níveis de análise: fonética, sintática, morfológica e semântica.

Os dados explicitados, por conseguinte, foram, em sua maioria, coletados em comunidades de fala e abordam fatores linguísticos e extralinguísticos que estão influenciando as ocorrências. No entanto, pudemos notar que o número de estudos que abordam essa problemática ainda é muito reduzido se comparado a outros fenômenos linguísticos, bem como que não há estudos que se debruçam acerca do entendimento da hipercorreção em comunidades de prática, com vistas a delinear o significado social dessas instâncias nesse *locus*.

Em observância aos trabalhos aqui apresentados, a concepção de hipercorreção que iremos adotar é a de um fenômeno que, em consonância a sua natureza multifacetada, se mostra muitas vezes camuflado, não sofre estigmatização social, seria mais próximo ao termo denominado *hipercorreção estrutural*, contudo nem sempre será característico haver a aplicação indiscriminada de uma regra mal apreendida, pois a hipercorreção poderá ocorrer

também pelo uso de formas não tradicionais de construções linguísticas e até mesmo pela criação de novos vocábulos, podendo fornecer ao pesquisador subsídios para observar o significado social que o monitoramento e a correção linguística exercem nos membros do *lócus* em que ela emerge.

A partir dessa concepção, elencamos as ocorrências e buscamos demonstrar que elas refletem novas possibilidades de significação e usos, pois, na comunidade de prática estudada nesta tese, essas formas ganham um estatuto diferenciado sendo um índice de valoração da fala do Pastor.

É por meio desses estudos e delineamentos que objetivamos analisar o fenômeno da hipercorreção na fala de Pastores pertencentes a uma comunidade de prática do estado de Alagoas com o intuito de ampliar os estudos acerca dessa temática utilizando para tanto o quadro teórico e metodológico proposto pela sociolinguística, principalmente, no que se refere à tendência de estudos da terceira onda (ECKERT, 2012).

1.2 Fundamentação Teórica

Tem se feito progresso considerável graças a essa abordagem na análise da língua, mas em diversas áreas atingimos um ponto onde se exige uma abordagem diferente, em que os aspectos variáveis da língua se tornem o foco principal de nossa atenção, e não os aspectos invariantes (LABOV, 2008[1972], p.151).

Nesta subseção, apresentamos a fundamentação teórica utilizada nesta tese, a saber, a Sociolinguística, seus delineamentos e subdivisões, com vistas a discutir de forma breve alguns conceitos relevantes para essa subárea da linguística, os quais serão utilizados para o entendimento do fenômeno em estudo. Dessa forma, abordamos o advento da Sociolinguística, a subdivisão tradicional e a subdivisão em ondas de análise de acordo com a proposta de Eckert (2012). Enfatizamos também as possibilidades de escolha do *locus* para coleta de fala e escrita e sua implicação no tratamento dado à variação linguística e à construção da *persona*.

1.2.1 Advento da Sociolinguística

Aspectos referentes à língua/linguagem são, desde os primórdios, debatidos e delimitados a partir de vários pontos de vista, confirmando a célebre citação do mestre genebrino que afirma que “é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2013[1916], p. 39). Desta feita, os enfoques atuais que se destinam a esse debate trazem em seu cerne a mesma problemática, a saber, a necessidade de compreender tal característica inerente aos seres humanos, cada um dos quais não é excludente nem antagônico, porquanto se complementam e dialogam entre si.

Em meio a esses pontos de vista, encontramos aqueles que objetivam analisar a estrutura das línguas, ou que focalizam a questão ideológica que refletem/refratam determinadas ideologias, outros que procuram evidências que corroborem com seus estudos no que diz respeito à questão da aquisição da linguagem e gramática universal, cada um desses pontos de vista, contudo, trazem à tona considerações que são coerentes com seu *mister*.

A influência de fatores sociais nos usos linguísticos referentes tanto à língua falada²² quanto à escrita também é levada em consideração, abrindo caminhos para o debate de

²²A LIBRAS está incluída na agenda de estudos desse ponto de vista conhecido como Sociolinguística variacionista ou Teoria da variação linguística.

questões concernentes à variação e mudança linguísticas inerentes a toda e qualquer língua natural.

No século XX, os estudos linguísticos eram baseados na invariabilidade e na regularidade (CHAMBERS, 1996, p.41). A unidade de análise antes discreta, invariável e qualitativa é deixada como objeto de um viés, que passa a estudar um objeto variável, contínuo e quantitativo obtido por meio da análise de dados reais de fala gravados por meio de observações sistemáticas ou entrevistas.

É variável porque é realizada diferentemente em diferentes circunstâncias; é contínua porque certas alternativas recebem significação social conforme a distância ou a diferenciação fonética em relação à forma padrão; é quantitativa porque a variável é determinada pela frequência relativa de suas variantes (CAMACHO, 2013, p.48).

Antes da inauguração oficial desse novo campo de estudos, Meillet²³ (1906) já apontava para a tendência da inserção do estudo da variação linguística como um aporte para o método então vigente.

Meillet, contemporâneo de Saussure, pensava que o século XX veria a elaboração de um procedimento de explicação histórica fundado sobre o exame da variação linguística enquanto inserida nas transformações sociais (1921). Mas discípulos de Saussure, como Martinet (1961), aplicaram-se a rejeitar essa concepção, insistindo fortemente em que a explicação linguística se limitasse às inter-relações dos fatores estruturais internos. Com essa atitude, aliás, eles estavam seguindo o espírito do ensino saussuriano. Com efeito, um exame aprofundado dos escritos de Saussure mostra que para ele, o termo social significa simplesmente ‘pluri-individual’, nada sugerindo da interação social sob seus aspectos mais gerais (LABOV, 2008[1972], p.217).

Dessa feita, Meillet ancorado nos pensamentos da sociologia emergente propõe um caráter inovador, uma abordagem social da linguagem, segundo ele, “tal abordagem deveria se ocupar com o estudo do desenvolvimento da linguagem, buscando conciliar os estudos da mudança linguística com os estudos da estrutura da sociedade em que esse elemento se desenvolve” (MARRA; MILANI, 2012, p.69). Essas ideias e considerações referentes ao caráter social da língua/linguagem perpassaram e se difundiram no pensamento de tantos outros linguistas conceituados.

Essas conjecturas foram sendo então amadurecidas e repensadas culminando, dessa forma, no que chamamos de marco de inauguração de uma nova disciplina dentro dos estudos linguísticos no ano de 1964.

²³ A abordagem desenvolvida por Labov é declaradamente uma tentativa de colocar em prática as declarações de Meillet e de seus discípulos. Para estes, a língua como um fato social deveria ser estudada no contexto social e que tal estudo tinha de levar em consideração a estrutura da sociedade como o elemento que explicaria as variações e mudanças de uma língua (MARRA; MILANI, 2012, p.88).

Em uma conferência, organizada por William Bright, realizada em Los Angeles (UCLA) durante os dias 11 e 13 de maio de 1964, na qual estavam presentes 25 pesquisadores de renome²⁴, nasceu o termo *sociolinguística*. Nesse momento, essa conceituação fazia referência à perspectiva conjunta assumida por linguistas e sociólogos frente aos estudos da linguagem (CALVET, 2002, p.21).

Na conferência anteriormente citada, vários temas foram abordados, desde a etnografia da variação linguística (Gumperz), o planejamento linguístico (Haugen), a hipercorreção como fator de variação (Labov), as línguas veiculares (Smarin, Kelley), o desenvolvimento de sistemas de escrita (Sjoberg), a equação de situações sociolinguísticas dos Estados (Ferguson); as temáticas, como podemos observar, exigiram referenciais teóricos também variados. Camacho (2013, p.35) afirma que

as três últimas décadas assistiram ao interesse cada vez mais crescente pelo estudo da linguagem em uso no contexto social, mas os diversos enfoques que se abrigaram sob o rótulo sociolinguística vêm cobrindo, desde o início, uma grande variedade de assuntos.

Esse momento culminou com a publicação do livro intitulado *Sociolinguistics* (BRIGHT, 1974), que hoje é tido como uma importante referência para aqueles que desejam conhecer os primeiros passos dados dentro dessa subárea da linguística.

Bright (1974) concebe a sociolinguística como sendo um novo campo de estudos da língua cujo objetivo é complementar a linguística ou a sociologia e a antropologia. Segundo Calvet (2002, p.22), essa subordinação vai aos poucos sendo diluída por Labov.

De acordo com os pensamentos de Bright (1974), em artigo intitulado ‘*As dimensões da sociolinguística*’, os estudos nessa subárea deveriam abordar as seguintes dimensões (BRIGHT, 1974, p.18-21):

- Oposição sincronia/diacronia;
- Os usos linguísticos e as crenças a respeito dos usos;
- A extensão da diversidade, com uma tríplice classificação: multidialetal, multilingual ou multissocietal;
- As aplicações da sociolinguística, com mais uma classificação em três partes: a sociolinguística como diagnóstico de estruturas sociais, como estudo do fato sócio-histórico e como auxílio ao planejamento.

²⁴Dentre os quais 8 eram de UCLA (organizadora do evento), 15 americanos e 2 da Iugoslávia (temporariamente em UCLA). 13 dos participantes apresentaram comunicações (CALVET, 2002, p.20).

Tradicionalmente, a sociolinguística é dividida em três principais campos de atuação, os quais são diferenciados devido a nuances no que se refere à abordagem do fato social e da sua correlação com os fenômenos linguísticos. Essa subdivisão se configura até mesmo pela existência de revistas diferenciadas que divulgam os trabalhos de cada uma dessas subáreas²⁵, demonstrando que esse campo se filia a um determinado ponto de vista com relação aos estudos da língua/linguagem, mas também por seu objeto permitir, inclusive, adotar outras perspectivas devido ao estudo mais aprofundado das interferências e correlações da língua com o *fato social*, assim como o tipo de metodologia adotada para a constituição do *corpus*. Esses campos são denominados de sociologia da linguagem, etnografia da fala e sociolinguística variacionista.

A *Sociologia da linguagem* (FISHMAN, 1974) busca evidenciar, através dos dados linguísticos, fatos não linguísticos que interessam às ciências humanas e faz da linguística social um setor particular dessa área lidando, portanto, com fatores sociais de larga escala e sua interação mútua com línguas e com dialetos.

A *Etnografia da fala* ou *Etnolinguística* (HYMES, 1964) foi uma disciplina fundada pelas pesquisas da escola americana a partir das hipóteses de Sapir-Whorf que afirma que

os seres humanos não vivem sozinhos nem no mundo objetivo e tampouco no mundo da atividade social, mas sim a mercê da língua que se transformou no meio da expressão para sua sociedade. É completamente ilusório imaginar que alguém ajusta-se à realidade sem o uso da linguagem e que a linguagem é meramente um meio de resolver problemas específicos de comunicação e reflexão. O que ocorre de fato é que o “mundo real” é uma grande extensão construída inconscientemente sobre os hábitos linguísticos do grupo (SAPIR, 1884-1936 & WHORF, 1897-1941).

Essa corrente, portanto, reúne reflexões da filosofia da linguagem sobre as relações língua/etnia (povo ou nação) (MARCELESI; GARDIN, 1975, p.17).

A *Sociolinguística variacionista* ou *Teoria da variação*, desenvolvida por William Labov (2008[1972]), cujo enfoque principal se refere a uma abordagem da pesquisa linguística que se concentra na língua em uso dentro da comunidade de fala, tem como intuito construir uma teoria linguística adequada para dar conta da variação existente na fala e na escrita.

A Teoria da Variação, desta feita, objetiva com seus estudos evidenciar como o aspecto social é interveniente nos usos da língua feitos por falantes reais em situações

²⁵Em Sociologia da linguagem, temos a revista *International Journal of Sociology of Language*; em Etnografia da comunicação, temos a revista *Language in Society*; e, por fim, em Sociolinguística variacionista, a revista *Language Variation and Change*; respectivamente editadas por Joshua A. Fishman, Barbara Johnstone, William Labov e Rena Torres Cacoullos.

ordinárias de comunicação, sejam elas marcadas ou não pela formalidade, visando demonstrar quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que estão cooperando para determinados usos variáveis dentro de determinado grupo social, além do estudo das restrições, transição, implementação da mudança linguística, assim como o encaixamento e avaliação social das novas formas.

As pesquisas desenvolvidas por Labov (1962; 1966) servem, também, de base metodológica para os pesquisadores que se filiam a essa corrente de estudos, visto que elas promoveram o delineamento das suas fronteiras no que se refere ao ponto de vista da análise linguística, trazendo para esse território recém-inaugurado os estudos de fenômenos em variação, bem como questões relacionadas à mudança linguística com uma metodologia eficaz e eficiente dentro de uma perspectiva quantitativa e qualitativa de análise de dados.

Dentro dessa nova subárea, a língua é vista como um sistema essencialmente heterogêneo, que se constitui e se atualiza sempre, sendo essa característica intrínseca e totalmente necessária para seu funcionamento efetivo.

O estudo da variação social na língua é simplesmente um dos muitos aspectos do estudo das estruturas linguísticas variantes. Uma motivação para o linguista estudar tais estruturas é que elas oferecem comprovação empírica para resolver análises estruturais alternativas no nível funcional, dando soluções empíricas a problemas que, de outro modo, permanecem insolúveis. Em segundo lugar, as estruturas variantes são definidas por métodos quantitativos que permitem os estudos detalhados de mudanças em progresso (LABOV, 2008[1972], p.151).

Os estudos em Teoria da variação adotam, por conseguinte, o conceito de variação linguística como sendo a existência de formas concorrentes, mas possuidoras do mesmo valor referencial. Segundo Camacho (2013, p.43), “considerar a variável como uma unidade estrutural representou uma ruptura com a tradição linguística e um momento de renovação teórico-metodológica”.

De acordo com essa teoria, as formas alternativas que são utilizadas ordinariamente pelos falantes são denominadas *variantes*; a *variável*, nesse caso, nomeará tanto o fenômeno em si, quanto as características sociais ou linguísticas que estão influenciando ou impedindo a ocorrência de determinadas formas variantes.

A mudança linguística acontecerá, por conseguinte, quando uma das duas formas em variação sobrepujar a outra em determinado período de tempo. Labov (2008[1972], p.20) afirma que “nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação”.

Ao abordar, portanto, a heterogeneidade da língua, Labov (2008[1972]) assume que “mesmo a variação é um fenômeno regular e sistemático, regido por princípios de organização estrutural emanados das próprias regras do sistema linguístico”.

Não obstante, outra subdivisão foi delineada, Eckert (2012) agrupou os estudos em sociolinguística em três fases distintas e complementares denominadas ondas, que levam em consideração o tratamento dado à variação linguística, ao conceito de variável linguística e à delimitação do *lócus* em que a entrevista de coleta de dados será realizada.

Os estudos de primeira onda são aqueles cuja tradição é baseada nos trabalhos de Labov (2008[1972]), especificamente sobre o que versa a respeito da estratificação do inglês na cidade de Nova York. Esses estudos são baseados na correlação entre as variáveis linguísticas e as categorias socioeconômicas, por meio da estratificação dos falantes em células sociais, ao final, esses trabalhos ajudam a constituir bancos de dados e a análise, basicamente de cunho quantitativo, fornece os pesos relativos e os percentuais de uso das variantes e as variáveis que condicionam ou não esses usos dentro da comunidade estudada. A premissa desses estudos é a de que as variedades linguísticas carregam o *status* social de seus falantes. Essa primeira onda é uma das mais difundidas tanto em outros países quanto aqui no Brasil, o recorte social da população a ser estudada está relacionado às comunidades de fala.

Os estudos de segunda onda também são de natureza quantitativa, no entanto, têm sua abordagem voltada para as técnicas etnográficas, abarcando categorias sócio-demográficas mais abstratas com vistas a evidenciar como o vernáculo assume valores locais. A característica principal desses estudos é o recorte da população a ser estudada, visto que o pesquisador se detém em observar uma população menor, por um período maior de tempo para satisfazer os objetivos relacionados à descoberta de categorias sociais importantes para o uso de determinadas variantes, ou seja, tem-se com isso a possibilidade de demonstrar o lugar dessas categorias na prática social local. Desta feita, o ponto fulcral da segunda onda é a observação da identidade social e sua relação com a comunidade de fala (ECKERT, 2000; MILROY, 1980).

No que tange aos estudos da terceira onda, vemos a mudança de foco passar da pesquisa em comunidades de fala para a comunidade de prática, o que é importante, segundo esse enfoque, é observar como a estrutura se molda no cotidiano e sua relação com os condicionamentos extralinguísticos e os lugares sociais ocupados pelos seus membros.

Eckert (2012) afirma que com isso não se está deixando de lado a estrutura, no entanto, há uma ênfase maior no papel dessa estrutura no condicionamento da prática paralelamente ao papel da prática na produção e reprodução da estrutura, contrariando,

portanto, o que ocorreu nas duas ondas anteriores em que o foco era a descrição da estrutura como um retrato estático. Dessa forma, o terreno fértil será o enfoque a respeito do significado da variação, ligado aos papéis sociais na construção de estilos, ou mais especificamente, na construção da imagem que os falantes querem projetar, ou seja, a sua *persona*.

A visão de língua adotada por Eckert faz referência à abordagem construcionista social cujo olhar relaciona sociedade e língua como co-constitutivas, ambas desenvolvidas por práticas cotidianas.

Assim como os casos de variação, a mudança linguística também é problematizada e denota várias discussões dentro dessa nova perspectiva, principalmente, no que se refere à sua entrada na comunidade e ao papel dos membros na adoção ou rejeição da variante inovadora.

Dentro da teoria, há a caracterização dos informantes em *brokers* e *full participants*, aqueles são responsáveis pela entrada da inovação na comunidade devido a sua posição periférica, já estes são mais conservadores e tendem a evitar grandes modificações no seio da comunidade de prática.

De acordo com Davies (2004, p. 16), portanto,

Aliada a esta área também está a questão da intermediação: a introdução de práticas novas ou revistas em uma comunidade. Conforme descrito anteriormente, Wenger (1998) e Eckert (1999) caracterizam os *brokers* como pessoas da periferia, que atuam como um canal para tais inovações: a condição é que eles devem ter um estatuto suficiente dentro da comunidade de prática para introduzir tal mudança, mas não devem ser um participante de pleno. O argumento para a posição periférica dos *brokers* é a de que os *full members* estão mais interessados em manter as normas atuais do que trazer novas²⁶. (Tradução nossa)

No entanto, essa visão é questionada, pois somente um membro de um *status* superior poderia trazer para a comunidade alguma espécie de inovação, ou seja,

A mudança só irá ocorrer se um membro central/ nuclear do grupo adotar a prática alternativa. Claro, essa caracterização não explica totalmente por que um membro de pleno direito (ou pessoa com ligações densas, multiplex) deveria adotar novas práticas, e continuar a manutenção das práticas atuais. Também não explica a hierarquia do grupo e a importância da ratificação. No entanto, o reconhecimento destes processos é importante no desenvolvimento da nossa compreensão. Pode ser que o conceito de *brokering* possa ser útil e estendido para explicar a divisão entre

²⁶ “Allied to this area also is the question of brokering: the introduction of new or revised practices into a community. As outlined earlier, Wenger (1998) and Eckert (1999) characterize brokers as persons on the periphery, who act as a conduit for such innovations: the proviso is that they must have sufficient status within the community of practice to introduce such a change, but must not be a full participant. The argument for the brokers’ peripheral position is that full participants are more interested in maintaining current norms than bringing in new ones”.

inovação e adoção, mas no seu nível atual de articulação, o conceito utilizado na Teoria de rede social parece mais completo²⁷ (DAVIES, 2004, p.18). (Tradução nossa)

É interessante notar que isso acontece na comunidade de prática aqui estudada, pois os pastores mais novos trazem as inovações e usam mais hipercorreção em suas falas enquanto os membros mais antigos se mantêm mais ligados à prática local, como será demonstrado na seção 3 desta tese; desta feita, há uma barreira e o momento de admissão e acesso deve obedecer a uma estrutura e hierarquia interna para poderem se transformar em uma prática significativa e bem vista pelos outros membros da comunidade, principalmente, pelos mais antigos. De acordo com Davies (2004, p. 19), “se um indivíduo tem o direito [o poder] para sancionar o acesso e admissão de outro, então esse direito [poder] pode ser reconhecido e aceito pela maioria da comunidade e, portanto, eles devem ser considerados no que tange à hierarquia”²⁸. (Tradução nossa).

Os estudos da terceira onda fazem junção entre a metodologia quantitativa, a observação participante e uso de entrevistas sociolinguísticas, com vistas a alcançar um espectro mais particular da variação linguística e desse lugar social. O uso de uma variante em detrimento da outra se configura, portanto, como a construção de um significado social e identidade local.

A observação participante pode ser utilizada, segundo Campoy & Almeida (2005, p.142-3),

Quando se tem a intenção de recolher dados sobre o comportamento sociolinguístico de um grupo de informantes em seus contextos mais naturais e imediatos e o pesquisador não pertence à comunidade, pode ser usada a observação participante para superar os problemas do paradoxo do observador. O pesquisador entra em contato com um membro do grupo e é introduzido gradualmente, à medida que aumentar seus contatos na rede social através da primeira pessoa - técnica de "amigo - amigo" - e dele ter ganho a confiança, começa a ter de agir e se comportar como eles para se converter "aparentemente" em um membro²⁹. (Tradução nossa)

²⁷ “Change will only occur if a central/core member of the group adopts the alternative practice. Of course, this characterization doesn’t fully explain why a full member (or person with dense, multiplex links) should choose to adopt new practices, and move on from maintenance of current practices. Nor does it explain the group hierarchy and the importance of ratification. However, recognition of these processes is important in the development of our understanding. It may be that the concept of brokering can be usefully extended to account for the division between innovation and adoption, but at its current level of articulation, the concept used in social network theory seems more complete” (DAVIES, 2004, p.18).

²⁸ “If an individual is to have the right [power] to sanction another’s access and admission, then that right [power] must be recognized and accepted by the majority of the community, and thus they must be considered to be towards the apex of the hierarchy” (DAVIES, 2004, p.19).

²⁹ “Cuando se pretende recoger datos sobre el comportamiento sociolinguístico de um grupo de informantes en sus contextos más íntimamente naturales e inmediatos y el investigador no pertenece a la comunidad se puede utilizar la observación participante para superar los riesgos propios de la paradoja del observador. El investigador entabla contacto com um miembro nuclear del grupo y se va introduciendo poco a poco conforme

O momento da observação participante é justificado devido à necessidade em se analisar não só questões relacionadas à fala no ambiente da comunidade de prática, mas também a outros sistemas simbólicos, tais como a vestimenta, as relações interpessoais, a organização, a hierarquia, o *modus operandi* da instituição que está sendo pesquisada. Somente dessa forma é possível estabelecer e relacionar esses sistemas simbólicos à construção da prática estilística da comunidade, como veremos mais detalhadamente adiante.

Segundo Hora (2011, p. 164), para a terceira onda, “o significado da variação está em seu papel na construção dos estilos e estudar o papel da variação na prática estilística envolve não simplesmente localizar variáveis nos estilos, mas em entender esta localização como uma parte integral da construção do significado social”.

É importante vislumbrar que mais do que observar categorias sociais e sua correlação com a variação de determinado ponto do sistema, as pesquisas de terceira onda buscam demonstrar a correlação entre modos diferenciados de usar a variedade linguística dentro de espaços sociais determinados e sua vinculação a práticas em várias esferas simbólicas que modificam e norteiam a visão de mundo e o modo de agir de quem se vincula a elas, em suma, essa nova forma de analisar a variação linguística visa demonstrar quais os significados sociais que estão por trás de desempenhos particulares.

Os estudos de terceira onda, portanto, fazem uma inversão no que concerne à abordagem da variação linguística, ao invés de definir a variação em termos dos falantes que usam a língua, procuram o significado que motiva performances de variação particular. Trata-se do estudo do significado da variação, ligado aos papéis sociais na construção dos estilos particulares.

Nesta tese, utilizaremos os pressupostos teóricos da terceira onda na análise da hipercorreção na comunidade de prática de Pastores Batistas de Alagoas.

Devido à natureza multifacetada desse fenômeno, utilizaremos a metodologia da primeira e da terceira onda, buscando um melhor delineamento e descrição da hipercorreção, desta feita, durante as entrevistas seguiremos o modelo de atenção prestada à fala (Labov, 1972), bem como iremos associar essas ocorrências ao que foi delineado por meio da observação participante.

umentan sus contactos de la red social a través de la primeira persona conocida – técnica de ‘el amigo de un amigo’ – y conforme se va ganando la confianza, llegando incluso a tener que actuar y comportarse como ellos al convertirse ‘aparentemente’ em miembro”.

1.2.2 *Lócus* da Variação

Os estudos em sociolinguística variacionista buscam evidenciar os usos variáveis dentro de grupos sociais bem definidos e delimitados visando sistematizar essas ocorrências. Esses grupos sociais, por conseguinte, serão demarcados de acordo com as relações que os falantes estabelecem entre si. Essa escolha vai acarretar a eleição de determinado aspecto social que se mostra importante para o entendimento do fenômeno em estudo. Dependendo do tipo de olhar voltado ao fenômeno, do tipo de coleta que será empreendido, a opção é pré-estabelecida, no entanto, em alguns casos, devido à natureza do fenômeno em estudo, há a possibilidade de se optar por outros agrupamentos que não são tão usuais.

Os *lóci* de variação que serão melhores explicitados nesta subseção se referem aos conceitos bastante difundidos de Comunidade de fala (LABOV, 1972), Rede social (MILROY, 1980) e, mais detidamente, o conceito de Comunidade de prática (ECKERT, 2005), nosso objetivo é demonstrar as principais discussões referentes à delimitação desses *lóci*.

1.2.2.1 Comunidade de fala

O conceito de comunidade de fala (*Speech Community*) é abordado desde o início da tradição linguística por vários vieses. Sua característica e função principais consistem em delimitar a porção de falantes que será tomada como usuária tanto de uma língua quanto de um dialeto/variedade linguística.

A delimitação do que seja uma comunidade de fala é, muitas vezes, confundida em alguns trabalhos como sendo um aglomerado de pessoas que moram em uma mesma localidade e que, por conta dessa proximidade, usam determinados traços linguísticos. No entanto, nem sempre se pode confiar que a localização geográfica e a comunidade de fala sejam correspondentes, mesmo porque a determinação de uma comunidade de fala, segundo os moldes labovianos, está vinculada a questões de avaliação subjetiva. Labov (1969, p.150) aponta que a demarcação do que seja uma comunidade de fala está relacionada, na verdade, à “participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso”.

Como podemos observar, para Labov, o pertencimento a uma comunidade de fala é marcado pela avaliação que o falante demonstra a respeito de determinados pontos dos usos linguísticos.

A avaliação convergente garantiria então a homogeneidade do grupo social que está tendo sua fala coletada, o que viabilizaria o entendimento do fenômeno variável, assim como a ordenação do aparente caos linguísticos, visto que, segundo o referido autor, “de igual modo, por meio de observações do comportamento linguístico, é possível fazer estudos detalhados da estrutura de estratificação de classe numa dada comunidade” (LABOV, 2008[1972], p.150).

Calvet (2002) afirma que quando se concebe a comunidade de fala dessa forma, “em todos os casos, a atitude é a mesma: parte-se da língua (sem jamais defini-la) para definir o grupo”. Segundo esse autor, alguns pontos ficam nebulosos dentro dessa definição tão ampla (CALVET, 2002, p.104-5):

- 1) Uma comunidade linguística é constituída de pessoas que têm a mesma primeira língua?
- 2) Uma comunidade linguística poderia se constituir de pessoas que se compreendem graças a uma mesma língua?
- 3) Uma comunidade linguística pode se constituir de pessoas que pensam ou querem pertencer a essa comunidade?

Assim como Calvet (2002), outros pesquisadores reconheceram a sua limitação e propuseram outros recortes para estudar a variação e a mudança linguísticas. Recortes esses que vão evidenciar aspectos que não foram contemplados por essa delimitação anterior, tais como os tipos de relação que os falantes estabelecem entre si e a marcação da variedade linguística como um índice de prática social.

No Brasil, a tradição sociolinguística está pautada nesse tipo de recorte, ou seja, o pesquisador, se utilizando muitas vezes do recorte geográfico, delimita a população que servirá como base para os seus estudos e a submete à coleta. Muitas vezes, essa delimitação só é utilizada nesse momento, não apresentando, nesses trabalhos, uma imbricação quanto ao fenômeno estudado, ou seja, na discussão dos dados não é feita uma reflexão a respeito das variantes que estão sendo utilizadas na comunidade e sua possível implicação para a construção da identidade dos falantes que ali residem.

Para suprir essas lacunas, além dessa delimitação, os estudos da área podem optar por outro tipo de subdivisão que, pelo seu caráter mais restritivo, traz a possibilidade de delimitar a sociedade de acordo com o tipo de relação que os falantes estabelecem no jogo social, enfocando agora não mais as reações subjetivas a determinados traços linguísticos, mas sim a qualidade dos contatos e os tipos de conexões que os falantes estabelecem em seu cotidiano.

1.2.2.2 Rede social

O conceito de rede social (*Social network*) difundido nos estudos da área por Milroy (1980) traz à tona a necessidade de olhar o falante por vários ângulos, visto que a sociedade em que vivemos é multifacetada e dinâmica, e nos permite falar e conviver com várias pessoas diferentes que trazem em suas vivências outras experiências obtidas com pessoas muitas vezes desconhecidas por nós.

Dessa forma, devido às demandas cotidianas serem facilmente mutáveis, temos e sentimos a necessidade de nos engajarmos e nos movimentarmos em diferentes empreendimentos e em vários grupos com intuítos diversos. Segundo Battisti (2014, p.82),

estudos de rede social não são [...] exclusivos à análise linguística. Nas Ciências Sociais, as redes têm sido analisadas desde a década de 1970. Em Castells (1999), as redes são representações da morfologia de organização social da sociedade contemporânea, especialmente das redes informacionais. Trata-se de uma categoria de pesquisa mais flexível, menos comprometida com as generalizações universais, mais próxima à dimensão do cotidiano.

Apesar da sua recente abordagem relacionada a fenômenos linguísticos, o conceito de rede social também está se difundindo cada vez mais entre os pesquisadores que adéquam o entendimento desse tipo de relação social à descrição e análise de fenômenos em variação e/ou mudança linguística, com vistas a observar a influência das relações estabelecidas no uso de variantes padrão e não padrão, por exemplo. Segundo Bortoni-Ricardo (2011, p.15),

uma rede social é simplesmente um conjunto de vínculos de todos os tipos entre os indivíduos em um grupo. O interesse na análise de redes nas ciências sociais não reside nos atributos das pessoas componentes da rede per se, mas antes, nas características dos vínculos em suas relações como meios de predição e explanação do comportamento dessas pessoas.

As redes sociais são classificadas de acordo com a *densidade* e a *plexidade*, Evans (2004) afirma que, no que tange à densidade, aspecto estrutural da rede, o que é observado é a quantidade de contatos que o indivíduo opera socialmente, ou seja, quanto mais pessoas se conhecerem na rede, maior é a sua densidade.

Já a plexidade diz respeito ao conteúdo da rede, ou seja, aos diversos tipos de conexões que são estabelecidas entre os membros podendo ser *uniplexa* com apenas um tipo de conexão e *multiplexa* com mais de uma conexão.

A densidade e a plexidade irão surtir efeito no uso linguístico dos informantes, já que aqueles que vivem em uma comunidade fechada ou até mesmo distante geograficamente, normalmente desenvolvem redes multiplexas e densas, o que faz com que seu uso linguístico se mantenha nos padrões vernaculares devido à familiaridade das relações. No entanto, em outras comunidades que não apresentam dificuldades de relacionamento ou de deslocamento, as redes são menos densas e uniplexas conferindo um grau maior de formalidade e conseqüentemente o uso de uma variedade permeada por traços mais voltados ao padrão linguístico e com maior motivação para a correção linguística, visto que não há intimidade entre as pessoas que estão se relacionando.

Em meados da década de 1970, John Gumperz já observava que a posição em uma rede social é função da experiência comunicativa real e também varia com a educação, ocupação, segmento geracional, valores políticos e aspiração individual de mobilidade. Dessa forma, membros de uma mesma família e de um mesmo grupo de vizinhança poderão exibir diferentes práticas no seu linguístico (GUMPERZ, 1976, p.13-14 apud BORTONI-RICARDO, 2011, p.16).

A nossa experiência pessoal, nossos interesses, nosso comportamento, portanto, vão modificar o nosso modo de nos relacionar e esse caráter dinâmico e difuso está refletido, por consequência, em nossa variedade linguística nos fazendo adequar nossa fala a essa gama de relações vividas cotidianamente.

É possível notar que há certo avanço em relação à noção de comunidade de fala devido à maneira como o informante será observado e até mesmo a influência do tipo de relação que ele vai estabelecer com seu par, visto que, em alguns casos, essa observância será crucial para o entendimento de determinados usos linguísticos.

No que tange à mudança linguística,

No modelo de rede social, este problema é objeto de dois processos separados para a identificação do mecanismo de mudança: inovação e adoção (Milroy, 1992). Um inovador tem uma série de laços relativamente fracos em uma rede; Isso lhes permite escapar à pressão conforme experienciado por aqueles que têm relativamente laços fortes dentro da rede. No entanto, eles são dependentes de alguém que tem ligações dentro da rede densa capazes de assumir a inovação: este é o ato de ratificação realizado por um dos primeiros a adotar tal conduta. Conexões fracas e conexões fortes aqui parecem equivalentes à distinção entre membros periféricos e membros plenos para a Teoria da prática³⁰ (DAVIES, 2004, p.17). (Tradução nossa)

³⁰ “In the social network model, this problem is dealt with by identifying two separate processes in the mechanism of change: innovation and adoption (Milroy, 1992). An innovator has a number of relatively weak ties across networks; this enables them to escape the pressure to conform experienced by those who have

Desta forma, no que tange à mudança linguística, conforme Davies (2004) afirmou anteriormente, esta deve ser iniciada por aqueles que têm uma ligação mais tênue e não sofrem as sanções da rede, ou seja, se deslocam em outras redes fazendo parte de outros grupos que influenciam sua variedade linguística. Contudo, mesmo assim, as inovações vão encontrar barreiras, visto que precisam ser sancionadas por aqueles que fazem parte da rede, o mesmo acontece na comunidade de fala e nas comunidades de prática.

1.2.2.3 Comunidade de prática

O termo comunidade de prática (*Community of practice*), de acordo com Eckert e Wenger (2005, p. 583), pode ser definido como

Uma negociação coletiva em curso de um regime de competência, que não é estática nem totalmente explícita. Neste sentido, a construção da comunidade de prática politiciza o conceito de aprendizagem, localizando-o em um contexto social onde a experiência de participação e, portanto, a aprendizagem é sempre uma reivindicação de competência. Na verdade, Wenger (1998, 2000) propõe uma definição social de aprendizagem como um realinhamento da competência e experiência, que já molda ou remodela o outro. Para um iniciante, a aprendizagem é em grande parte uma transformação da experiência conduzida pelo regime da comunidade de competência. Mas da mesma forma, o aprendizado envolve a negociação de experiência de um membro para o regime de competência, como quando os *brokers* introduzem uma novidade na comunidade.³¹ (Tradução nossa)

Apesar de ser um conceito inicialmente atrelado a questões de aprendizagem (LAVE; WENGER, 1991), foi inserido na temática dos estudos variacionistas como uma forma de criticar a maneira como o falante era visto até então dentro dessa perspectiva teórico-metodológica, a saber, como um ser esvaziado e sem controle dos seus usos variáveis.

Moore (2006, p.611) afirma que esse termo foi introduzido na Sociolinguística como um domínio analítico capaz de permitir que os pesquisadores captem com mais precisão a prática desenvolvida por certos grupos de informantes.

relatively strong ties within a network. However, they are reliant on someone who has dense links within the network taking on the innovation: this is the act of ratification performed by an early adopter. Weak links and Strong links here seem roughly equivalent to the distinction between peripheral and full membership in practice theory” (DAVIES, 2004, p. 17).

³¹ “An ongoing collective negotiation of a regime of competence, which is neither static nor fully explicit. In this sense, the construct of community of practice ‘politicizes’ the concept of learning by locating it in a social context where the experience of participation and therefore learning is always a claim to competence. Indeed, Wenger (1998, 2000) proposes a social definition of learning as a realignment of competence and experience, which ever shapes or reshapes the other. For a newcomer, learning is largely a transformation of experience driven by the community’s regime of competence. But just as often, learning involves the negotiation of a member’s experience into the regime of competence, as when brokers introduce novelty into a community”.

A introdução desse novo caminho para a pesquisa ocorreu por dois pesquisadores Eckert e McConnell-Ginet (1992) os quais desenvolveram uma abordagem para a sociolinguística trazendo a identidade, não como uma entidade social com uma correlação entre traços linguísticos, mas como um fenômeno sociolinguístico construído por meio do emprego simbólico de traços linguísticos e sociais dentro de um determinado grupo para um determinado fim (MOORE, 2006, p.611).

Eckert (2008, p.453) assume que, com esse novo olhar, ela não pretende “negar o interesse e a importância do trabalho que tem sido feito nesse sentido, mas notar que, ultimamente, o empreendimento variacionista (e a linguística como um todo) deve estar integrado a uma compreensão mais abrangente da linguagem como prática social³²”. (Tradução nossa)

Prática, por conseguinte, é concebida como um conjunto de elementos, ideias, ferramentas, informações, estilo, língua/linguagem, histórias e documentos que os membros de uma determinada comunidade compartilham em função de um objetivo em comum.

A comunidade de prática, portanto, pode ser delineada como uma estrutura social que assume a responsabilidade de desenvolver e compartilhar conhecimento para a realização de um empreendimento comum. Desta feita, a condição fundamental para a existência de uma comunidade de prática é a existência de uma rede social em que há um comprometimento com um propósito. Segundo Wenger, Mc Dermott e Snyder (2002, p.30), esse *locus* é

um domínio compartilhado que cria um senso de responsabilidade para o compartilhamento de conhecimento e, portanto, para o desenvolvimento de uma prática. [...] É um grupo de pessoas que interage, aprende junto, constrói relacionamento, por meio de um processo de desenvolvimento de um sentimento de pertença e compromisso mútuos. (Tradução nossa)³³

Desta feita, o conceito de comunidade de prática foi utilizado por Eckert nos estudos sobre variação linguística “para delimitar os locais em que as interações e os significados sociais são mais claramente indexados pela linguagem, e onde a variação linguística e o seu significado social são co-construídos”.³⁴ (Tradução nossa)

³² “To deny the interest and importance of the work that has been done in this vein, but to note that ultimately the variation (and the entire linguistic) enterprise must be integrated into a more comprehensive understanding of language as social practice”.

³³ “A shared domain creates a sense of accountability to a body of knowledge and therefore to the development of a practice. [...]it is a group of people who interact, learn together, build relationship, and in the process develop a sense of belonging and mutual commitment”.

³⁴ “To locate the interactional sites where social meaning is most clearly indexed by language and where language variation and social meaning are co-constructed³⁴” (MILROY, 2003, p.118).

Esse grupo, por ser definido como um conjunto de pessoas unidas por um interesse particular, pode assumir várias formas em nossa sociedade, pode ser desde um partido político, uma congregação religiosa, uma banda, uma seita. Esses grupos bem delimitados e reconhecidos socialmente, além de reunirem pessoas com os mesmos objetivos, têm a particularidade de modificar seu comportamento tanto linguístico quanto social de forma mais impositiva e observável.

Le Page (1998), ao discutir questões relacionadas ao sentimento de pertencimento, afirma que a variação linguística é vista como uma função de pertinência de grupo, ou seja, o falante molda seu comportamento verbal com o intuito de assemelhar-se ao que é comum ao grupo com o qual ele deseja ser identificado no jogo social.

Estamos sempre falando com alguém, mesmo que seja nós mesmos, e sempre (a maioria das vezes, inconscientemente) estamos adotando um estilo, ou tentando adotar um estilo considerado adequado, ao nosso ver, ao relacionamento que temos com o nosso interlocutor. O processo de relacionamento e cada estilo são "naturais", fazem parte dos nossos atos de identidade. É importante não igualar esse processo à teoria da Acomodação de Giles: não necessariamente nos adaptamos ao estilo do nosso interlocutor, mas sim à imagem que temos de nós mesmos em relação ao nosso interlocutor (LE PAGE, 1998, p. 28). (Tradução nossa)³⁵

A comunidade de prática reforça esse pertencimento por ser um agrupamento que visa compartilhar práticas sociais que promovem a construção da identidade dos seus participantes, apresentando mais dinamicidade e complexidade. Eckert (2005) prefere vê-la como uma prática que se desenvolve em relação a uma instituição, e é a acumulação de práticas sociais que a produz e a reproduz.

A variedade linguística, em última instância, identifica os falantes simbolicamente como membros de uma comunidade de prática, visto que além das vestimentas, dos costumes, o uso linguístico vai ser o marcador de identidade não só dentro dessa comunidade, mas também fora dela, no convívio com as outras comunidades. Dessa forma, a fala vai sofrer maior pressão em busca de adequação, já que a ela cabe a representação da moral e dos costumes, preceitos e modelos expressos pela comunidade de prática, a depender dos seus lemas/objetivos. Conforme afirma Camacho (2013, p.255),

Na esteira desse engajamento, a comunidade de prática desenvolve meios para fazer coisas que se traduzem em práticas e essas práticas envolvem a construção de uma

³⁵ “[...] We are always speaking to somebody even if it is only ourselves, and always (for the most part quite unconsciously) adopting a style, or trying to adopt a style felt to be appropriate to our view or our relationship to our interlocutor. The whole relationship process, and each style, are ‘natural’, part of our ‘acts’ of identity. It is important not to equate this process with Giles’s theory of accommodation: we do not necessarily adapt to the style of our interlocutor, but rather to the image we have of ourselves in relationship to our interlocutor”.

orientação compartilhada em relação ao mundo em volta - uma definição tácita que assume um em relação ao outro e em relação a outras comunidades de prática.

Eckert (2000) afirma que a escolha da comunidade de prática como *locus* favorável dentro dos estudos linguísticos representa outro avanço que a sociolinguística operou para retomar de certo modo a dimensão social funcionalmente forte na sua origem, cujo grau de importância foi reduzido, embora não eliminado, pela tendência variacionista. Esse conceito propõe, em primeiro lugar, uma revisão da noção de comunidade linguística e, em segundo lugar, da noção de comunidade social.

Esse tipo de delimitação social pode ser utilizado, por exemplo, quando o pesquisador pretende estudar fenômenos linguísticos em variação constituídos por meio de um processo de formação de significados sociais, visto que o comprometimento vai sugerir novos comportamentos e visões de mundo, além da adoção de uma variedade linguística própria que assegure a esses membros o reconhecimento mútuo, aceitação e o pertencimento esperado.

É importante vislumbrar que esse aglomerado se caracterizará como um *locus* de posição e identificação social participante em que cada indivíduo constrói o que representa e se constrói por meio dessa representação. “Trata-se de uma construção social, e, como tal, está sujeita às práticas diárias dos indivíduos, que interagem entre si e com outras comunidades” (FREITAG, 2012, p.922).

É uma via de várias mãos em que o falante/indivíduo se mostra multifacetado e ativo, suas escolhas completas de sentido e significação têm em sua fala a materialização da influência constante das pressões sofridas e exercidas, tanto sociais, quanto políticas, históricas, sendo um produto das interações obtidas em todos esses ambientes diversificados.

Destarte, o indivíduo ao se fazer pertencer a uma comunidade de prática, não se isola por esse pertencimento, visto que ele irá transitar por outros *lóci* com os quais convive ativamente durante sua vida, muitos deles provenientes das suas necessidades profissionais, religiosas, culturais, por consequência, a sua identidade individual é baseada nessa multiplicidade de participações.

No entanto, esse engajamento vai gerar o reconhecimento de seu lugar e papel social. De acordo com Wenger (2010, p.02), “a cada momento de engajamento no mundo, nós produzimos conjuntamente algo novo para negociar e renegociar o sentido de nossa experiência. O processo é dinâmico e ativo. É vivo”. (Tradução nossa) ³⁶

³⁶ “At each moment of engagement in the world, we bring them together a new to negotiate and renegotiate the meaning of our experience. The process is dynamic and active. It is alive”.

Nos estudos em sociolinguística, a noção de comunidade de prática vem para demonstrar que a necessidade de adequação ou padronização de determinado traço linguístico ou comportamento gera no indivíduo uma redescoberta de elementos que antes eram naturalizados, tais como a sua variedade linguística, vestimenta, sua posição e *status* social. Dessa forma, o falante observa com mais vagar o seu uso linguístico e passa a buscar adequação mediante uma tomada de referentes/ícones dentro desse aglomerado de pessoas, havendo, portanto, uma relativa homogeneização dentro do grupo.

Assim, se a variedade é considerada socialmente estigmatizada, em contraposição à norma-padrão, veiculada principalmente pelo sistema de ensino, instaura-se um conflito entre os valores que a instituição escolar pretende inculcar e o que o aprendiz compartilha com sua própria comunidade de prática (ECKERT, 2005) e que, em última instância, identificam-no simbolicamente como membro dela (CAMACHO, 2013, p.77).

Esse choque pode, por conseguinte, aprimorar certos usos linguísticos, ou promover a rejeição de alguns traços de forma sistemática e consciente, como um meio de caracterizar a sua fala. Por exemplo, uma comunidade de prática formada por adolescentes que fazem parte de determinado grupo religioso pode ser caracterizada tanto pela vestimenta, costumes, hábitos, quanto por seu uso linguístico, pois em sua fala cotidiana aspectos novos serão permeados por termos vinculados a essa prática religiosa.

Este processo começa quando o agente estilístico observa um estilo individual ou em grupo - talvez o estilo vai chamar atenção para aqueles que o usam; talvez os usuários vão atrair a atenção para o estilo. Mas ao perceber o estilo e ao notar que o grupo ou algum membro o utiliza e se reforçam mutuamente, o significado do estilo e dos seus usuários é recíproco. O estilo em si vai ser notado como um recurso que o agente estilístico distingue por meio da observação (ECKERT, 2008, p. 457). (Tradução nossa)³⁷

A adoção desse repertório específico vai, por consequência, diferenciar esse grupo das outras pessoas em suas interações cotidianas, principalmente, se eles tiverem oportunidade de falar sobre a religião em questão ou sobre os trabalhos desenvolvidos no grupo. O uso será consciente, a adoção e estudo serão induzidos pelo convívio entre os seus pares e o aprimoramento será então motivado pelo engajamento e pela necessidade de manutenção do ponto em comum dessa comunidade de prática.

³⁷ “This process begins when the stylistic agent perceives an individual or group style – perhaps the style will bring his or her attention to those who use it; perhaps the users will call attention to the style. But the noticing of the style and the noticing of the group or individual that uses it are mutually reinforcing, and the meaning of the style and its users are reciprocal. The style itself will be noticed in the form of features that the stylistic agent separates out for notice”³⁷ (ECKERT, 2008, p. 457).

Assim, a principal distinção entre as comunidades de prática, por um lado, e comunidade de fala e redes sociais, por outro, deve ser clara: esta comunidade é definida por mais do que o código linguístico utilizado. O núcleo da comunidade de prática reside na importância de se fazer, e, mais particularmente, fazer as coisas de uma maneira que reforce o pertencimento nessa comunidade de prática. Trata-se de significados locais e a gestão da identidade de um indivíduo. A filiação governa mais do que a opção da escolha linguística: todos os aspectos de envolvimento em um grupo individual são considerados. Este primeiro plano dentre outros comportamentos é, talvez, particularmente importante (DAVIES, 2004, p.3³⁸). (Tradução nossa)

Há, então juntamente com essa prática, o desenvolvimento do estilo pessoal ou construção da *persona* de cada um dos membros da comunidade,

Estilo da *persona* é o melhor nível para abordar o significado da variação, pois é neste nível que nós conectamos os estilos linguísticos a outros sistemas estilísticos, tais como vestuário e outros sinais mercantilizados, com os tipos de construções ideológicas que os falantes compartilham e interpretam e que, desse modo, povoam o imaginário social³⁹. (Tradução nossa)

Eckert (2008, p.457) afirma que essa questão não está, portanto, somente relacionada ao uso linguístico, mas também ao “estilo material, especialmente vestuário e outras formas de adorno, fornecem pistas importantes para o estudo de estilo lingüístico”. (Tradução nossa)

40

O estilo ou prática estilística trabalhado por Eckert (2000; 2005) diz respeito ao modo como os falantes combinam variáveis na criação de modos diferenciados de fala, sendo esses modos o ponto crucial para a construção da identidade pessoal ratificada pela comunidade de prática e facilmente localizada na sociedade em geral, levando em consideração a multiplicidade dos papéis sociais desempenhados pelo indivíduo.

“Prática sempre envolve a manutenção da comunidade e, portanto, sua estrutura de poder. Legitimidade em qualquer comunidade de prática envolve não apenas ter acesso ao

³⁸ “So, the main distinction between communities of practice on one hand, and speech community and social networks on the other, should be clear: this community is defined by more than the linguistic code(s) used. The core of the community of practice concept resides in the importance of doing, and, more particularly, doing things in a way which reinforces membership in that community of practice. It is about local meanings, and an individual’s management of their identity. Membership governs more than language choice: all aspects of involvement in an individual group are considered. This foregrounding of other behaviours is, perhaps, particularly important” (DAVIES, 2004, p.3).

³⁹ “Persona style is the best level for approaching the meaning of variation, for it is at this level that we connect linguistic styles with other stylistic systems such as clothing and other commoditized signs and with the kinds of ideological constructions that speakers share and interpret and that thereby populate the social imagination”³⁹ (ECKERT, 2008, p. 456).

⁴⁰ “Material style, particularly clothing and other forms of adornment, provide important clues to the study of linguistic style”.

conhecimento necessário para 'acertar', contudo 'o que é certo ' é continuamente negociado”⁴¹ (ECKERT; WENGER, 2005, p.583).

Desta feita, a adoção da comunidade de prática como um *locus* ativo para o entendimento de fenômenos em variação requer do pesquisador não só a mudança de abordagem no momento de coleta de dados, mas também a modificação dos aspectos que serão observados nesse tipo de organização social, visto que tudo é significativo, desde o tipo de contato, as relações que os membros estabelecem entre si, a prática que está sendo desenvolvida, a vestimenta, o que é dito e o que não pode ser dito, até mesmo o *status* e a posição que cada um dos membros assume dentro dessa comunidade e suas respectivas atribuições. Em suma, as características da comunidade de prática podem ser sintetizadas em três pontos (MEYERHOFF; HOMES, 1999, p.174-5):

- i) Engajamento mútuo;
- ii) Negociação de interesses e propósitos;
- iii) Troca de repertório entre os membros (gestos, usos, rotinas, roupas).

Todos esses pontos irão conferir e culminar em um uso linguístico significativo que estará permeado de significado social e faz parte da construção da identidade dessas pessoas enquanto membros de um grupo engajado para determinado fim.

Eckert e Wenger (2005, p.582) concordam “com a premissa de que a comunidade de prática é um bom *locus* para estudar como o poder é organizado e exercitado no dia a dia da prática linguística”.⁴²

Como foi evidenciado, principalmente na seção 1.1 desta tese, o fenômeno da hipercorreção pode ser estudado por vários vieses, tanto na escrita quanto na fala, assim como em diferentes *lóci*. No entanto, até o presente momento, não encontramos trabalhos que adotaram o conceito de comunidade de prática com vistas a descrever a hipercorreção, desta feita, nos parece fundamental observar se há ou não influência desse tipo de ambiente em relação a uma maior frequência de uso do fenômeno aqui estudado, visto que, conforme aponta Giles e Williams (1992, p.351),

⁴¹ “Practice always involves the maintenance of the community and therefore its power structure. Legitimacy in any community of practice involves not just having access to knowledge necessary for ‘getting it right’, but being at the table at which ‘what is right’ is continually negotiated” (ECKERT; WENGER, 2005, p.583).

⁴² “We agree with this premise and concur that “communities of practice are a good *locus* for studying how power is organized and exercised in day-to-day linguistic practice.”

a fala com hipercorreção pode estar sendo influenciada pelo intenso desejo dos falantes pela aprovação social, filiação interpessoal ou identificação com um grupo que tenha sido abortado por uma incapacidade ou falta de experiência para moderar o seu grau de convergência de forma otimizada⁴³. (Tradução nossa)

Esse fato fez com que nos interessássemos por esse tipo de agrupamento social, tão utilizado e facilmente localizado em nossa sociedade. Podemos encontrar comunidades de práticas que se detêm a vários tipos de fins: religiosos, esportivos, comunitários, revolucionários. Assim como podemos encontrar suas sedes em vários tipos de sítios: desde ambientes reais com sedes e agremiações, até em ambientes virtuais como grupos e comunidades em sites da Internet.

No que se refere à construção da *persona* e/ou estilo individual, a terceira onda visa empreender uma análise de estilo como uma prática relacionada principalmente ao uso linguístico, “estes modos de falar são tipos sociais particulares que são explicitamente locais na ordem social, é um modo para a produção da sua *persona*, ou seja, a produção do que o falante quer projetar, relacionado à multiplicidade dos papéis sociais”. (ECKERT, 2005 apud MATOS, 2015).

Alguns membros ganham legitimidade através da redefinição da competência, não apenas através do cumprimento. E eles fazem isso através da construção de uma identidade dentro da comunidade. Esse é um ponto-chave porque a estrutura de poder de uma comunidade de prática e seu regime de competência estão incorporadas em um conjunto de identidades, e não em uma estrutura uniforme. O processo de construção da identidade leva falantes a construir seus próprios estilos para encontrar suas próprias maneiras de fazer valer os seus próprios lugares na prática em grupo⁴⁴(GILES; WILLIAMS, 1992, p.351). (Tradução nossa)

A prática estilística, por conseguinte, é vista como um processo de imbricações em relação ao significado local e global das variáveis tomadas como significativas para o falante. No entanto, “o uso dessas variáveis [...] requer que elas tenham algum significado convencional geral, o qual pode ser vivificado na partícula de estilo” (MATOS, 2015, p.52).

⁴³ “Hypercorrective speech can be seen as being influenced by speakers’ intense desires for social approval, interpersonal affiliation or group identification that have been miscarried by an inability or lack of experience to moderate their degree of convergence optimally”⁴³ (GILES; WILLIAMS, 1992, p. 351).

⁴⁴ “In this context, competence and the right to define what competence is cannot be so easily teased apart. Some members gain legitimacy by redefining the competence, not merely through compliance. And they do so by building an identity in the community. This is a key point because the power structure of a community of practice and its regime of competence are embodied in a collection of identities, not in a uniform structure. And the process of identity construction leads speakers to construct their own styles to find their own ways of asserting their own places in group practice” (ECKERT; WENGER, 2005, p. 583-4).

A par dessas observações e com o intuito de delinear as ocorrências de hipercorreção na fala de adultos em nosso estado, escolhemos a comunidade de prática localizada na Convenção Batista Alagoana como um *lócus* capaz de abrigar/propiciar o uso desse fenômeno devido às particularidades desse tipo de organização social, visto que os Pastores, em virtude do seu *status* diferenciado dentro da igreja, tendem a usar a variedade considerada prestigiada excluindo da sua fala: gírias, palavras de baixo calão/ formas regionais, termos do cotidiano e adicionando a essa fala: termos técnicos, palavras de cunho bíblico, construções sintáticas diferenciadas e pronomes em desuso retirados/copiados das escrituras bíblicas.

Em suma, o presente trabalho adotará a terceira onda de estudos sociolinguísticos ao passo que objetiva demonstrar que as ocorrências de hipercorreção na comunidade de prática acima mencionada são provenientes do processo de construção da identidade dos seus membros, processo esse que perpassa desde a alteração da sua vida cotidiana até o uso de uma variedade linguística diferenciada e mais aproximada do padrão linguístico idealizado e exigido socialmente sendo, portanto, a hipercorreção um produto dessa prática social.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

The third wave, then, moves the study of variation off in a new direction. Rather than defining variation in terms of the speakers who use variables, it seeks the meanings that motivate particular variable performances (ECKERT, 2005, p. 30).

Toda coleta de dados em um estudo variacionista necessita seguir passos bem delimitados para que a caracterização e descrição do fenômeno não sejam prejudicadas pela falta de um método eficiente e eficaz (CAMPOY; ALMEIDA, 2005; LABOV, 2008[1972]). Nesta seção, portanto, discutimos as hipóteses e os objetivos que nortearam nossa pesquisa; apresentamos a metodologia variacionista para a coleta de dados utilizada em nossa tese com vistas a demonstrar sua aplicabilidade no estudo de fenômenos variáveis, a partir da delimitação do contexto de coleta de dados (LABOV, 2008[1972]). Delimitamos a população estudada, elencando suas características e funções enquanto comunidade de prática, assim como descrevemos todo o processo de constituição do *corpus*, evidenciando a necessidade de utilizar como instrumentos de coleta de dados a entrevista estruturada juntamente com a observação participante para melhor descrição da hipercorreção, por fim, elencamos as variáveis independentes utilizadas em nossa análise.

2.1 Hipóteses e Objetivos da Pesquisa

O objetivo central desta pesquisa é descrever o perfil sociolinguístico dos falantes alagoanos pertencentes à comunidade de prática da Convenção Batista Alagoana em relação ao uso de instâncias de hipercorreção, com o intuito de analisar se tais realizações podem se configurar como um índice de prática social característico dessa comunidade. Para tanto, realizamos uma análise qualitativa com a finalidade de responder os seguintes questionamentos:

1. Há ocorrências de hipercorreção presentes na fala dos membros da comunidade de prática estudada?
2. Supondo que esse fenômeno aconteça, quais os principais tipos de hipercorreção presentes na fala dessa comunidade de prática?

3. O fenômeno de hipercorreção se apresenta como um índice de prática social nessa comunidade de prática?

4. Supondo que a hipercorreção ocorra, quais fatores extralinguísticos influenciam esses casos?

Como respostas provisórias às questões anteriormente externadas, propomos as seguintes hipóteses:

1. Apesar de ser um fenômeno de baixa ocorrência quantitativa, acreditamos que há instâncias de hipercorreção na fala dos colaboradores pertencentes à comunidade de prática estudada, essas ocorrências podem estar sendo motivadas pelo monitoramento linguístico permanente proveniente do *status* de prestígio que esses colaboradores possuem tanto dentro quanto fora dessa comunidade;

2. De acordo com pesquisas acerca dessa temática (PEREIRA, 2010; SILVA, 2008; BORTONI-RICARDO, 2011), o fenômeno da hipercorreção se mostra mais produtivo dentro de categorias que demonstram certa regularidade de formas, ou seja, na concordância verbal, na concordância nominal, na marcação do plural em sintagmas nominais as quais são mais visadas pelos informantes devido à atenção prestada a esses aspectos;

3. O fenômeno de hipercorreção pode ser tido como um índice de prática social e construção da identidade (ECKERT, 2000) desses colaboradores que procuram por meio da adequação de seus costumes, sua vestimenta e, mais detidamente, sua variedade linguística a um padrão idealizado socialmente, se fazerem pertencer à comunidade de prática da Convenção Batista Alagoana;

4. Corroborando com a premissa ou pressuposto de que toda e qualquer variação é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos, hipotetizamos, portanto, que a hipercorreção é influenciada pelas variáveis extralinguísticas: Tempo no pastorado e Contexto de coleta de dados, sendo mais recorrente entre aqueles colaboradores que são Pastores apenas há 10 anos quando estão utilizando a sua fala no contexto de Leitura (C) e explicação do texto bíblico (E).

Para confirmar as hipóteses apresentadas acima, temos os seguintes objetivos de pesquisa:

1. Verificar as ocorrências de hipercorreção na fala da comunidade de prática estudada;
2. Demonstrar por meio de excertos a crescente necessidade de adequação linguística apresentada pelos membros dessa comunidade de prática proveniente, principalmente, do preconceito linguístico sofrido por eles e da pressão social que permeia sua atividade pastoral cotidiana;
3. Descrever as instâncias de hipercorreção encontradas em nosso *corpus* com base em sua apresentação em nível analítico;
4. Analisar os grupos de fatores extralinguísticos que podem influenciar os usos de hipercorreção, observando, em especial, os seguintes grupos: Tempo no pastorado e Contexto de coleta de dados.

2.2 Sociolinguística Variacionista: aspectos metodológicos

As pesquisas sociolinguísticas, em sua maioria, preconizam que os dados linguísticos utilizados sejam coletados da maneira mais natural possível para que haja um recorte mais exato da realidade linguística da comunidade escolhida.

Para que se chegue a esse resultado se faz imprescindível realizar a coleta obedecendo a um rigoroso protocolo, visto que qualquer passo mal executado pode gerar implicações diretamente nos dados coletados: ou teremos a exclusão total do fenômeno em questão, ou um uso exacerbado que não condiz com a realidade.

Caso alguns pontos não sejam observados, a modificação da fala do informante acontecerá devido à assimetria que está presente nesses momentos de coleta de dados, pois conforme afirma Bortoni-Ricardo (2011, p.244-5), “a situação das entrevistas é estruturalmente assimétrica de um ponto de vista social com o colaborador ocupando uma posição inferior”.

Como atestado por Labov (2008[1972]), os meios empregados interferem nos dados coletados. Esse paradoxo, que instiga e preocupa o pesquisador, deve ser ressaltado não só do ponto de vista metodológico, mas também do ponto da exequibilidade dos passos propostos

pela teoria adotada. Essa situação pode ser amenizada, caso o pesquisador adote alguns cuidados durante a execução da coleta.

No entanto, nem todo estudo variacionista utiliza apenas dados de fala espontânea, uma vez que alguns fenômenos linguísticos, devido a sua natureza, necessitam dos componentes de formalidade e tensão inseridos no momento de coleta, como é o caso do fenômeno abordado nesta tese.

Segundo Bortoni-Ricardo (2011, p.244),

Três características das entrevistas estruturadas relacionadas às relações sociais dos interlocutores, bem como ao seu reconhecimento das regras que governam o evento, parecem cruciais na determinação das restrições rituais na entrevista, a saber, a posição assimétrica dos participantes; a predisposição de ambos os interagentes de convergir sua fala e a insegurança linguística de muitos informantes. A segunda e a terceira derivam-se da primeira.

Essas características acima relatadas conferem à entrevista a formalidade que o objeto de estudo requer, visto que o intuito é propiciar ao informante um ambiente que favoreça o uso de uma fala que se adéque a esse contexto de formalidade, como aponta Labov (2008[1972], p.63),

A fala da entrevista é fala formal – não por qualquer medida absoluta, mas em comparação com o vernáculo da vida cotidiana. Em seu conjunto, a entrevista é fala pública – monitorada e controlada em resposta à presença de um observador externo.

Não objetivamos, contudo, influenciar determinados usos nem induzir à realização da hipercorreção, na verdade, nossa expectativa é propiciar um ambiente natural para a ocorrência desse fenômeno cujo aparecimento decorre da necessidade de aceitação, adequação e idealização de um falar mais culto em detrimento de uma variedade estigmatizada, pois muitos tentam não “errar”, fazendo um esforço para utilizar apenas a variedade linguística socialmente valorizada, com vistas a não ter associado a eles o *status* negativo de falante de uma variedade não padrão.

[O falante] vai esforçar-se para assimilar modos mais prestigiosos de falar, o que representa um movimento de afastamento de seu vernáculo. Sua fala então tenderá a apresentar muitas ocorrências de hipercorreção, especialmente em interações assimétricas, à medida que ele se esforça para dominar um código que não lhe é ainda familiar (BORTONI-RICARDO, 2011, p.137).

Dessa forma, é imprescindível a realização de uma entrevista com um viés de formalidade, pois o pesquisador deve reconhecer que o seu objeto de estudo “não gozará de uma autonomia total, mesmo que a intenção seja a de aprofundar ao máximo. Nossa obrigação é delimitá-lo, mas essa delimitação não explica uma extirpação completa de seu ambiente” (SERRANO, 2011, p.104-5).

A necessidade da perscrutação, nesse caso, visa dirimir qualquer dúvida referente ao objeto de estudo que é, muitas vezes, visto como um “erro” fruto do acaso. Essa imbricação só instiga o pesquisador a reconhecer nas variantes inesperadas, não mais um “erro”, mas sim um fenômeno que merece ser estudado e analisado cientificamente.

Essa possibilidade se configura como um elemento que por menos natural que possa parecer traz à fala/escrita do colaborador uma marca de formalidade/tensão/assimetria, fato que fica evidenciado com a sua eminência quase sempre imperceptível aos ouvidos dos indivíduos menos interessados em questões de linguagem.

Retirar a hipercorreção do seu *locus* é retirá-la do que a fomenta enquanto fenômeno sociolinguístico, devido a isso se faz necessário um aporte metodológico que possibilite ao colaborador um contexto de uso adequado a esse tipo de fenômeno, contanto que não influencie diretamente a sua realização.

A metodologia utilizada, cujo objetivo principal é coletar os dados de fala da forma mais natural e coerente sem eliciar o informante, é justificada por ser a mais apropriada para os estudos de dados de fala visando analisar as correlações linguísticas e sociais envolvidas no uso do fenômeno variável.

A pesquisa não pode se isolar de suas circunstâncias, entre elas, o preceito científico de utilização de um método que, projetando-se sobre o objeto que se pesquisa, não pode ser tomado como alibi para isolá-lo do conjunto do ambiente ao qual pertence, social e disciplinarmente (SERRANO, 2011, p. 106).

Essa metodologia não só valida cientificamente o ato de pesquisar, como também o torna algo operacional, executável pelo pesquisador que saberá quais passos precisa dar para alcançar o seu objetivo e, por conseguinte, encontrar as realizações do fenômeno estudado.

Desta feita, empregaremos a metodologia proposta pela sociolinguística variacionista para coletar a fala de Pastores Batistas pertencentes à comunidade de prática da Convenção Batista Alagoana, para tanto utilizaremos como instrumento de coleta, uma entrevista estruturada, seguida pela leitura de um texto bíblico e sua explicação, além disso, observaremos o *modus operandi* dessa instituição por meio da observação participante, com vistas a entender as práticas sociais reiteradas por esse *locus*.

2.2.1 Contextos de coleta de dados: do informal ao formal em entrevistas de recolha de dados

O fenômeno da hipercorreção ocorre em momentos de formalidade, sendo necessário, portanto, que durante a coleta de dados o pesquisador mantenha essa

característica. Por si só o contexto de entrevista já se mostra formal, dado que muitas vezes o informante não conhece o pesquisador, não sabe realmente suas verdadeiras intenções, assim como está diante de um gravador, esse quadro denota um momento que foge ao cotidiano de algumas pessoas, como foi mencionado anteriormente.

[...] Qualquer observação sistemática de um falante define um contexto formal em que ele confere à fala mais do que o mínimo de atenção. No corpo principal de uma entrevista onde se pede e se dá informação, não se deve esperar encontrar o vernáculo em uso (LABOV, 2008[1972], p.244).

No momento da entrevista, o pesquisador pode, por meio de algumas técnicas, fazer variar os contextos de fala do seu informante, ou seja, temos a capacidade de escolher e propiciar um ambiente que seja natural para o fenômeno estudado, caso ele seja mais informal assim procederemos, e caso não seja, podemos propiciar a manutenção da formalidade, visando sempre um contexto que aproxime a fala do colaborador ao objetivo da coleta de dados.

A pesquisa sociolinguística entende o estilo, principalmente, como uma resposta social a uma situação, estando a variação estilística do falante em função da: i) atenção prestada à fala (LABOV, 1966a; TRUDGILL, 1971, 1974a) - quanto mais atenção, mais formal é a fala; e quanto menos atenção, menos formal é a fala - ii) o mercado linguístico [...]; e também, mais recentemente, iii) como uma iniciativa estratégica para a criação e projeção de uma identidade e imagem próprias (CAMPOY; ALMEIDA, 2005, p.72-1)⁴⁵. (Tradução nossa)

Desta feita, visando atender aos objetivos desta pesquisa, utilizaremos o modelo de Atenção prestada à Fala (LABOV, 2008[1972]) para, por meio da alternância de contextos de entrevista, observar o comportamento da hipercorreção na fala dos colaboradores. Em suma, esse modelo está pautado de acordo com os seguintes contextos (LABOV, 2008[1972], p.101-117):

a) **Contexto A-** é referente às situações que escapam as restrições sociais da situação da entrevista, ou seja, o colaborador interrompe a situação de entrevista e interage com uma terceira pessoa ou até mesmo atende ao telefone;

⁴⁵ “La investigación sociolingüística entiende el estilo fundamentalmente como una respuesta social a una situación, estando la variación estilística del hablante en función de i) la atención prestada al habla (LABOV 1966a; TRUDGILL 1971, 1974a) – más cuanto más formal y menos cuanto menos formal -, ii) al mercado lingüístico [...]; y también, desde más recientemente, iii) como iniciativa estratégica para la creación y proyención de una identidad e imagen propias⁴⁵” (CAMPOY; ALMEIDA, 2005, p.72-1).

b) **Contexto B-** é referente à situação de entrevista que engloba o estilo mais simples denominado **fala monitorada**. Ocorre quando a pessoa está respondendo perguntas que são formalmente reconhecidas como integrantes de uma entrevista, é o mais comum nos estudos variacionistas;

c) **Contexto C-** é referente ao estilo de leitura em que as instruções dadas ao leitor visam estabelecer um estímulo rumo ao estilo de leitura mais coloquial, mas seu efeito é pequeno, pois as pessoas têm pouco controle consciente do uso das variáveis;

d) **Contexto D-** é referente ao estilo de leitura de lista de palavras isoladas. Além do contrastes não refletidos do estilo C, temos o desempenho da pessoa no estilo D e sua reação subjetiva a esse desempenho, pois se pede à pessoa que leia cada par de palavras em voz alta e, em seguida, diga se elas soam de modo idêntico ou diferente de como ela as pronuncia em seu cotidiano.

Em nosso trabalho, procuramos enfatizar os dois contextos intermediários, ou seja, o contexto B e o contexto C, uma vez que, para o tipo de público que a entrevista foi realizada, esses dois contextos se mostraram mais adequados.

Dessa forma, obedecendo à formatação do contexto B, a entrevista foi estruturada com temas do cotidiano dos Pastores, sua esfera profissional, variedade linguística e preconceito linguístico⁴⁶. Visamos, com essa alternância de tópicos, promover a gradação de atenção relacionada ao uso linguístico do colaborador e dos demais membros da comunidade de prática, visto que, segundo Labov (2008[1972], p.102), “de modo geral, uma entrevista que tem como objeto explícito a língua do falante alcançará um grau mais elevado na escala de formalidade do que a maioria das conversações”.

Além desses dois estilos, utilizamos um terceiro que é referente à explicação da leitura feita no estilo C. Chamaremos esse estilo de **estilo E**, ou seja, **Explicação de texto bíblico**. Nosso intuito é observar se, no momento da explicação do trecho lido, há influência do texto bíblico, visto que por este ser escrito com uma linguagem mais formal, mais prestigiosa socialmente, servindo inclusive como modelo de correção, o colaborador vai usar mais instâncias de hipercorreção, por tentar adequar a sua fala a esse tipo de variedade linguística escrita. Como veremos mais adiante, o texto bíblico é tomado, por esta

⁴⁶ Ver entrevista estruturada utilizada na coleta (Apêndice B).

denominação religiosa aqui estudada, como um modelo de fé e prática cotidiana, não se separando disso o ato de falar e escrever de acordo com esse modelo, principalmente, se o tópico da interação for de cunho religioso e/ou temas relacionados à vivência pastoral.

Quadro 3 – Sumário dos contextos utilizados para a coleta de dados

CONTEXTOS	SITUAÇÃO DE ENTREVISTA
B	Entrevista estruturada
C	Leitura de texto bíblico
E	Explicação do texto bíblico

Fonte: Adaptado de Labov (2008[1972], p.101-117)

É válido ressaltar que essa gradação de contextos B (entrevista estruturada), D (Leitura) e E (Explicação) é proposital, visando testar se esse tipo de alternância altera o padrão de ocorrência do fenômeno posto em análise.

2.2.2 Observação participante

Para que se possa realizar um trabalho com o aparato da terceira onda da sociolinguística, conforme mencionado na subseção 1.2 desta tese, se faz necessário não só coletar os dados utilizando a entrevista sociolinguística, mas também se faz indispensável entender e observar como a comunidade de prática em questão está organizada, quais são as práticas reiteradas e necessárias para que as pessoas se transformem em membros plenos e quais são seus anseios perante as outras comunidades de práticas, além do entendimento das dificuldades que se apresentam no seio desse grupo de pessoas.

Desta feita, como precisávamos realizar uma coleta de dados de acordo com três contextos, conforme mencionado anteriormente, com os colaboradores que frequentam a comunidade de prática aqui estudada e isso demandaria tempo, pois a coleta só acontecia uma vez na semana devido aos horários das reuniões dos Pastores, precisávamos otimizar nossa estadia na Convenção para, além de coletar os dados de fala, fazer as observações necessárias para o delineamento e conhecimento das particularidades desse *lôcus*.

Para tanto, resolvemos inserir na entrevista estruturada algumas questões relacionadas ao engajamento na comunidade com o intuito de conhecer melhor tanto a Convenção quanto os próprios membros. Contudo, todas às vezes que fomos à Convenção, aproveitávamos para observar o cotidiano, ações, vestimenta, formas de cumprimentos,

interações, em suma, os aspectos simbólicos que nos pareceram mais interessantes para o entendimento das práticas promovidas por essa comunidade, com esse intuito ficávamos sempre em um local que proporcionasse a visão global da Convenção e nos colocasse sempre em contato com os Pastores que ali transitavam.

No início, por sermos estranhos para alguns Pastores, eles se mostravam curiosos e desconfiados, não obstante, com o passar do tempo, eles sempre buscavam manter contato conosco e os assuntos abordados eram sobre a vida acadêmica, a atividade pastoral, missões religiosas, história da Convenção, desafios e aspectos triviais da vida religiosa. Desta feita, podíamos presenciar rotineiramente, fatos importantes para a caracterização dessa comunidade de prática e dos seus membros.

Elegemos como roteiro para a observação participante primeiramente o código de vestimenta utilizado para que pudéssemos nos adequar, bem como a hierarquia entre os responsáveis para que, caso houvesse qualquer problema, pudéssemos falar com o responsável; em seguida, observamos com mais vagar a estrutura do local e a organização.

No decorrer da coleta, além dessas observações, foi permitido que acompanhássemos duas reuniões durante as quais fomos apresentados a outros Pastores que ainda não nos conheciam, bem como pudemos participar de uma das etapas para denominação de um candidato a Pastor (Entrevista) na sede da Convenção. Como os assuntos debatidos durante as reuniões eram de cunho muitas vezes pessoal/particular, não pudemos gravá-las, nem estar presente em toda a sua extensão, no entanto, ao término das reuniões, os Pastores sempre se colocavam à disposição para participar da coleta de dados.

Muitos aspectos presentes nas próximas seções e subseções foram coletados a partir da observação participante e, principalmente, por meio das conversas que tivemos com os Pastores durante nossa estadia no local, ademais pudemos dirimir algumas dúvidas durante a execução da entrevista estruturada, outras questões relacionadas a aspectos documentais e estruturais foram retiradas do sítio da Convenção Batista a pedido do próprio secretário executivo da Convenção.

2.3 Breve delimitação da população pesquisada

Em um trabalho de cunho sociolinguístico é necessário observar as características sociais referentes à população que se está pretendendo estudar para que se possa delinear aspectos importantes com relação ao uso linguístico que será analisado mais adiante, desta

feita, a abrangência da população evangélica em nosso país e, mais especificamente, na região Nordeste será observada de forma breve, com o intuito de caracterizar essa população.

Segundo o Censo do IBGE (2010), o número de evangélicos no Brasil aumentou 61,45% em 10 anos, contabilizando 42,3 milhões, ou 22,2% dos brasileiros, sendo que a região Nordeste apresenta um percentual de 16,4% da população evangélica existente em todo o país.

Essa população, muitas vezes, é considerada como sendo pertencente a um único grupo religioso, contudo, há uma série de denominações que podem ser encontradas, cada uma das quais apresentam regras, preceitos e práticas diferenciadas, como podemos vislumbrar resumidamente abaixo⁴⁷:

- 1) **Tradicionais ou protestantes/ protestanismo clássico:** nesse grupo estão os Batistas, os Presbiterianos, os Congregacionais e outros;
- 2) **Carismáticos ou pentecostais/ neoprotestanismo:** nesse grupo estão a Assembléia de Deus, Nova Vida, Brasil para Cristo, Universal do Reino de Deus, pentecostal e neopentecostal.

O primeiro grupo possui uma liturgia mais próxima da europeia, com um culto, em alguns momentos, mais parecido com a missa celebrada pela igreja católica, devido ao aspecto mais reflexivo acerca do texto bíblico. De acordo com os Pastores da comunidade de prática aqui estudada, o culto da igreja Batista possui um tema que norteia as canções escolhidas e culmina na pregação proferida pelo Pastor. O tempo para a pregação depende do estilo pessoal de cada Pastor, desta feita pode haver cultos com uma pregação sendo realizada em dez minutos e outros que atingem uma hora e meia de duração. A pregação pode ser baseada na leitura de um texto prévio preparado pelo Pastor ou pode ser improvisada naquele momento. Contudo, a maioria dos Pastores entrevistados afirma que costuma se preparar antes do culto, realizando um momento devocional/de consagração para que ele possa estudar e organizar sua fala de acordo com o texto que será utilizado no dia.

⁴⁷ Nosso objetivo não é discutir as denominações religiosas, apenas visamos situar basicamente onde iremos fazer nossa coleta de dados, para mais informações a respeito das denominações e suas particularidades ver Schultz (2005).

No que concerne ao segundo grupo, há maior ênfase nas emoções e manifestações sobrenaturais. Em alguns casos, determinados grupos protestantes tornam-se pentecostais, como as igrejas batistas renovadas, presbiterianas independentes e outras, mas o inverso nem sempre ocorre, ou seja, um grupo pentecostal dificilmente se torna protestante (cf. SCHULTZ, 2005).

Em nosso trabalho, coletaremos os dados de fala de Pastores da Igreja Batista, os quais se encontram classificados como pertencentes ao primeiro grupo, conforme descrito anteriormente. Essa denominação foi escolhida pela possibilidade em ter acesso à fala de vários Pastores com o mesmo perfil em um mesmo local, além disso, como veremos adiante, os Pastores que pertencem à Convenção Batista cumprem várias etapas antes de serem denominados, o que confere a eles a disseminação das mesmas práticas.

Como nosso intuito não era o de acompanhá-los em suas respectivas igrejas, precisávamos de um local que nos proporcionasse condições necessárias para a realização da presente pesquisa, desta feita pesquisamos aqui na cidade de Maceió/AL qual denominação protestante possuía tal *modus operandi* e, devido à localização e facilidade de acesso, fomos à Convenção Batista Alagoana.

2.3.1 A Convenção Batista Alagoana

A comunidade de prática escolhida para fazer parte desta pesquisa foi a Convenção Batista Alagoana, localizada no bairro do Farol em Maceió/AL. Justificamos essa escolha por ser um local seguro, de fácil acesso e por nos possibilitar um ambiente favorável para o desenvolvimento da pesquisa aqui descrita, além disso, o fator primordial foi a necessidade de fazer um estudo com uma comunidade de prática evangélica atuante, com um grupo de Pastores em um número favorável para uma pesquisa sociolinguística e com localização fixa. As informações referentes ao *locus* da pesquisa foram coletadas no sítio da Convenção Batista, assim como, em sua maioria, foram obtidas por meio da observação participante, das entrevistas sociolinguísticas e por meio de comunicação pessoal com o secretário executivo da referida instituição e alguns membros que se disponibilizaram em nos fornecer informações sobre aspectos relacionados à fundação desta instituição e ao convívio cotidiano neste ambiente.

A Convenção Batista conta atualmente com 125 membros, foi criada com o intuito de unir os membros das Igrejas Batistas de Alagoas, capital e interior, fortalecendo os laços, renovando as missões e discutindo os problemas e novidades das Igrejas situadas no Estado

de Alagoas. Esses Pastores obedecem a uma hierarquia dentro da Convenção e ocupam cargos de liderança com funções determinadas de acordo com o Estatuto próprio.

A título de exemplo, no capítulo V, seção II, artigo 20 do Estatuto da Convenção, temos a descrição da composição da Diretoria da Convenção, a saber: 01 (um) Presidente, 03 (três) Vice-Presidentes e 03 (três) Secretários, eleitos para mandatos de 02 (dois) anos, por escrutínio secreto na antepenúltima sessão da Assembléia Geral Ordinária, em que haja eleição da Diretoria, dentre os mensageiros presentes na referida sessão. Cada um desses cargos, portanto, traz em seu cerne determinadas funções que aquele membro deve desempenhar durante o mandato, sobrepostas a sua função primária na igreja que está sob sua responsabilidade, conforme podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 4 - Distribuição dos membros da Convenção de acordo com o cargo e a função

Cargo	Função
Presidente	I- cumprir e fazer cumprir o Estatuto e Regimento da Convenção; II- convocar e presidir as Assembléias da Convenção, as reuniões do Conselho e as reuniões com as Associações Regionais de Igrejas, previstas no Regimento Interno; III - representar a Convenção em juízo e fora dele, podendo inclusive nomear procuradores ou prepostos; IV - exercer as demais funções inerentes ao cargo, conforme o Regimento Interno; V- abrir, movimentar e encerrar contas bancárias, sempre em conjunto com o Gerente de Escritório.
Vice-Presidentes	I- substituir o Presidente nos seus impedimentos legais e/ou ocasionais, observada a ordem da eleição; II- auxiliar a mesa sempre que solicitados.
Primeiro secretário	I - lavrar as atas das sessões, assinando-as com o Presidente; II - arquivar as cópias dos relatórios, pareceres e outros documentos apreciados pela Assembléia; III - substituir os Vice-Presidentes nos seus impedimentos legais e/ou ocasionais.
Segundo secretário	I - ler a matéria do expediente e a ordem do dia de cada sessão; II - executar outras tarefas afins quando solicitado pelo Presidente; III - substituir o primeiro Secretário nos seus impedimentos legais e/ou ocasionais.
Terceiro secretário	I - auxiliar a mesa quando solicitados; II - substituir o primeiro e segundo Secretários em seus impedimentos legais e/ou ocasionais.

Membros afiliados	Recebem todas as instruções de quem os lidera e podem interagir ou debater os assuntos no momento em que acharem oportuno, além de terem cargos referentes às missões desenvolvidas na igreja.
-------------------	--

Segundo Santana, Andrade e Freitag (2015, p.257),

Essa organização de líderes e liderados funciona de modo que a liderança permite ao líder o poder de propor inovações, até mesmo linguísticas, já que o grupo de liderados os legitima e o segue, aderindo aos comportamentos de quem os lidera, ou seja, a fala do líder inspira os outros participantes do grupo a falarem de forma semelhante e/ou terem um comportamento similar. Essa é uma característica típica em comunidades de práticas, pois todo agrupamento de pessoas que se reúnem em um propósito em comum necessita que alguém sempre esteja à frente para tomar decisões e posicionamentos para que a comunidade obtenha progresso diante dos objetivos almejados.

Desta feita, apesar de todos serem Pastores, há também essa organização interna que os coloca diante de uma hierarquia e de papéis bem definidos dentro dessa comunidade de prática, essa fator agrega responsabilidades e práticas definidas que culminam em um uso linguístico diferenciado para aqueles que estão ocupando tais cargos, principalmente aos relacionados à presidência.

Ainda de acordo com o sítio da Convenção, a missão da Convenção Batista Brasileira, a qual todas as outras estão afiliadas, é:

- a) **Missão** - Expandir o Reino de Deus em Alagoas, cooperando com a unidade das igrejas e o fortalecimento dos princípios bíblicos denominacionais da Convenção Batista Brasileira;
- b) **Visão** - Ser uma convenção de referência em apoio às igrejas para o exercício pleno do desenvolvimento cristão.

Adotando para isso, os valores mencionados a seguir:

- Serviço
- Transparência na gestão
- Integração das igrejas
- Desenvolvimento dos líderes
- Fortalecimento das organizações
- Trabalho cooperativo
- Qualidade nos resultados

- Modernização da estrutura organizacional
- Expansão dos recursos
- Comunicação estratégica
- Valorização integral do ser humano

A Convenção reconhece como princípio a autonomia de cada igreja filiada, sendo as suas recomendações decorrentes do compromisso de mútua cooperação, não havendo obrigações, a não ser quando são formalmente expressas pelas partes. A Convenção tem como objetivos fundamentais:

1. Servir às igrejas, e contribuir por todos os meios condizentes com os princípios bíblicos, para aperfeiçoar e ampliar a ação das igrejas, visando à edificação dos seus membros e expansão do Reino de Deus no mundo;
2. Planejar, coordenar e administrar o programa cooperativo com as igrejas nas áreas de: evangelização, missões, ação social, música sacra, educação ministerial e comunicação.

O trabalho da Convenção é desenvolvido através dos seguintes órgãos:

- Assembleia Geral;
- Conselho de Planejamento e Coordenação;
- Conselho Fiscal;
- Organizações Missionárias;
- União Feminina missionária;
- União de Homens Batista de Alagoas;
- Juventude Batista Alagoana;
- Ordem dos Pastores Batista de Alagoas; e
- Associação dos Diáconos Batista de Alagoas.

Ao objetivarmos estudar a presença de hipercorreção na fala de Pastores filiados a essa comunidade de prática, partimos do pressuposto de que os membros dessa comunidade, por terem um comportamento linguístico monitorado, conforme veremos adiante, e por seguirem regras definidas pela igreja tanto no que se refere ao seu comportamento social quanto linguístico, utilizam uma variedade linguística mais próxima da variedade prestigiosa

requerida pela sociedade, o que induz cada vez mais esses colaboradores à adequação e correção da sua fala.

2.3.1.1 Caracterização da população: Pastores Batistas

Os Pastores, assim como outros profissionais, têm a fala como principal ferramenta de persuasão e trabalho ministerial, dado que ela é o elemento mais viável para pregação da palavra divina tanto em comunidades mais humildes quanto nas mais abastadas. Essa modalidade da língua se apresenta vinculada ao texto bíblico e a ela está atrelada a responsabilidade de ser veículo da interpretação e explicação da estrutura dos escritos para os fiéis.

Em decorrência desse fato, a fala ganha muita importância sendo absorvida pela maioria dos protestantes como um modelo comportamental a ser seguido tanto em conteúdo quanto em forma. Por conseguinte, esse instrumento de comunicação se torna um instrumento de agregação de valores e de condutas que em seu cerne ajuda tanto a evitar comportamentos quanto a incentivá-los.

É inegável, portanto, a necessidade latente de usar a variedade padrão tanto no culto como em momentos rotineiros de convivência, segundo afirmações dos próprios Pastores durante a coleta de dados, visto que essa conduta é reiterada desde a sua formação na Faculdade de Teologia, uma vez que no seminário há a obrigatoriedade de cursar disciplinas como Língua portuguesa e homilética cujo principal objetivo é o de preparar o futuro Pastor para o momento da pregação no que tange à forma e ao conteúdo.

Podemos observar que há certa pressão social ou até mesmo uma necessidade de adequação por parte dos Pastores que se autodenominam, por meio da fé e do seu ministério, instrumentos da palavra de Deus.

Essa pressão social, que é encontrada tanto no ambiente religioso quanto fora dele, decorre do fato dos Pastores assumirem a condição de líderes e de exemplos a serem seguidos, não podendo, portanto, deslizar/ “errar” tanto em seu comportamento cotidiano quanto em seu uso linguístico⁴⁸.

Essa postura é um ponto a favor para a ocorrência de hipercorreção, visto que há uma série de fatores que promove a idealização do falar culto como sendo o único capaz de revelar

⁴⁸ Afirmações fundamentadas nas respostas dos Pastores durante a observação participante e entrevista estruturada.

as escrituras bíblicas para os fiéis. Além disso, segundo informações obtidas com os Pastores entrevistados, o público que frequenta a igreja evangélica é muito diversificado tanto no que se refere à faixa etária, quanto à escolaridade e ocupação profissional.

Para ser Pastor em uma Igreja Batista em nosso estado, além de fazer um curso de Teologia, é necessário passar por várias etapas que vão desde uma pesquisa social acerca da sua idoneidade até uma sabatina realizada pela Ordem dos Pastores. Essas etapas são necessárias para garantir que o candidato seja uma pessoa sem problemas sociais/financeiros e sem problemas de personalidade. Os Pastores Batistas, em sua maioria, têm outra profissão/cargo, os colaboradores dessa pesquisa, por exemplo, são policiais militares, professores, agentes administrativos, psicólogos, apenas oito exercem exclusivamente a função de Pastor.

Para ser denominado como Pastor, o candidato, membro de uma Igreja Batista Alagoana filiada à Convenção Batista Brasileira, em culto administrativo, num sistema congregacional democrático, é autorizado através de Ata a ingressar no Seminário Batista Teológico de Alagoas, para cursar Bacharelado em Teologia, curso esse que tem duração de quatro anos. Dentre as matérias de cunho estritamente religioso, há também a ênfase no ensino da Língua Portuguesa, assim como a disciplina de homilética que discorre acerca da eloquência na pregação orientando acerca da postura, linguagem, gestos que devem ser utilizados pelo Pastor.

Depois da conclusão do curso superior, a igreja de origem do candidato⁴⁹ solicita através de carta enviada a OPBB-AL (Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – Alagoas) uma entrevista, cabe a Ordem dos Pastores convocar uma representação de Pastores (cinco ou seis) para execução dessa etapa cujo objetivo será o de abordar os seguintes temas:

- **Chamado** – O que revelou/motivou a sua vocação para servir à igreja?
- **Conversão** – Proveniente de família evangélica ou católica? Como ocorreu a mudança de religião? Por qual motivo?
- **Doutrina** – Aspectos relacionados à estrutura da igreja, suas leis e regimentos, regras de fé e prática
- **História da Igreja** – Conhecimento acerca da história da Igreja Batista

⁴⁹ Documentos exigidos para inscrição do candidato: R.G., C.P.F., Certificados de idoneidade moral (Estadual e Federal), Ata da Igreja solicitando o concílio, Certidão de Casamento (se for casado), S.P.C., Serasa e Declaração do cônjuge confirmando a concordância com o ministério.

- **Ética pastoral** – Princípios éticos que regem a Igreja Batista no que se refere aos seus Pastores e membros
- **Visão ministerial** - Como será a sua igreja? Está em acordo com o que a Igreja Batista prega?

Qualquer candidato só poderá solicitar o concílio se estiver trabalhando em uma Igreja Batista ou congregação, ou se estiver desempenhando trabalhos em conjunto com seu Pastor na função de auxiliar ou em casos de experiência de campo.

O concílio é marcado num prazo mínimo de 15 dias após o candidato ser entrevistado para testar seus conhecimentos sobre Teologia Sistemática e Ecclesiolgia, essa etapa ocorre frente a uma mesa examinatória, formada pelo presidente do concílio, secretário, examinador de teologia sistemática e ecclesiolgia, todo processo é registrado em ata. Caso o candidato seja aprovado, o concílio⁵⁰ é suspenso e reaberto na ocasião da consagração pastoral que geralmente acontece na igreja de origem do candidato.

Ao final dessas etapas, a assembleia decide se aquele candidato é ou não capacitado para exercer a função de Pastor na Igreja Batista, a filiação à Convenção não é obrigatória.

Os Pastores Batistas filiados à Convenção precisam comparecer na sede da instituição todas às segundas-feiras para participar de reuniões e poder se confraternizar, além de discutir assuntos relacionados à sua igreja e ao seu pastorado.

A partir da observação participante na comunidade, vimos que eles se mantêm em constante contato e desenvolvem práticas tanto religiosas quanto sociais em prol da sua missão dentro da igreja. Essa convivência faz com que sua maneira de agir seja muito semelhante, tanto no que se refere às vestimentas quanto a sua maneira de falar, de se comportar, bem como o seu comprometimento com as causas da igreja.

Há certa ênfase na fala dos colaboradores referente à influência que eles possuem na vida dos seus fiéis, pois são vistos como líderes e modelos em várias esferas: na vestimenta, na fala, no comportamento, na família, no relacionamento interpessoal. Muitos afirmam ter receio de tamanha responsabilidade, uma vez que alguns fiéis ‘copiam’ inclusive suas palavras, sua maneira de se portar, por meio dessas pequenas atitudes, eles vislumbram seu papel ativo na construção da identidade de muitos fiéis que frequentam sua igreja.

Em virtude disso, em nosso trabalho, optamos por fazer a coleta de dados com essa população, pois podemos encontrar nela um terreno fértil para o uso de hipercorreção,

⁵⁰ Concílio é formado no mínimo por nove Pastores na capital e sete no interior.

principalmente devido à influência das leituras bíblicas e da pressão social que esses Pastores sofrem dia após dia para manter seu *status*.

2.4 Constituição do *corpus* da pesquisa⁵¹

Para observarmos as correlações sociais no uso de hipercorreção na fala de Pastores Batistas de Alagoas, coletamos dados por meio de entrevistas estruturadas, leitura e explicação de texto bíblico gravadas digitalmente, utilizamos também a observação participante para compreender/observar o *modus operandi* dessa comunidade de prática.

Para constituição da amostra desta tese, alguns critérios foram utilizados, a saber: todos os informantes deveriam ser do sexo masculino⁵², todos deveriam ser Pastores Batistas, bem como estarem filiados à Convenção Batista Alagoana, além de frequentar a Convenção regularmente e se disporem voluntariamente a participar desse processo. Nossa amostra ficou estratificada de acordo com o seguinte critério extralinguístico: Tempo no pastorado⁵³.

Tabela 1- Estratificação da amostra

TEMPO NO PASTORADO	PERÍODO EM ANOS
T1	- 10 anos
T2	+ 10 anos

Fonte: Dados do pesquisador

A partir da estratificação da amostra, delimitamos o número de informantes representativos do universo a ser pesquisado, no total, existem 124 Pastores que poderiam ser entrevistados, visto que um dos membros por ser do sexo feminino não está de acordo com os parâmetros estabelecidos anteriormente. Para que pudéssemos então obter um número

⁵¹ O presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de ética da UFAL, sob o Parecer n. 922567.

⁵² Esse recorte se justifica, pois dentro da Convenção Batista em Alagoas há somente uma mulher filiada como Pastora, fato esse que nos impossibilita de comparar os dados de acordo com a variável extralinguística **sexo**.

⁵³ Por se tratar de uma comunidade de prática, esse critério se mostrou o mais relevante, visto que, de acordo com o tempo dentro dessa comunidade e o engajamento, a fala desses informantes é mais voltada ao padrão de correção imposto pelo próprio grupo pesquisado, a outra variável extralinguística serviu para construir os instrumentos de coleta de dados, não sendo utilizada, portanto, para estratificar a amostra.

significativo, resolvemos inserir em cada célula 10% da população total da Convenção, ou seja, 12 informantes ($12 \times 2 = 24$).

O *corpus* da nossa pesquisa é constituído, desta feita, por 24 Pastores Batistas filiados à Convenção do estado de Alagoas. A população estudada compreende o universo de Pastores atuantes dentro da comunidade de prática, dado que, mesmo sendo filiados, alguns não comparecem às reuniões com assiduidade e engajamento. Além disso, alguns membros compareceram às reuniões durante o período em que estivemos coletando nossos dados, mas não demonstraram interesse em participar como colaboradores desta pesquisa.

A coleta ocorreu da seguinte forma, inicialmente, fizemos um mapeamento das possíveis comunidades de prática existentes em nossa cidade, visando encontrar um local que nos oferecesse condições favoráveis para realizar nossa coleta, bem como uma instituição que se configurasse como uma comunidade de prática atuante. Após ampla investigação, encontramos a Convenção Batista Alagoana. Entramos em contato com o responsável/presidente desta instituição que, de forma muito solícita, marcou uma reunião para conhecer nosso projeto de pesquisa.

Na semana seguinte, tivemos nosso primeiro encontro, apresentamos a pesquisa, juntamente com toda a documentação exigida pelo Comitê de ética, ao passo que solicitamos os ofícios para autorização (APÊNDICE A e ANEXO A). Fizemos algumas perguntas relacionadas ao *modus operandi* da instituição, sua estrutura e funcionamento; assim como, solicitamos participar do cotidiano da Convenção.

Nossa coleta foi iniciada somente após o recebimento do parecer favorável do CEP/UFAL, desta feita em decorrência do tempo de espera, explicamos novamente o nosso trabalho ao secretário da Convenção que ficou incumbido de nos apresentar aos demais Pastores. Todos os presentes naquele dia se mostraram interessados em fazer parte da coleta de dados; os demais membros, que não se encontravam presentes nesse primeiro encontro, foram apresentados pelos outros Pastores em outros momentos, em nenhum momento encontramos objeções em relação à nossa presença.

O procedimento de coleta ocorreu da seguinte forma: primeiramente, solicitávamos aos Pastores a sua participação em nossa pesquisa, após o aceite, nos dirigíamos até a sala reservada. Informávamos que a entrevista estava sendo feita para compor o *corpus* de uma pesquisa de doutorado da Universidade Federal de Alagoas e que nosso interesse era traçar o perfil dos Pastores Batistas quanto à leitura, ao preconceito linguístico e ao comportamento social.

Logo em seguida, apresentávamos o TCLE (Termo de consentimento livre e esclarecido) (ANEXO B), explicávamos todas as cláusulas e fazíamos o pedido para a gravação da entrevista. Após a assinatura do TCLE e a aceitação da gravação, iniciávamos a entrevista com o preenchimento da Ficha Social (ANEXO C), com essa etapa cumprida, iniciávamos a entrevista sempre obedecendo à ordem das perguntas para manter a coleta o mais homogênea possível.

As entrevistas tiveram a duração média de 35 minutos e versaram sobre questões de fala, comportamento e leitura dentro da igreja evangélica (APÊNDICE B). Todas as entrevistas foram feitas em uma sala na sede da Convenção de Pastores Batistas, localizada no bairro do Farol, sempre às segundas-feiras pela manhã, visto ser esse o horário da reunião dos Pastores nessa instituição.

Os colaboradores respondiam as perguntas da entrevista e ao final pedíamos que eles lessem em voz alta um pequeno texto retirado da bíblia (ANEXO D) e explicassem a mensagem que o texto estava passando e quais reflexões poderiam obter por meio daquela leitura, por fim, agradecíamos a colaboração, ao passo que garantíamos que ninguém saberia da sua identidade e ouviria o que foi gravado, a não ser para fins acadêmicos.

Além das entrevistas, observamos toda a organização da Convenção, participamos de suas reuniões e de uma entrevista para admissão de um candidato a Pastor; pudemos observar, com isso o andamento da Convenção, suas particularidades, as funções que cada Pastor desempenhava nesse ambiente, bem como o convívio e *modus operandi* dessa comunidade de prática, seus anseios e suas metas.

Essa observação participante nos ajudou a dar significado social às ocorrências encontradas no momento de coleta de dados, bem como a caracterizar de forma global os membros que ali estavam presentes, essas etapas da pesquisa tiveram a duração de um mês e doze dias (janeiro a fevereiro de 2015).

Realizadas todas as entrevistas, obtivemos a seguinte amostra da comunidade de prática:

Tabela 2 - Estratificação dos colaboradores

CÓDIGO DO COLABORADOR	IDADE	TEMPO NO PASTORADO
L ⁵⁴ 1	72 anos	T2
L2	48 anos	T1
L3	41 anos	T2
L4	29 anos	T1
L5	44 anos	T1
L6	53 anos	T2
L7	47 anos	T2
L8	47 anos	T1
L9	56 anos	T2
L10	65 anos	T2
L11	25 anos	T1
L12	45 anos	T2
L13	51 anos	T2
L14	49 anos	T1
L15	49 anos	T1
L16	71 anos	T2
L17	43 anos	T1
L18	53 anos	T1
L19	51 anos	T2
L20	31 anos	T1
L21	41 anos	T1
L22	60 anos	T2
L23	42 anos	T1
L24	52 anos	T2

Fonte: Dados do pesquisador

Após o término das entrevistas, fizemos a contabilização das horas gravadas, obtivemos um total de nove horas e trinta minutos de gravação de áudio, além das observações que foram anotadas para serem utilizadas posteriormente. Em seguida, os dados foram transcritos seguindo as orientações de transcrição adotadas pelo PRELIN orientado na época pela Profa. Dra. Denilda Moura para o projeto A Língua Usada em Alagoas – LUAL e

⁵⁴ L-Locutor

o protocolo de transcrição do projeto LUAL (ANEXO E) a partir do modelo da equipe *Groupe Aixois de Recherches en Sociolinguistique* para o português⁵⁵.

Ao término das transcrições, a etapa final consistiu na análise da amostra para a seleção dos dados e, conseqüente, constituição do *corpus* da presente pesquisa. Todo o material coletado está sob a guarda da pesquisadora e fará parte do Banco de Dados do Projeto de Pesquisa *Descrição e Análise de Aspectos Gramaticais e Variacionais de Línguas Brasileiras*, coordenado pelo Prof. Dr. Aldir Santos de Paula, da Universidade Federal de Alagoas.

Posteriormente, ver seção 3 desta tese, todas as ocorrências encontradas serão submetidas à análise qualitativa em que serão correlacionadas aos fatores extralinguísticos previamente estabelecidos com o intuito de descrever essas instâncias por meio de uma discussão acerca do significado social que elas possuem nessa comunidade enquanto índice de prática social.

2.5 Variáveis independentes em estudo

Ao considerar que a variação em estudo advém em decorrência de correlações sociais, observaremos dois grupos de fatores extralinguísticos, a saber: Tempo no pastorado e Contexto de coleta de dados. Esses pontos foram selecionados com base nos aspectos levantados por alguns trabalhos anteriores principalmente no que se refere à influência da formalidade nos usos hipercorretos (LABOV, 2008[1972]). Devido ao perfil homogêneo encontrado na comunidade de prática escolhida para a coleta, outros fatores extralinguísticos se mostraram problemáticos (tais como a faixa etária) e, até mesmo, impraticáveis/inviáveis, (variável extralinguística sexo), visto haver um número mínimo de colaboradores que se encaixaria nas características exigidas para essas células.

2.5.1 Tempo no pastorado

A variável Tempo no pastorado foi escolhida em detrimento da variável extralinguística faixa etária, mais comumente aplicada aos estudos variacionistas, segundo Campoy & Almeida (2005, p.40), “na verdade, o comportamento inovador ou conservador do

⁵⁵ Utilizamos o modelo compilado por Vítório (2012).

indivíduo geralmente está afetado diretamente, entre outras razões, pelo ciclo de vida em que ele está localizado e, conseqüentemente, pelo estilo de vida que leva.^{56,}

Esse fato se deve em conseqüência de imbricações de natureza prática, pois a variável Tempo no pastorado se molda de forma mais satisfatória à realidade da comunidade de prática escolhida para a coleta, sendo mais oportuno utilizá-la para estratificar a amostra.

Na célula 1 (doravante T1), encontram-se os Pastores com até 10 anos exercendo o ministério, esses colaboradores em média apresentam idade entre 25 e 53 anos de idade, essa célula, por possuir colaboradores mais jovens que ainda estão frequentando/ingressando tanto no mercado de trabalho quanto em Universidades, apresentaria um uso linguístico mais inovador. Acreditamos que essa particularidade influencie também sua vivência/estilo pessoal dentro da comunidade de prática, principalmente, por estarem ingressando em uma nova “profissão/posição social”.

Na célula 2 (doravante T2), estão os Pastores com mais de dez anos de ministério, esses colaboradores apresentam idade entre 41 e 71 anos, no entanto, há uma variação na experiência desde 12 até 48 anos de prática religiosa, tanto a idade quanto a sua experiência ministerial podem fazê-los ser mais conservadores também no que tange aos usos linguísticos, inclusive por terem uma prática consolidada e reconhecida socialmente que os fazem ser apontados como exemplo para a comunidade.

Conforme vão crescendo, os jovens começam a trabalhar, se movem em redes sociais mais amplas e menos coesas, são mais influenciados pelos valores sociais mais convencionais e pela necessidade de progressão social, profissional e, portanto, econômica. Linguisticamente também são mais influenciados pela variedade padrão. Em contrapartida, para os idosos ou aposentados, as pressões sociais estão findando, assim como a promoção profissional, e as redes sociais se tornam reduzidas (CAMPOY; ALMEIDA, 2005, p.40).

As variáveis extralinguísticas escolhidas justificam-se pela própria organização dessa comunidade de prática, visto que, por exemplo, todos os Pastores dessa denominação possuem ensino superior, haja vista ser exigência da Convenção Nacional.

Como podemos inferir a partir de tais informações, a variável extralinguística escolaridade não poderia ser utilizada devido à impossibilidade de encontrar Pastores que se encaixassem nas células referentes ao ensino fundamental e médio, por exemplo.

No que tange à variável sexo, a existência de apenas uma representante do sexo feminino impossibilitaria o preenchimento da célula. Desta feita, coube a nós estratificarmos

⁵⁶ “De echo la conducta innovadora o conservadora del individuo normalmente se ve directamente afectada, entre otros motivos, por el ciclo de vida en que se encuentra y, consiguientemente, el modo/estilo de vida que siegue”.

nossa amostra dentro do padrão existente nessa comunidade de prática. O fator idade foi descartado em detrimento do fator Tempo no pastorado, pois em algumas células faltariam representantes, como podemos ver abaixo:

Tabela 3 - Estratificação da amostra de acordo com a variável extralinguística faixa etária

Colaboradores	Faixa etária I (18 a 28 anos)	Faixa etária II (29 a 39 anos)	Faixa etária III (acima de 40 anos)
T1	X	X	X
T2	X	X	X

Fonte: Dados do pesquisador

Nossa hipótese básica para essa variável é que os colaboradores em T1 apresentariam maior espectro de uso de instâncias de hipercorreção em suas falas devido à sua abertura para variantes inovadoras e também em decorrência da necessidade de demonstrar conhecimento impulsionada pela construção da sua *persona* e/ou estilo pessoal dentro desse *lócus*.

2.5.2 Contexto de coleta de dados

Por se tratar de um fator relevante e amplamente discutido nos estudos em sociolinguística, assim como por refletir a gradação da formalidade e a consequente tomada de consciência rumo a uma variedade monitorada (LABOV, 2008[1972]), observamos a variável Contexto de coleta de dados com a intenção de demonstrar a sua influência no uso de hipercorreção nessa comunidade de prática, no entanto, ela não foi usada para a estratificação da amostra, visto que há a necessidade de todos os colaboradores terem suas falas coletadas de acordo com as especificidades desses três contextos.

Os contextos de atenção prestada à fala (LABOV, 2008[1972]), conforme explicitado anteriormente, são referentes à fala não monitorada, fala monitorada em contexto de coleta de dados, estilo de leitura, estilo de leitura de palavras e estilo de leitura de pares mínimos. Para nossa coleta, inserimos mais um contexto: Explicação do texto bíblico (doravante **C1** (Entrevista estruturada), **C2** (Leitura de texto bíblico) e **C3** (Explicação do texto bíblico)).

Nosso objetivo é analisar se a variação contextual referente à alternância de tópicos presente na entrevista estruturada que culmina na leitura e explicação de um texto retirado da

Bíblia não iria provocar no colaborador a necessidade de se adequar cada vez mais ao padrão culto por conta dessa tomada de consciência em relação à correção da sua fala.

Hipotetizamos, portanto, que os contextos de Leitura (C2) e Explicação do texto bíblico (C3) são mais propícios para o uso de hipercorreção, decorrente do crescente em relação à formalidade e, principalmente, em relação ao tópico discutido durante a entrevista que, ao abordar questões relacionadas ao uso linguístico e à correção social, propiciaria maior atenção em relação a esses aspectos e levaria o colaborador a ler e explicar o texto bíblico de forma mais monitorada.

O presente trabalho, portanto, visa por meio da utilização da metodologia da terceira onda da sociolinguística descrever o comportamento variável da hipercorreção na fala dos membros da comunidade de prática de Pastores Batistas de Alagoas, estratificados de acordo com o Tempo no pastorado, sendo a coleta de dados feita por meio de três instrumentos diferenciados com vistas a observar se a atenção prestada à fala pode influenciar a ocorrência dessas instâncias, a análise empreendida será de cunho qualitativo e levará em consideração também as observações obtidas durante o período em que estivemos nesse *lócus*.

3 INSTÂNCIAS DE HIPERCORREÇÃO NA COMUNIDADE DE PRÁTICA DE PASTORES BATISTAS DE ALAGOAS

Mas é apenas dando um passo além do cálculo estatístico, ou seja, buscando interpretar os resultados através de micro análise, pela investigação de práticas diárias em comunidade e de sua coesão [...], que se pode saber o que está por trás desses números, em especial, sobre os sujeitos que fala (BATTISTI, 2014, p.96).

Porque dentro da igreja é muito fácil você ser crente você dizer que professa a sua fé em Deus mas o desafio é dentro de casa onde todo mundo lhe conhece é fora da igreja é no ambiente de trabalho na vizinhança a postura como as pessoas lhe vêem. (Colaborador L4)

Nesta seção, apresentamos a descrição e análise das instâncias de hipercorreção encontradas em nosso *corpus*, observamos primordialmente o significado social dessas ocorrências por meio de uma análise de dados de cunho qualitativo. Primeiramente, abordamos a noção de comunidade de prática, bem como o imaginário de correção que permeia a variedade linguística cotidiana e a constituição da identidade dos colaboradores de acordo com a dinâmica social encontrada nesse *lócus*; posteriormente, descrevemos as instâncias de acordo com a sua natureza linguística, ademais, para apresentar um panorama das ocorrências de forma global dentro dessa comunidade, observamos os casos encontrados de acordo com as categorias Tempo no pastorado e Contexto de entrevista.

A análise inicial está voltada para a descrição do *modus operandi* da comunidade de prática estudada, suas características e costumes mais relevantes para o processo de delineamento e constituição da identidade/*persona* dos colaboradores, assim como para o entendimento local do fenômeno em questão. A ênfase não será dada exclusivamente aos aspectos linguísticos, mas também, principalmente, aos aspectos sociais que se encontram correlacionados às ocorrências de hipercorreção presentes em nosso *corpus*. Essa primeira subseção foi constituída por meio da observação participante, assim como pode ser aprofundada através de algumas respostas obtidas durante a entrevista sociolinguística, visto que um dos tópicos da entrevista continha perguntas relacionadas à vestimenta, ao comportamento, à variedade linguística, ao preconceito linguístico e social sofridos por esses Pastores. Além disso, também foram abordados alguns aspectos relacionados aos pontos que se configuram como essenciais para que um Pastor seja visto como membro efetivo dessa comunidade de prática, ou seja, quais as regras sociais e linguísticas que esses colaboradores precisam respeitar/obedecer para permanecerem, se constituírem membros da comunidade de prática de Pastores Batistas de Alagoas.

Na segunda subseção, de acordo com a caracterização das ocorrências, levamos em consideração as instâncias que apresentaram a aplicação de determinados traços linguísticos ([+concordância], por exemplo) em determinado contexto que necessariamente não o requer, assim como aquelas que apresentaram determinados sintagmas sendo utilizados fora do seu escopo, obtendo com isso a abertura para novas possibilidades de significação e usos.

Elencamos, desta forma, os dados e empreendemos a descrição dos tipos de hipercorreção encontrados em nosso *corpus* com o intuito de demonstrar o caráter multifacetado desse fenômeno linguístico.

Visando ao agrupamento dos casos mais recorrentes, classificamos as ocorrências da seguinte forma: a) hipercorreção na concordância verbal e nominal, b) hipercorreção quanto ao abaixamento da vogal alta anterior, c) hipercorreção por meio de neologismo estrutural e semântico, d) hipercorreção no uso do vocábulo ‘onde’ sem referência expressa de local, e) hipercorreção na alternância das formas perca/perda, f) hipercorreção no uso de pronomes, g) hipercorreção referente à regência verbal e nominal, h) hipercorreção no uso de *lhe* em contexto de objeto acusativo; bem como descreveremos alguns casos especiais que se mostraram interessantes para o entendimento dos traços linguísticos que subjazem a constituição da imagem de falante da variedade prestigiosa para essa comunidade de prática.

Na terceira subseção, observamos a influência exercida pelos fatores extralinguísticos, Tempo no pastorado e Contexto de entrevista, com vistas a delinear a correlação existente entre esses fatores e a presença de hipercorreção na fala dos colaboradores. Nosso intuito é o de demonstrar a conexão existente entre a vivência desses colaboradores enquanto Pastores e o uso formal da linguagem.

Em suma, nosso principal objetivo foi descrever o perfil sociolinguístico de uma comunidade de prática de Pastores Batistas de Alagoas no que diz respeito ao uso de hipercorreção em suas falas.

3.1 Comunidade de prática e hipercorreção: a constituição da identidade dos colaboradores

A presente subseção, fruto da observação participante e das respostas obtidas durante a entrevista de coleta de dados, tem como principal enfoque fundamentar e sistematizar aspectos primordiais para o entendimento do fenômeno estudado, tais como os anseios, costumes, dilemas vividos e presenciados por esses Pastores dentro e fora da comunidade de

prática que eles fazem parte, agregando informações pertinentes ao repertório compartilhado nesse ambiente.

Em qualquer comunidade seja de fala, de prática ou até mesmo em uma rede social, a variedade linguística utilizada pelos seus membros não é influenciada unicamente por questões de diferenças sócio-demográficas específicas, mas também por questões relacionadas ao preconceito linguístico, imaginário de correção, ideal de um padrão linguístico e pressão social, as quais delineiam e promovem a busca pela construção de uma idealização referente à imagem de falante que seja condizente com a posição e o *status* que o colaborador possui ou deseja possuir no jogo social. Conforme afirma Freitag (2012, p.926),

A distribuição considerando as comunidades de prática permite observar que a identidade não é apenas uma entidade social que é correlacionada a aspectos linguísticos, mas um fenômeno sociolinguístico, que é construído com o valor simbólico de características sociais e linguísticas.

Essas características sociais e linguísticas precisam ser postas para que o pesquisador entenda quais pontos serão mais importantes no delineamento da prática de um grupo específico.

Para o entendimento de uma comunidade de prática, devemos observar três aspectos primordiais (MEYEHOFF; HOMES, 1999):

- a) **O engajamento mútuo** relacionado à construção em colaboração de um sentido de si e dos outros como certo tipo de pessoa, com determinadas características, como membros de várias comunidades com múltiplas formas de filiação que podem vir a exercer um cargo de autoridade, tomar decisões importantes, assim como ter certos privilégios dentro do grupo;
- b) **A negociação de propósitos** enfoca o uso desse *lócus* social para promover determinadas ações em prol de um bem comum, essas ações podem ser modificadas no decorrer do processo de acordo com as necessidades que o grupo encontra;
- c) **A troca de repertório** relacionada aos elementos linguísticos e simbólicos que são utilizados dentro desse agrupamento e que são características fundamentais compartilhadas por todos os membros, inclusive fazendo com que eles sejam reconhecidos fora da sua comunidade de prática.

Os três pontos mencionados anteriormente são facilmente localizados na Convenção Batista, dado que esses Pastores se encontram semanalmente para trocar experiências/vivências, pedir aconselhamento, conversar, além de negociar novas metas,

delegar tarefas, enfrentar problemas, sendo que todas essas ações são guiadas pelas regras e pelos elementos simbólicos relacionados à sua imagem enquanto Pastores Batistas.

Essa imagem tão desejada que os colaboradores querem construir e projetar dentro da comunidade de prática, segundo Eckert (1992; 2008), é um movimento incessante que diz respeito à construção da *persona*.

Durante o engajamento conjunto em tais atividades, as pessoas constroem em colaboração um sentido de si e dos outros como certos tipos de pessoas, como membros de várias comunidades com múltiplas formas de filiação, autoridade e privilégio. Em todas elas, a linguagem interage com outros sistemas simbólicos – vestimenta, adornos corporais, modos de movimento, olhar [...] (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992, p.97).

A partir das observações realizadas durante o período de coleta de dados, pudemos traçar um perfil acerca da construção dessa imagem que não só diz respeito a aspectos relacionados à linguagem, mas a outros sistemas simbólicos, nessa comunidade em específico, a vestimenta também faz parte dessa construção.

No que tange à vestimenta, os membros da comunidade de prática de Pastores Batistas se apresentam sempre de maneira bastante formal, com camisas de manga longa e calça social, sendo esse o padrão durante o período em que fizemos a coleta de dados. Algumas vezes, havia reunião das esposas dos Pastores para a organização de algum evento nas igrejas, todas elas também se apresentavam com vestimentas formais e compostas, característica bastante particular, que faz com que as pessoas que se vestem de forma parecida sejam rotuladas de evangélicas. O fato de haver essa identificação por si só evidencia a idealização construída socialmente, que associa a figura das mulheres que se vestem com roupas mais compostas à determinada religião evangélica.

A vestimenta utilizada pelos colaboradores durante as reuniões na comunidade de prática deixava transparecer a sua vivência dentro da igreja, posto que, em sua maioria, os Pastores usam ternos para o momento do culto. Esse fato se configura, inclusive como uma espécie de ‘obrigação’, pois segundo um dos colaboradores entrevistados, a vestimenta é um dos itens mais observados pelos fiéis.

E⁵⁷: como é a postura do senhor dentro da igreja como o senhor se comporta como o senhor fala como o senhor se veste -- existe uma postura que o senhor tem que seguir ou não?

L8: infelizmente pra comunidade sim -- é:

⁵⁷ Colaborador [L8T1] em que E: entrevistador / L8: Colaborador 8/ T1: Tempo no pastorado (até 10 anos) / T2: Tempo no pastorado (acima de 10 anos)

L8: **infelizmente há uma cobrança da sociedade**⁵⁸ eu... e isso cê vai aprendendo com o -- com o tempo né com a experiência existiu até uma - um caso interessante que aconteceu uma vez eu fui pra um aniversário de quinze anos de uma filha de um irmão da igreja e: como eu fui ajudá né fui de bermuda fui de boné e tal e uma moça falando um monte de coisa e uma irmã disse assim “olhe cuidado que o pastor tá aqui” aí ela olhou pra mim assim “**esse é o pastor?**” e **aí naquele momento me chamou a atenção e aí eu comecei a: a: cuidá mais ou menos da forma como eu me apresento tanto as vestimentas como a postura assim né?**

E: uhum:

L8: **qué queira qué não a gente tem que respondê as pessoas esperam um padrão e a gente tem que:**

E: respeitá esse padrão né?

L2: é interessante que nós somo/ a: **assim como os pais são espelho para os filhos nós pastores a maneira de se vesti a maneira de sefala** a/ o corte de cabelo enfim algumas pessoas tem isso na gente eles tem como espelho eu tenho uma criança na minha igreja que **ele se veste como pastô ela me chama de pastozinho** né e quando ele chega em no: nos culto **ele vai me procurá “e aí pastô tô bem?”** eu fico assim com pena dele porque um clima desse tropical muito quente **nós pastores sempre usamos terno domingo a noite** mas as vezes **uma criança/** o José⁵⁹ tem acho que dez/ nove anos dez anos e **tem o prazê de está de gravata o pai me contô que ele fala que qué imitá o pastô** não só na roupa na vestimenta mas **na vida pessoal do pastô nosso o espelho para as nossas congregações com certeza**

Além da vestimenta, no que concerne à linguagem o que nos chamou bastante atenção foi a forma de tratamento que era utilizada entre eles e entre as pessoas que estavam na Convenção. Todos se tratavam como Pastor José/Pedro e as mulheres eram chamadas de *irmãs*, ambas as formas de tratamento eram seguidas pelos nomes dos interlocutores, fato comum e caracterizador das comunidades/denominações evangélicas que demonstra a manutenção do *status* adquiridos por esses colaboradores em relação a sua posição de autoridade e relevância.

L2⁶⁰: Vamos dizer o catolicismo romano tem a missa depois todo mundo vai embora na igreja batista tem o culto não é? e depois tem a chamada escola bíblica dominical que você pega da

⁵⁸ Nesta subseção, o **negrito** evidencia os pontos em discussão.

⁵⁹ Todos os nomes apresentados nas transcrições são nomes fictícios utilizados com o intuito de preservar a identidade dos colaboradores e das pessoas mencionadas em suas entrevistas.

⁶⁰ Colaborador [L2T1]

criancinha não é: de três anos até **o irmão da terceira idade** e é dividido por faixa etária lá nós temos o projeto da EBD que é a EBD e o ciclo da vida ou seja a criança a: por é: é dividido por faixa etária e uma literatura bíblica para cada faixa etária.

A adoção desse repertório linguístico também demonstra o respeito relacionado à autoridade desempenhada por eles dentro da igreja, assim como é pregado pela Bíblia, cuja palavra é adotada em todas as esferas como regra de fé e prática social, segundo os princípios da igreja Batista.

Como visto na subseção 2.3 desta tese, a Bíblia adquire, nessa comunidade, o *status* de lei para a prática cotidiana, que norteia o modo de agir, de se comportar tanto na igreja, na família quanto no mundo/fora dessa comunidade de prática. Além desse modelo, pudemos perceber por meio da observação participante e das entrevistas, que existe um modelo de Pastor a ser seguido, personificado em um dos membros mais importantes e antigos da comunidade. Dessa forma, a sua vida cotidiana, sua vida profissional, seu modo de agir é enaltecido e elogiado pela maioria dos Pastores que o enxerga como um “Pastor exemplar”, um ícone, dado que ele segue os preceitos baseados na Bíblia.

A existência de um líder/ícone é um ponto comum nas comunidades de prática, ele, muitas vezes, foi eleito por meio de votação e tem o dever de tomar as decisões de forma coerente com os preceitos que regem essa organização, dar andamento às obras e cumprir às obrigações referentes ao seu cargo, além de delinear as práticas que serão adotadas pela comunidade.

Para uma comunidade de prática, esse fato se faz fundamental, pois é o estilo desse ícone que será observado e guiará o andamento desse grupo, não em função do seu objetivo principal, mas sim em função do estilo pessoal que será desenvolvido no decorrer desse engajamento. Podemos confirmar isso a partir das afirmações feitas durante a entrevista a respeito da necessidade de correção e adequação moral para o convívio em sociedade.

Não é o suficiente para marcar o nosso território como membros por nomes em etiquetas, caixas de correio, cercas e paredes. Nós também devemos nos marcar como pertencentes ao território, e um dos marcadores mais convincentes é falando como as pessoas que vivem nesse local⁶¹ (CHAMBERS, 1995, p. 250). (Tradução nossa)

De fato, essa associação não ocorre exclusivamente em comunidades de fala, as comunidades de prática, por terem em seu cerne a necessidade de troca de repertório

⁶¹ It is not enough to mark our territory as belonging to us by name tags, mailboxes, fences, hedges, and walls. We must also mark ourselves as belonging to the territory, and one of the most convincing markers is by speaking like the people who live there⁶¹ (CHAMBERS, 1995, p. 250).

linguístico, promovem essa busca por adequação ao que tem mais de prestigioso para aquele grupo, ou seja, as marcas que os distinguem dos outros grupos e/ou pessoas.

Segundo Lagares (2011, p. 33),

em todas as comunidades linguísticas minimamente desenvolvidas, um discriminante sociolinguístico importante é constituído pelo grau de letramento, pela competência na variedade padrão e pelo comando dos registros linguísticos elevados que exigem a utilização da variedade padrão.

Outro aspecto interessante se refere à formalidade existente entre os próprios Pastores que se conhecem há anos. Em todos os momentos, antes e depois das reuniões, as interações que aconteciam sempre eram marcadas pela formalidade e pelo uso de expressões particulares que caracterizam essa comunidade de prática, visto que quem pertence a alguma igreja evangélica pode muito bem ser reconhecido somente pelo seu uso linguístico diferenciado, seja em relação às formas de tratamento, conforme mencionado anteriormente, seja em relação ao uso de expressões tais como: *Glória a Deus!*, *A paz do senhor, irmão!*, entre outras. Wenger (2010, p.01) enfatiza o caráter simbólico desse tipo de troca de repertório na escrita e na fala ao afirmar que

O engajamento em contextos sociais envolve um duplo processo de construção de significados. Por um lado, nos envolvemos diretamente nas atividades, conversas, reflexões e outras formas de participação pessoal na vida social. Por outro lado, podemos produzir artefatos físicos e conceituais - palavras, ferramentas, conceitos, métodos, histórias, documentos, links, e outras formas de reificação - que refletem nossa experiência compartilhada e em torno do qual organizamos a nossa participação. (literalmente reificação significa “se transformar em um objeto”). (Tradução nossa)⁶²

A fala é primordialmente o meio mais utilizado para a pregação religiosa, esse fato promove nos Pastores recém-denominados⁶³ a necessidade de demonstrar seus conhecimentos religiosos utilizando, para isso, uma variedade linguística prestigiada socialmente.

Nessa comunidade de prática, o que está em evidência não é o uso da variedade legitimada socialmente como a variedade padrão, porquanto o critério de uniformidade do sistema em si não é o ponto principal, o que realmente está sendo visado é o uso (Norma objetiva) pautado numa variedade *considerada* prestigiada.

⁶² “Engagement in social contexts involves a dual process of meaning making. On the one hand, we engage directly in activities, conversations, reflections, and other forms of personal participation in social life. On the other hand, we produce physical and conceptual artifacts – words, tools, concepts, methods, stories, documents, links to resources, and other forms of reification-that reflect our shared experience and around which we organize our participation. (literally reification means ‘making into an object’)”.

⁶³ Expressão utilizada pelos membros da comunidade de prática para se referir aos Pastores que receberam o título recentemente.

Desta feita, na comunidade, com o decorrer do tempo, temos uma espécie de padronização dos usos considerados mais aceitáveis para a posição de Pastor de acordo, portanto, com o prestígio que as pessoas que usam essa variedade possuem dentro desse grupo e não exatamente com a correção dessas formas (cf. MONTEAGUDO, 2011; FARACO, 2011).

A fala mais formal, ou mais próxima da linguagem bíblica, se torna uma marca desses membros que se veem conduzidos tanto pela comunidade evangélica quanto pela sociedade em geral a se adequar sempre a esse ‘padrão’ e não utilizar formas inadequadas para sua posição social. Segundo os colaboradores, mesmo antes de se tornarem Pastores essa necessidade já era intuída, conforme podemos observar no excerto abaixo:

L2⁶⁴: era jovem analfabeto pedrero e **cheguei na igreja encontrei um ambiente muito diferente muito desenvolvido jovens falando bem se vestindo direitinho** e eu fiquei impressionado com tudo aquilo né e imaginei ou **eu não venho mais a esta igreja ou eu tenho que istudá pra: acompanhá esse povo então eu fiz a opção pra estudá pelo nível das pessoas que eu encontrei na igreja** então isso foi o segredo inicial para que eu entrasse numa igreja Batista

A pressão social proveniente da insegurança linguística (LABOV, 2008[1972]), fruto da formação escolar defasada, bem como da escassez de acesso à leitura e bens culturais que muitos desses Pastores podem ter presenciado em sua infância e/ou adolescência, gera esse tipo de tomada de posição/ desnaturalização da sua variedade cotidiana. A pressão social, por conseguinte, promove por si só a construção no imaginário de alguns falantes de que a sua variedade linguística não é prestigiada e não pode acompanhar a mudança que eles estão se submetendo ‘profissionalmente’, por isso eles assumem a necessidade de usar uma variedade condizente com o que é esperado pela comunidade para que assim eles possam se tornar membros efetivos.

Essa tentativa, em alguns casos, pode gerar hipercorreção tanto na fala quanto na escrita. Conforme está exposto no excerto abaixo, a adequação do repertório linguístico é uma constante para esses colaboradores:

E: e por conta disso o senhor se policia mais ao falar?

⁶⁴ Colaborador 2 [L2T1]

L15⁶⁵: a: com certeza a gente sabe que quanto a gente mais se expõe né mais está é: é: fadado ao erro né: quem mais aparece né está mais vulnerável ao erro então **por conta disso a gente tem que tê mais cuidado né com as palavras com postura** também né que isso também influencia muito né **porque qué queira qué não a gente está lá a frente e as pessoas tão nos observando**

O uso exacerbado de marcas da ‘variedade prestigiada’ é um índice de prática social dessa comunidade que se vê sempre estimulada por fatores externos e internos a se aprimorar e a se adequar à figura idealizada pelos próprios membros da igreja, devido à sua posição social nesse *lócus*, assim como a manutenção do *status* de líder/exemplo enquanto detentor da palavra divina.

Consoante discute Monteagudo (2011, p. 52), a variedade padrão ou prestigiada, relacionada à concepção dos colaboradores aqui entrevistados, está pautada na idealização, visto que “em geral, a ‘variedade padrão’ tem sido equiparada à ‘variedade de maior prestígio’ em vez de à variedade caracterizada pelo mais alto grau de uniformidade”. Desta feita, a questão primordial que conduz a essa assertiva é a de que o que está em voga na ‘escolha’ de uma variedade como mais apropriada para determinado momento, principalmente para contextos de formalidade, é o seu prestígio perante aquele grupo de pessoas. Por conseguinte, o que se destaca não é a organização/correção dos seus elementos internos, mas sim o prestígio que as pessoas que a utilizam assumem dentro daquele grupo, uma vez que “o prestígio atribuído às variedades linguísticas (por metonímia) é indexador e está envolvido na vida social dos falantes” (MONTEAGUDO, 2011, p. 53).

Nessa comunidade de prática, observamos que há um ideal de comportamento que acompanha esses Pastores desde a sua entrada na faculdade de teologia, não só referente à recorrente equiparação da sua fala ao modelo de escrita encontrado na Bíblia, mas também ao seu modo de falar e se expressar de acordo com os modelos dos grandes pregadores.

Isso fica refletido nos dizeres dos próprios colaboradores que afirmam haver preconceito relacionado à fala daqueles membros que não utilizam a variedade linguística legitimada para sua função, segundo o padrão idealizado por eles.

Não obstante, os que se corrigem e usam somente a variedade padrão são sempre aclamados e elogiados dentro e fora da sua comunidade. Esse fato nos leva a entender que o próprio linguajar é visto como um meio de demonstrar conhecimento e essa prática é

⁶⁵ Colaborador 15 [L15T1]

intensificada continuamente no seio da comunidade por meio da troca de repertório entre o Pastor mais experiente (*Full member*) e o Pastor recém-denominado (*Brokers*).

Há casos, por exemplo, em que o Pastor usa uma variedade culta, segundo suas concepções, para obter o *status* de mais instruído diante de uma plateia que o hostilizou, desse modo a variedade linguística mais formal foi usada para desmistificar certas ideias relacionadas à falta de preparação e instrução dos Pastores das igrejas evangélicas em geral.

E: o modo como o pastô fala -- se ele fala muito difícil ou fala muito fácil isso prejudica o entendimento?

L2: claro claro se o pastô começa a falá errado a primera coisa que vai chamá atenção todo mundo é o quê? **“esse pastô tá errado demais”** a gente tem que procurá/ é claro que: até tive uma brincadeira eu digo “quando eu tava aprendendo português mudaram a regra” aí mudaram a regra todinha e eu não sei mais

L1 e L2: ((risos))

L2: estava já chegando lá agora eu não sei o quê que tem acento o quê que não tem nas regras novas que surgiram aí mas **é fundamental o pastô tem que tentá falá corretamente e iscrevê corretamente apesá que nem todo/ ninguém consegue isso** né tanto que na própria academia quando a gente escreve um artigo a gente manda pro revisô **a gente comete os nossos erros e também tem os nossos vícios de falas** quando a gente até encontra lá na sua faculdade mermo professores doutores de linguística falando errado conjugações erradas equivocadas de língua portuguesa lá e: tem formação

L2: mas tem **vícios adquiridos** ao longo da vida **devem ser evitados** e devem ao máximo serem tratados o **pastô tem que falá correto** você tem por exemplo **o professô de português lá vai lá na minha igreja e eu começo a falá ele vai se preocupá mais com o que eu tô falando errado** do quê com a mensagem que eu quero passá então eu perco foco

L1: entendi

L2: entendeu? eu perco o foco e tem **a questão da formação das pessoas também se a gente fala errado o outro também fala errado**

Como podemos notar nos excertos acima, a preocupação com o bom falar é uma constante dentro dessa comunidade de prática, a adequação ao padrão exigido socialmente está atrelada não só a efetivação da comunicação, mas também a própria capacidade de ser Pastor, de levar a mensagem bíblica aos fiéis e de ser exemplo para a sua assembleia. Esse processo se torna cada vez mais imperioso, pois o colaborador é mais cobrado e movido a

ocupar sua posição dentro da comunidade de prática, com relação a isso, Neves (2008) afirma que

Quanto mais o indivíduo adquire consciência de seu papel na sociedade, mais ele busca definir para si o estatuto de usuário da língua prestigiada, e cada vez mais pensa a língua como um meio de afirmar-se e identificar-se valoradamente.

Fica evidente que, ao se preocuparem em se adequar a essa idealização construída interna e externamente, os membros dessa comunidade de prática acabam por usar mais formas com hipercorreção, pois se veem cada vez mais conduzidos a falar de forma ‘correta’ e ‘adequada’ devido à sua posição e ao *status* social ratificado pela comunidade de prática, corroborando com o que aponta Calvet (2002, p.80), “de todo modo a hipercorreção e a hipocorreção são estratégias que se deixam ler nos discursos, mas que têm uma outra função, uma função social”.

A hipercorreção que, não é muito recorrente em outros *lóci* sociais, se mostrou presente e multifacetada na fala desses colaboradores, através de instâncias variadas que abarcam diversos níveis linguísticos relacionados, muitas vezes, aos aspectos mais observados e corrigidos socialmente.

Não obstante, a prática diária desses Pastores referente à pregação merece ser observada com mais vagar, pois se configura como um ponto importante para a manutenção de uma variedade linguística prestigiada na comunidade.

Quando os Pastores adotam a Bíblia como regra de fé e prática, quando eles assumem que a lêem sempre e que necessitam se preparar para o momento do culto, utilizando para isso outras fontes, tais como: jornais, livros, revistas, dicionários; bem como, quando eles afirmam que escrevem suas homílias para que não se ‘percam’ em suas falas, eles demonstram preocupação e preparação cotidianas na construção do que será dito durante o culto, como fica evidenciado nos excertos a seguir:

L4: bom oração é: **eu dô uma uma uma revisão naquilo que eu vô falá** não é e: também eu tenho uma preocupação assim de: motivá as pessoas que fazem parte da membresia as pessoas que visitam a igreja a estarem presentes **pra ouví a mensagem que Deus vai falá ao coração delas**

L1: qual é a sua preparação antes de um culto o que que o senhor faz antes de...

L3: bom eu faço os seguinte é: dependendo de cada dia né por exemplo é: as terças feiras eu tenho assim culto nos lares então **eu faço uma reflexão prévia né pego um texto da bíblia**

né estudo ali aquele texto eu oro eu faço meu momento devocional e aí a noite né **eu vou levá a a palavra**

L1: qual a preparação do senhô antes de um culto o que que o senhô faz?

L6: bem antes de um culto é **eu me preparo pra pregá quem faz teologia sabe que existe matérias específicas que lhe ensina a pregar** por exemplo homilética a arte de pregar hermenêutica exegese não é além dos vários comentários bíblicos dicionários da **língua portuguesa o pastô deve se muní de todos esses materiais** pra que **ele possa então preparar a sua mensagem baseado nas escrituras sagradas** para alimentar o seu rebanho - não é chegar lá no púlpito **sem se prepará e falá é e falá né** e ficar repetindo as coisa então **pastô se prepara pra falá é dentru das normas homiléticas** né eu to falando **pastô batista ele é preparado pra ir pra falá pra o público** mas falá a palavra de Deus é: - com coerência

Há, portanto, a possibilidade da influência de uma modalidade em outra, visto que a fala vai se aproximar mais ainda do texto escrito cuja base está estreitamente atrelada ao que consta na Bíblia, podendo trazer até traços linguísticos desse texto em sua tessitura.

Os indivíduos mais propensos a apresentarem hipercorreção em suas falas são aqueles que estão em mobilidade social, que não têm segurança sobre a correção/prestígio da sua variedade linguística e, por isso, usam do artifício de adotar um léxico diferenciado juntamente com marcas linguísticas associadas a um *status* de prestígio, com vistas a se apropriar da variedade linguística mais prestigiada, garantindo assim uma imagem positiva na comunidade em que estão se engajando, posto que eles esperam aprovação dos seus pares, consoante pontua Calvet (2002, p.80), “a competência que se encontra por trás desse domínio é uma competência social, assim como são sociais os benefícios que se pode extrair dela”.

No que corresponde à hipercorreção, enquanto fenômeno sociolinguístico, um de seus gatilhos é o *status* relacionado/atribuído à variedade cotidiana que carrega o estatuto de menos adequada para a nova posição social que o falante está adquirindo ao se engajar em uma comunidade de prática, esse fato é reiterado por essa comunidade que, mesmo de forma indireta, evidencia que o ofício de Pastor deve ser pautado também pelo bom uso linguístico, intrinsecamente interligado a sua imagem global, visto que, mesmo fora do púlpito, em suas residências e/ou no ambiente cotidiano de trabalho ‘secular’ o “ser Pastor” deverá moldar seu modo de agir e de se relacionar.

A prática linguística desenvolvida por essa comunidade está permeada por um *status* interno que rege a fala/escrita dos colaboradores, estando atrelada ao que é considerado também como mais adequado fora daquele entorno, desta feita a variedade linguística desses

membros está pautada no que a sociedade elege como sendo formal e prestigioso dentro do contínuo de variedades disponíveis ([–prestigioso] a [+prestigioso]) que se aproximam do que é encontrado na Bíblia e na fala dos Pastores de renome dessa denominação.

Essa demarcação se faz importante, uma vez que os casos de hipercorreção que serão discutidos a seguir estão relacionados ao que é tido como um marcador de prestígio, ou seja, tudo que se afasta da variedade cotidiana/popular.

De acordo com a visão de construção da *persona*, o que podemos constatar é que nessa comunidade de prática, há a necessidade de seguir vários critérios para eles serem aceitos, não sendo somente necessário ter um ato de vontade para se colocar na posição pretendida, assim como acontece em outras comunidades com fins diferentes.

Na comunidade aqui descrita, para se tornar Pastor Batista é necessário, conforme vimos na subseção 2.3, cumprir vários requisitos, para que ao final da sua admissão seja possível uma filiação à Convenção tomada em análise. A figura de Pastor, portanto, precisa ser construída socialmente dentro e fora do seio familiar. O Pastor precisa ser uma pessoa que vivencia realmente a sua fé e, principalmente, aquele que prega no púlpito com eficácia. Desta feita, a *persona* religiosa desses colaboradores foi e é construída todos os dias em todas as esferas sociais.

No que se refere à contraparte linguística, a *persona* está ligada ao uso da variedade prestigiada socialmente, visto ser a única capaz de manter o seu *status*, como já demonstramos anteriormente, pois há o imaginário que permeia a fala e a escrita dos membros da comunidade de prática de Pastores Batistas, não só dentro da igreja, mas principalmente fora, em locais que as pessoas testam e observam com mais vagar as atitudes e ações desses colaboradores.

Esse quadro está em concordância com a discussão proposta por Eckert (2008) em relação à construção da *persona* ou estilo pessoal, a referida pesquisadora afirma que essa construção se dá em várias esferas por meio de uma “conexão entre os estilos linguísticos a outros sistemas estilísticos, tais como vestuário e outros sinais mercantilizados, com o tipo de construções ideológicas que os falantes compartilham e interpretam e que povoam o imaginário social”.

Podemos resumir os pontos essenciais que regem a comunidade de prática, de acordo com as características mais salientes encontradas durante nossa observação:

- a) BÍBLIA como regra de fé e prática em todas as esferas;
- b) FALA como instrumento de trabalho e valoração social;

- c) VESTIMENTA como um marcador de posição e *status* interno e externo à comunidade de prática.

Por conseguinte, tanto o caráter religioso quanto o linguístico se encontram imbricados no seio dessa comunidade de prática, uma vez que é nesse *locus* que a figura de Pastor e de falante da variedade prestigiada serão reafirmados e reconstruídos pelo convívio com seus pares através do engajamento mútuo, da negociação de propósito e, principalmente, da troca de repertório linguístico e simbólico. Essa troca de repertório demonstra muitas vezes que a escolha do colaborador em fazer parte daquela comunidade de prática não é de fato feita por vontade própria, na verdade, ele seria levado a se engajar como uma forma de ser aceito naquele novo grupo social, não porque ele quer, e sim porque ele precisa fazer parte (cf. DAVIES, 2004).

3.2 Instâncias de hipercorreção encontradas no *corpus*

O fenômeno de hipercorreção no Português Brasileiro (PB) se revela como um fato intrigante para o pesquisador, em razão de que, muitas vezes, as ocorrências são em pouco número se comparadas a outros fenômenos linguísticos, tais como a concordância verbal, a concordância nominal, a palatalização, entre outros; assim como pela própria natureza desse fenômeno que se mostra muitas vezes não tão evidente.

Como discutido na subseção 1.1 desta tese, o fenômeno da hipercorreção pode ocorrer de diversas formas no PB, nem sempre será característico haver a aplicação indiscriminada de uma regra mal apreendida, visto que esse fenômeno pode ocorrer também pelo uso de formas não tradicionais de construções linguísticas e até mesmo pela criação de novos vocábulos. Segundo Castro (2000, p.252),

as ocorrências mencionadas não são propriamente formas típicas da linguagem popular nem tampouco da variedade padrão. Correspondem ao que se denomina, tecnicamente, hipercorreção ou ultracorreção ou superurbanismo e representam tentativas mal sucedidas de reprodução da variedade padrão.

Com base nos estudos descritos na subseção 1.1, elencamos os casos de hipercorreção encontrados em nosso *corpus*. Alguns se configuraram como um padrão, outros aconteceram de forma difusa e única. Daremos ênfase àqueles que se mostraram recorrentes para viabilizar a presente análise, agrupando-os em categorias, os outros casos menos recorrentes serão analisados de forma pormenorizada posteriormente, com o intuito de compreender melhor a dinâmica desse fenômeno nessa comunidade de prática.

3.2.1 Hipercorreção referente à concordância verbal e nominal

A concordância verbal (doravante CV) no PB, tanto na fala quanto na escrita, vem sendo estudada exaustivamente por vários vieses sendo a sua presença um aspecto ressaltado socialmente principalmente em interações mais formais, visto que em nossa sociedade, a marca redundante de plural possui um significado associado à variedade prestigiada, o que causa maior monitoramento e atenção por parte dos falantes, em virtude disso, consoante Bagno (2011, p.707), “os falantes mais letrados, mesmo não fazendo concordância em 100% dos casos, consideram erro grave as lacunas de concordância, sobretudo quando os componentes do sintagma estão muito próximos”.

O comportamento esperado entre os falantes, por consequência, é o uso de [+concordância] em eventos informais/formais de fala/escrita, mesmo que esse não seja o padrão atestado pelas atuais pesquisas sociolinguísticas.

As variedades populares inibem com muita frequência a aplicação de concordância verbal e que, ao mesmo tempo, não parece ser uma regra categórica, obrigatória nas variedades cultas. É natural que o exame do fenômeno pareça ter tanta relevância nesse âmbito quanto no das variedades não-padrão, que, conforme Rodrigues (1989) é governado, em maior escala, por fatores de natureza extralinguística (CAMACHO, 1993, p. 104).

Segundo Santos (2011, p.101), a concordância verbal na língua portuguesa,

assim como em outras línguas, é realizada entre o sintagma sujeito e o verbo. Aquele possui marcas de número e pessoa, que também aparecem neste e que permitem a identificação do sintagma sujeito mesmo quando ele não está realizado foneticamente na oração.

Desta feita, a variação que acomete a concordância verbal no PB se apresenta como um fenômeno que consiste na eliminação das marcas redundantes de plural do verbo, havendo a manutenção dessa marca apenas no sintagma que ocupa a posição de sujeito.

Nos casos de hipercorreção encontrados em nosso *corpus*, conforme podemos observar nos exemplos de (1) a (4), ocorreu algo particular e inesperado, ou seja, aplicação das marcas de CV mesmo quando não há exigência, corroborando, assim, com os dados trazidos por Camacho (1993), Castilho (2009), Scremin & Aimin (2010) e Silva (2011).

Segundo Rodrigues (1989, p. 586), "o erro de concordância na 1ª pessoa do plural é mais saliente, sob o ponto de vista social, nos grandes centros urbanos; ele é estigmatizado e identifica o falante do interior, da zona rural das diferentes regiões brasileiras". Por consequência do monitoramento, os colaboradores buscam não cometer esse ‘erro’ atribuindo

[+concordância] às instâncias que ocorreram tanto com o pronome pessoal “a gente” quanto com o sintagma nominal “pessoal” que trazem em si a ideia de plural. Desta feita, mesmo esse sendo um contexto muito estigmatizado, a tensão proveniente do momento da entrevista de coleta de dados (Contexto 1) exasperou os colaboradores a não deixarem de aplicar uma característica da linguagem mais culta e prestigiada socialmente, qual seja, a falta de concordância.

(1) L2: Minha mãe se batizô e aí **a gente tivemos**⁶⁶ o primeiro contato com a igreja [L2T1C1]

(2) L2: A gente--- não---gente é grupo que **a gente acha que somos**⁶⁷ livres [L2T1C1]

(3) L3: Digo **ao pessoal que não só leiam** a bíblia mas **procurem** estudar [L3T2C1]

(4) L15: A bíblia diz assim aquele que roubava não roube mais aquele que mentia não minta mais né? então nós procuramos é claro que o evangelho ele é mudança de vida né? **a gente tem** que **temos** que está sempre mundano né? pra melhor [L15T1C1]

Observamos, nos exemplos (1) a (4), que o sintagma nominal que está na posição de sujeito apresenta traços de plural promovendo assim a marcação de concordância ideológica.

Segundo Vianna (2006),

em Menuzzi (1999, 2000), o comportamento de *a gente* também é analisado no contexto da oração. Segundo o autor, um fato particularmente interessante no comportamento da forma pronominal diz respeito a não-coincidência entre seus traços gramaticais e semântico-discursivos. Do ponto de vista gramatical, considera-se que tal forma estaria especificada como terceira pessoa do singular feminino, ainda que, em termos semânticos, funcione como um pronome de 1ª pessoa do plural.

Nas sentenças a seguir ocorre o mesmo mecanismo das anteriores, contudo elas apresentam a hipercorreção em uma estrutura de tópico:

(5) L20: Modo geral uma **boa parte da sociedade eles** acham que os crentes são/ discriminam são os santos são os melhores são não é? os inerrantes então existe um preconceito relacionado a isso né? mas de acordo com a convivência e no dia dia isso vai sendo dismistificado as pessoas vão tendo uma outra visão do que nós somos do que é o evangelho né? [L20T1C1]

(6) L2: Mas nós corremos um grande erro um grande um grande prejuízo no meio dos Batistas porque **a maioria** dos pastores Batistas **eles** tem uma atividade secular e por ter uma atividade secular sobra-se pouco tempo pra dedicar-se a leitura [L2T1C1]

⁶⁶ As hipercorreções encontradas em nosso *corpus* estão em **negrito** e sublinhadas.

⁶⁷ Levamos em consideração na análise dessa instância o paralelismo formal (SCHERRE; NARO, 1993).

(7) L6: E hoje **a maioria das denominações elas** é não tem mais aquele pregador leigo por exemplo [L6T2C1]

Segundo Ilari et al (2002, p.154), a construção de tópico consiste em “isolar um sintagma nominal na margem esquerda da frase [...] retomando-o através do pronome de terceira pessoa que lhe corresponde em gênero e número, no interior da mesma”.

Os exemplos (5), (6) e (7) se referem a uma construção de tópico com cópia pronominal ou duplo sujeito (DUARTE, 1993) que apresenta como característica um pronome-cópia deste sintagma na posição de sujeito. Contudo, conforme podemos notar, o pronome-cópia se apresenta no plural e o tópico se apresenta no singular, havendo uma retomada da ideia de plural contida no sintagma que o antecede. As expressões partitivas “boa parte da... e a maioria de...”, podem ser utilizadas tanto com o verbo no singular como no plural, contudo é mais comum utilizarmos com verbo no singular na fala coloquial.

Na sentença (8), mesmo sem o sintagma nominal na posição de sujeito apresentar quaisquer traços de plural, nem semânticos nem formais, o verbo se encontra flexionado, conforme podemos observar abaixo:

(8) L14: A minha esposa é da minha igreja meus filhos são da minha igreja minha sogra **são** da minha igreja a minha nora **são** da minha igreja enfim e também já tive o prazer de ser convidado pra algumas formatura [L14T1C1]

A partir dos dados aqui apresentados, podemos observar que a concordância se mostra como um ponto a ser corrigido pelos colaboradores, pois esse aspecto está associado a um índice de formalidade e de adequação à norma padrão. Esse monitoramento gera mais atenção, o que por consequência pode suscitar eventos de hipercorreção, conforme os descritos anteriormente, os quais se configuram como uma tentativa de alcançar um padrão idealizado/desejado, que, segundo as pesquisas, está longe de ser real.

A concordância verbal no português brasileiro inclui-se no conjunto dos fenômenos gramaticais sujeitos à variação. Ainda que pese significativamente a influência da tradição normativa na escola, é possível afirmar que, nem mesmo no âmbito da variedade culta, esse processo sintático pode ser considerado regra categórica, que se aplique invariavelmente, independentemente de outras restrições de natureza sintático-semântica ou discursiva. Que sofre injunções de ordem externa, derivadas da diversidade sociocultural, é uma realidade óbvia e indiscutível (CAMACHO, 1993, p. 104).

Mesmo em um número reduzido, encontramos também casos de hipercorreção na concordância nominal. A concordância nominal (doravante CN) se dá de duas formas no PB: concordância de número e concordância de gênero. A concordância de número se apresenta

como a presença ou ausência das marcas de plural entre os elementos do sintagma nominal e/ou do predicativo. A concordância de gênero ocorre entre esses mesmos elementos, no entanto, as marcas são referentes ao gênero masculino e feminino. Algumas pesquisas apontam que o monitoramento pode gerar a restituição dessas marcas de CN,

apoiando-se em resultados de sua tese e levando em conta a escrita padrão e a diversidade de contexto interacional, Scherre (1994b) apresenta evidências não só de que a variação na concordância nominal em PB é sistemática, mas também está bastante internalizada na mente do falante. Para tratar da influência do contexto interacional, apoia-se em Pereira (1993, apud Scherre, 1994b), que, analisando dados de um falante de nível superior de escolaridade, de classe média alta, administrador de uma fazenda, em três situações diferentes (interagindo com o patrão, com a família e com os empregados), mostra que a frequência da concordância diminui em cada uma das situações até chegar a quase zero, quando da interação com os empregados (BRANDÃO, 2011, p.166).

Em nossos dados, encontramos hipercorreção relativa à concordância de gênero, conforme pode ser observado a seguir:

(9) L4: Jesus continuou um homem tinha dois filhos o mais novo disse ao seu pai pai quero a minha parte da herança assim **ele** repartiu o **seu propriedade** entre eles não muito tempo depois [L4T1C3]

Em (9), a concordância nominal se estabelece entre o sintagma nominal sujeito masculino e o elemento pré-nuclear/primeiro elemento, o sintagma nominal possessivo; e não com o elemento nuclear que possui características femininas, segundo a norma corrente. Há concordância, mas não entre os elementos convencionais. O mesmo ocorre em (10), diferenciando somente com relação aos elementos que concordam entre si, que, nesse caso, o colaborador estabelece a concordância não entre dois sintagmas presentes na sentença, mas sim com o gênero do colaborador que enuncia a sentença e/ou agente da passiva, conforme podemos observar nos exemplos a seguir:

(10) L8: Muito cuidado muito cuidado como eu disse eu sô **uma pessoa muito extrovertido** gosto muito de brincar [L8T1C1]

(11) L8: Vou pedir que ele me dê uma vida ainda que seja como empregado **essa história foi contado por Jesus** vai falar do amor de Deus [L8T1C3]

(12) L1: **Esta é a história** do filho pródigo contada por Jesus é **considerado** uma das mais belas histórias da bíblia [L1T2C3]

(13) L5: Eu pertencia a Jesus Cristo e agora eu seria **seus discípulos** [L5T1C1]

(14) L4: Todo aquele pois que ouvi a minha palavra e crê naquele que me enviou não entrará em juízo né mas passô da morte para a vida e ele diz **todo aquele** que ouvir a minha palavra e as praticar é **comparada** a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha [L4T1C3]

Segundo Perini (2011, p.280), “os nominais usados não referencialmente – ou seja, qualificativamente ou como determinantes, quantificadores etc.- têm em geral gênero governado, isto é, precisam ter o mesmo gênero do núcleo”. Nas sentenças (10), (11) e (12), podemos notar que essa adequação não ocorre e o gênero será governado pelo gênero do próprio informante (10), pelo gênero do agente da passiva (11) e pelo gênero do sintagma nominal mais próximo (12).

Por ser um aspecto observado socialmente, a concordância nominal e verbal são mais propensas a serem corrigidas acima do que é previsto, fazendo com que os colaboradores não associem a sua *persona* a imagem de falantes da variedade desprestigiada e, por conseguinte, não precisem ser corrigidos quanto a esses aspectos.

3.2.1.1 Hipercorreção na marcação do plural do sintagma “cidadão”

No PB, alguns sintagmas apresentam a possibilidade de mais de uma forma de plural, no entanto, muitos falantes aplicam um padrão pertencente a um determinado sintagma nominal indiscriminadamente. Segundo Huback (2010, p.18), no que se refere ao comportamento do plural de algumas formas do PB,

como consequência desses processos evolutivos distintos, palavras, que eram etimologicamente pluralizadas de uma determinada maneira acabaram adquirindo outra desinência de plural, por conta da identidade no singular. Os plurais de ‘cidadão’ e ‘guardião’, por exemplo, deveriam ser ‘cidadãos’ e ‘guardiães’, mas as formas ‘cidadões’ e ‘guardiões’ já são registradas no *corpus* Lael Fala, embora essas não sejam formas etimológicas.

As formas encontradas no *corpus* Lael⁶⁸, também foram encontradas no *corpus* desta tese, principalmente no contexto de leitura do texto bíblico (C3). Nesse contexto, os colaboradores tiveram acesso a um texto escrito e precisavam apenas lê-lo em voz alta. Contudo, essas formas foram usadas e o plural tradicionalmente utilizado foi substituído pela forma ‘cidadões’. Huback (2010) afirma que, no PB, a frequência de uso de plural com a

⁶⁸ Corpora - Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

forma [-ões] é de 97,8% e com a forma [-ãos] é apenas 1,5%. Dessa forma, se pode presumir que o colaborador para não fugir desse uso, introduz uma forma mais empregada para que sua fala possua características mais próximas da variedade prestigiada socialmente, conforme podemos vislumbrar nos dados abaixo, fugindo assim da possibilidade de cometer um ‘desvio’ da norma vigente:

(15) L14: Ele começou a passá necessidade por isso foi empregar-se com um dos cidadões/cidadãs daquela região que o mando para o seu para o seu campo a fim de cuidá de porcos ele desejava com as vargens de alfa/ alforreiba + que os porcos comiam [L14T1C2]

(16) L20: Toda aquela região e ele começô a passar necessidade por isso foi empregar-se com um dos cidadões daquela região que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos [L20T1C2]

(17) L23: Depois de tê gastadu tudo houve uma grande fome em toda aquela região e ele começô a passá necessidade por isso foi empregados uns dois cidadões daquela região [L23T1C2]

(18) L5: Por isso foi empregar-se com um dos cidadões daquela região [L5T1C2]

(19) L9: Por isso foi empregar-se com um dos cidadões daquela região [L9T2C2]

É interessante notar que todos os casos relacionados a esse tipo de hipercorreção ocorreram no contexto de leitura do texto bíblico (C2). Esse fato demonstra que, mesmo ao ler determinada passagem retirada da Bíblia, os colaboradores corrigiram a forma como se apresenta o plural dessa palavra, pela formalidade e tensão provenientes da atenção prestada a esse momento, desta feita, eles seguiram o paradigma/flexão de outros sintagmas de nosso léxico que possuem várias possibilidades de marcação. Por conseguinte, ao tentar fugir do que estava escrito, eles produziram uma forma que não está associada ao sintagma em questão.

Os Pastores em T1, segundo os dados anteriores, produziram mais essas formas, ficando evidente a necessidade em serem reconhecidos como usuários da variedade prestigiada devido à mobilidade e ao *status* social que estão em jogo em momentos formais, haja vista que a pressão referente à sua fala é intensa, buscando se policiar mais e procurar sempre produzir formas que o impeçam de adquirir o *status* negativo em relação a sua fala e a sua identidade enquanto Pastores recém-denominados.

3.2.2 Hipercorreção referente ao abaixamento da vogal alta anterior

O fenômeno de abaixamento das vogais altas no PB se diferencia da tendência de alçamento que produz [u] em vez de [o] e [i] em vez de [e] em determinados contextos na fala coloquial. Essas instâncias ocorrem tanto em dados de fala quanto em dados de escrita, conforme pesquisas recentes (BORTONE; ALVES, 2014; SCREMIN; AIMIN, 2010; RIBEIRO, 2007; BORTONI, 2011; SILVA, 2011), demonstrando ser uma tendência entre os falantes de várias idades. Esse fenômeno, muitas vezes, decorre da necessidade de escrever e falar de acordo com o que a escola e a sociedade determinam. Segundo Bortone e Alves (2014, p.138),

um fenômeno freqüente na oralidade de diversas regiões do Brasil é o da elevação das vogais médias. [...] o fenômeno ocorre sempre nas sílabas átonas, elevando o fone [e] para [i] e o fone [o] para [u]. Estudantes são constantemente alertados pelos professores a escreverem corretamente, evitando, na escrita, a mesma elevação da oralidade. Sofrem pressão da escola para usarem a forma de prestígio. Por isso, as vogais médias [e] e [o] são vistas por eles como mais corretas do que as variantes altas [i] e [u]. Daí a recuperação delas nos estilos cuidados.

Os dados encontrados foram em um número pequeno, no entanto, corroboram com a tendência apontada nos estudos mencionados anteriormente. É interessante notar que os casos encontrados ocorreram na fala dos Pastores em T2, conforme podemos observar a seguir:

(20) L1: Pra mim um **previlégio** [L1T2C3]

(21) L1: Obrigado **previlégio** mesmo [L1T2C3]

(22) L24: Um/ o mundo tem um comportamento que num é um comportamento assim de Cristo né? A gente sabe que Cristo assim num--- não andava se **embreagandu** não andava é: morrendo por causa de vício [L24T2C1]

Essa alternância afasta a variedade linguística do colaborador daquela falada cotidianamente, aproximando-a mais da escrita, visto que há palavras que apresentam essa correspondência e são veementemente corrigidas pela sociedade em geral.

3.2.3 Hipercorreção por meio de neologismos

Apesar de ser uma discussão recente, já é possível encontrar a associação entre o neologismo e a hipercorreção sendo debatida em decorrência da necessidade latente em se usar um léxico distante daquele usado no cotidiano com vistas a adquirir um *status* prestigioso (cf. SAGUATE, 2012).

Os neologismos se configuram como a criação de uma palavra nova dentro dos mecanismos disponíveis no sistema linguístico ou uso de uma palavra já existente em outra esfera significativa, apresentando certa motivação derivada da sua estrutura. (cf. ALVES, 1990). Em nossos dados, podemos encontrar esses dois tipos de neologismo:

1) Neologismo por conteúdo/ semântico:

Nos exemplos abaixo, analisamos os sintagmas **berçário** e **equalizar** que, segundo dicionário (cf. MICHAELIS, 2009), significam usualmente: “em hospitais e maternidades, seção onde estão os berços para os recém-nascidos” e “uniformizar, igualar”.

No entanto, nas sentenças a seguir, podemos observar que os sintagmas estão associados a outro significado, na verdade, o primeiro faz menção ao tempo de conversão do colaborador que, para informar que não é evangélico desde a sua infância/ não nasceu em um lar evangélico, afirma não ser “berçário”; e o segundo, “abordar vários assuntos”.

(23) L2: Não não eu sou--- **eu não sô berçário** não eu sô convertido [L2T1C1]

(24) L14: A bíblia é um livro inspirado mas nós precisamos tá lendo bastante até porque a nossos pastores batista a nosso beblesia é diferenciada ele não aceita simplesmente um glória a Deus ou expulsá demônios não eles querem realmente tê conteúdo e tentá **equalizá** de tudo [L14T1C1]

É importante salientar que termos como esses podem ser usados nessa comunidade de prática e podem assumir significados outros que são desconhecidos por aqueles que não fazem parte desse convívio. Esses neologismos podem ser uma tentativa de afastar a fala desses colaboradores da fala mais coloquial/ menos formal ou até mesmo faz parte da construção de um léxico diferenciado para essa comunidade.

2) Neologismo estrutural/ lexical:

No que se refere à modificação da estrutura de palavras já existentes, ao alterar sua fala em busca de um léxico mais apropriado ao momento de formalidade, os colaboradores produzem casos de hipercorreção que, como podemos observar nos exemplos de (24) a (30), conduzem ao uso de palavras não usuais fora dessa comunidade. A título de exemplo, nas

sentenças a seguir, há o uso de um sintagma muito utilizado nessa comunidade de prática que faz referência aos membros da igreja como um todo, a saber: Membresia/Pebresia.

(24) L6: Nós defendemos uma democracia congregacional então o podê maiô está na **pebresia** da igreja reunida [L6T2C1]

(25) L7: Mas de uma matéria secular né? de outro curso superiô que eu to fazendo aí eu sô forçado a então é: não é desculpa as pessoas hoje num não leem é alegando não tê condições de comprá livros ou ou qualquer outra literatura infelizmente o o: até a **membresia** mesmo evangélica eles tem usado muito internet mas pra se diverti diverti postá fotos postá imagens postá num sei o quê aquelas tolice que não leva a nada [L7T2C1]

Na sentença (26), o sintagma tem uma estrutura que pode estar associada à forma utilizada na área de administração de empresas conhecida como *departamentalização* que consiste na divisão de trabalho por especialização dentro da estrutura organizacional. Dentro do contexto da sentença, podemos perceber que o sentido posto é ‘divisão’.

(26) L11: Ele vive em integralidade ele/ ele é pastor e deve sê pastor onde quer que esteja ele deve ser pai onde quer que esteja e viver a integralidade de ser ele não não deve **departamenizá** o ser dele eu sou pastor aqui aqui eu sou o pai aqui eu sou a mãe então precisa sê um conjunto em todos os lugares pra que num/ não há essa **departamenização** ele consiga ter um comportamento mais voltado e fundamentado naquilo que ele prega [L11T1C1]

O neologismo presente em (27) e (28) se refere ao tipo de comportamento que ocorre em algumas igrejas no que concerne à doutrinação restrita ao templo⁶⁹, o colaborador que utilizou as formas **templista** e **temprista**, é responsável pela fundação de várias igrejas e em sua fala ele tenta deixar claro, portanto, que sua conduta não se restringe somente à construção e organização do ambiente físico do templo religioso.

(27) L12: É: eu não sô muito **temprista** é: até porque é: eu vivo muito dentro da visão missionária da pregação do evangelho e as pessoas estão fora [L12T2C1]

(28) L12: A igreja pra mim ela tem que tê esse lado de comunhão se você não tive comunhão eu nem vejo que é uma igreja e pra mim igreja ela é esse negócio eu não sô muito é: **templista** nesse sentido [L12T2C1]

Nos casos a seguir, temos formas que são muito parecidas com alguns sintagmas do PB (premissa e intimamente), contudo, na sentença, não apresentam um significado próximo ao desses sintagmas, dificultando, inclusive o nosso entendimento.

⁶⁹ Comunicação pessoal durante a observação participante.

(29) L16: Essa proibição de imagens também aí fui lá procurá com muito cuidado até que encontrei quando encontrei que comecei a vê e lê é: **premissiando** naquela leitura de repente eu sinto uma sombra atrás de mim era o padre pegô aqui na minha orelha e disse “quem deus ordens o sinhô de abri essa istante de pegá isso daí? a parti de hoje você sai da igreja e nunca aparece mais aqui” [L16T2C1]

(30) L17: Temos que intendê isso aí intão a nossa norma de regra de fé de prática é a palavra de Deus muitas vezes **intrissimamente** quando ela contraria o que nós queremos fazê essa é que tem que sê a nossa regra a bíblia [L17T1C1]

A maior parte dos neologismos ocorreu durante a entrevista estruturada, contexto esse que os Pastores possuíam maior mobilidade e liberdade para responder às perguntas, desta feita, por ser um momento de formalidade latente, e por saberem que estavam sendo gravados para posterior escuta, os colaboradores buscaram, por meio do uso de palavras não convencionais, demonstrarem sua habilidade relacionada à variedade linguística padrão se afastando da variedade coloquial evidenciando que seu léxico também possui influência da sua religião ao utilizar palavras que não são comuns para aqueles que não fazem parte dessa comunidade de prática.

3.2.4 Hipercorreção referente ao uso do pronome demonstrativo ‘onde’ sem referência expressa de local

No PB, cada vez mais podemos encontrar construções com o *onde* anafórico, exercendo a função de pronome relativo, sem referência locativa tanto em dados escritos quanto em dados de fala, muitas vezes, trazendo a noção de tempo em sua imanência.

Segundo Souza (2009, p.1104),

O emprego do item *onde* tem sido alvo de pesquisa nas últimas décadas, uma vez que os usuários da Língua Portuguesa, muitas vezes, utilizam referências não locativas antecedendo-o ou atribuem-lhe novos sentidos, como explicativo, temporal, de instrumento. Há contextos em que ele é utilizado destituído de valor semântico, como um mero conectivo sem significado. Em todos esses casos, o elemento se afasta do uso preconizado nas gramáticas normativas, o que permite discussões entre pesquisadores e professores de língua materna.

Em nossos dados, encontramos algumas dessas ocorrências corroborando dessa forma com o que afirmam alguns pesquisadores a respeito dessa tendência no PB falado e escrito (BAGNO, 2013), a saber, a variação no uso de ‘onde’ em detrimento de formas como ‘em que’ e ‘quando’ sem, no entanto, haver estigmatização dessas ocorrências, mas sim uma

supervalorização ou tentativa de evitar o pronome relativo ‘que’ associado, muitas vezes, ao coloquialismo e à informalidade.

(31) L2: A minha história na igreja começou em noventa e cinco **onde** um novo convertido passa a ter os contato com a igreja [L2T1C1]

(32) L5: É: **onde** eu sou uma coisa em casa e no trabalho [L5T1C1]

(33) L20: É eu é sobre religião assim propriamente dita eu evito discuti ou debatê entendeu? então sobre religião em si o que eu comento reflito e: dialogo é sobre a bíblia porque: eu tenho a bíblia como algo absoluto inquestionável e se torna algo mais fácil assim de eu vencê um diálogo mais quando parte para a religião determinados ponto de vista não é? determinadas teorias não é? é é: alguns temas é mais diria assim teológico **onde** há muitos pontos de vista eu evito porque geralmente só gera desavença né? [L20T1C1]

(34) L23: Primero nós precisamos ouvir a voz de Deus nós só ouvimos a voz de Deus quando oramos quando lemo a a palavra e quando temos o nosso momento a sós com ele e aí Deus fala aos nosso corações nós sentimos a presença dele e aí se preparamos para o momento do culto que é **onde** primero Deus fala conosco pra que depois nós possamos passar tudo aquilo que ele falou comigo eu falar pra as nossas ovelhas é dessa forma [L23T1C1]

As instâncias encontradas acima foram produzidas apenas em C1 (Entrevista estruturada) e na fala dos Pastores em T1 (até 10 anos no Pastorado), assim como apresentam o *onde* assumindo o valor de **tempo**, segundo apontam as pesquisas sobre essa tendência atual (SOUZA, 2009; BRAGA; MANFILI, 2004). Esses usos, conforme mencionado anteriormente, revelam uma tendência em afastar a fala da variedade informal e/ou cotidiana.

3.2.5 Hipercorreção no uso de pronomes

Em nosso *corpus*, encontramos esse tipo de hipercorreção em três contextos distintos: o primeiro se refere ao uso de pronomes reflexivos com verbos que na sentença específica não se constroem reflexivamente. O segundo contexto faz referência à construção de sentenças com sujeito indeterminado; e, por fim, o último contexto é referente à colocação pronominal enclítica em contextos de próclise.

3.2.5.1 Contexto não reflexivo

Os dados abaixo são constituídos basicamente com sentenças que apresentam pronomes sendo utilizados após verbos que podem ser empregados em construções reflexivas, mas que nestas sentenças especificamente não se constroem reflexivamente, essas ocorrências podem ter sido motivadas por um desejo de correção promovido pela necessidade de usar determinado padrão de construção verbal em todos os contextos (PEREIRA, 2010).

Nas sentenças a seguir, podemos observar o verbo ‘sentir’ sendo utilizado em construção reflexiva em um contexto que não a exige, visto que na acepção relacionada à sensação psicológica de ‘ter a sensação de/ perceber/ achar’, esse verbo é utilizado sem o acompanhamento do pronome.

(35) L1: Um pouco de pressão sim **eu me sinto** de certo modo as pessoas olhando [L1T2C1]

(36) L9: **Eu me sinto** é: que a gente fala muito de religião [L9T2C1]

Logo a seguir, na sentença (37), podemos observar o sintagma verbal ‘falar’ que não exige pronome reflexivo sendo usado seguido pelo ‘me’.

(37) L12: Sim sim eu é: essa é outra pergunta complicada porque **tem que me falar de mim mesmo** [L12T2C1]

Como podemos ressaltar, a partir dos dados anteriormente expostos, os casos aconteceram mais na fala dos colaboradores em T2. No entanto, o contexto de coleta de dados parece ter influenciado essas ocorrências, visto que todas aconteceram em C1 (Entrevista estruturada) e corroboram com os dados discutidos em Pereira (2010).

3.2.5.2 Contexto de indeterminação dos sujeitos

No que se refere ao uso de pronomes para indeterminar o sujeito, os colaboradores associaram tanto o uso do ‘se’ quanto o verbo no infinitivo para construir essas sentenças, encontramos casos com os verbos **falar, aproveitar, sobrar, precisar e viver**.

(38) L14: É interessante que nós somo a: assim como os pais são espelho para os filhos nós pastores a maneira de se vestí a maneira de **se falá** a: o corte de cabelo enfim algumas pessoas tem isso na gente eles tem como espelho [L14T1C1]

(39) L2: Mas nós corremos um grande erro um grande um grande prejuízo no meio dos Batistas porque a maioria dos pastores Batistas eles tem uma atividade secular e por ter uma atividade secular sobra-se pouco tempo pra dedicar-se a leitura [L2T1C1]

(40) L11: O que mudou assim a minha compreensão de vida assim quando você tem experiência com o Cristo da fé cê passa a perceber que a vida ela ela ela muda um pouco o sentido da vida né quem que vive a vida como era é vivenciada na maioria das pessoas é: as pessoas vivem como se o mundo tem que se aproveitá - o máximo que se puder tem que se vivê é: da forma como se deseja [L11T1C1]

(41) L1: Nós somos estrangeiros aqui e a gente conhece o estrangeiro pela maneira de tratar pela linguagem pela maneira de ser então aquele que procura servir a Jesus deve procurar dar um exemplo na sua maneira de agir e de se conduzir se compra a prazo deve sem precisar cobrar saber que se precisa pagar [L1T2C1]

3.2.5.3 Colocação pronominal

No que tange à colocação pronominal, a estrutura mais usada no PB é a próclise que ocorre quando o pronome oblíquo se posiciona sempre antes do verbo principal da oração. A colocação proclítica, para Luft, é condicionada por “elementos de atração” (LUFT, 1987, p. 19), como as partículas QU e as negações. No entanto, o gramático não exclui que a próclise seja um dos traços que “procuram evocar fala ou imprimir um tom coloquial, intimista, ou descontraído. Por contraste, a ênclise soa à cerimônia, linguagem objetiva, técnica, etc. (v.1)” (LUFT, 1987, p. 39).

Azeredo (2008), em sua gramática, ao discorrer sobre essa questão, avalia que “a adoção da ênclise na colocação pronominal, por consequência, é analisada como traço de formalidade e pode revelar alto grau de monitoramento ou artificialismo no discurso. Logo, esta seria condicionada por fatores sócio-comunicativos, não por gramaticalidade” (AZEREDO, 2008 apud OTHERO et al, 2012, p. 441).

Consoante Perini, a próclise é a regra geral em PB, ou seja, é o tipo de construção mais utilizada tanto na fala quanto na escrita (PERINI, 2010, p.119 apud OTHERO et al, 2012, p.447).

É notável essa preferência no PB, várias gramáticas normativas listam as inadequações de colocação pronominal enfocando principalmente nos casos de próclise, admitindo que tal construção não pode ser utilizada em momentos formais, com isso há uma tentativa de frear um movimento natural da nossa variedade linguística, visto que se formos analisar essas

construções atualmente “vê-se que o português europeu é predominantemente enclítico, ao passo que o PB é predominantemente proclítico” (CASTILHO, 2010, p.484).

Na comunidade de prática aqui estudada, o colaborador tenta não produzir a próclise mesmo que o contexto seja o propício para tal. Essa tentativa visa não só evitar um uso considerado errôneo, mas também ajuda a promover o afastamento da variedade linguística popular e a aproximação ao padrão exigido socialmente.

Podemos observar nos dados (42) e (43) que, mesmo com as partículas atrativas, os colaboradores usaram o pronome em construção enclítica.

(42) L10: Eu sou pernambucano moro aqui a vinte e quatro anos sou mais alagoano hoje que pernambucano mas assim se um colega meu um jovem pastor **ontem tornou-se pastor** eu tenho que olhá pra ele com absoluto respeito não é? e jamais tocar nele ou seja xxx e nem ninguém [L10T2C1]

(43) L10: Sê crente talvez seja a coisa comum a gente muitos colocam é: nos meus trinta e cinco anos de pastorado ainda estão me procurando né: então muitos e procuram assim admitindo principalmente a fase da adolescência que é esta fase difícil que a psicologia explica bem porque o adolescente e o jovem ainda acha que jogando sua vida no mundo ele vai sê realizado ele vai sê feliz as é a maneira de inclusão não é? Então foi o que aconteceu com este jovem **que iludiu-se** com o mundo mas depois teve a percepção o mundo não tem nada a oferecer e aí ele retorna para o pai [L10T2C3]

É interessante notar que esses usos aconteceram também no Contexto 3 referente à explicação do texto bíblico. Como pode ser observado no anexo IV, o texto escolhido traz várias formas com o pronome em construções enclíticas, os colaboradores podem ter sido influenciados a manter sua fala no mesmo nível do texto bíblico e, por conta disso, produziram tais instâncias.

Outras ocorrências envolvendo pronomes foram encontradas e nos revelam alguns pontos interessantes a respeito da correção linguística e a escolha de alguns traços prestigiados socialmente e que remetem à figura de falante culto, sendo assim mantenedores de uma variedade linguística isenta de preconceito e estigmatização.

Em (44), o verbo ‘indicar’ assume a acepção de ‘recomendar algo para alguém ou prescrever’ sendo considerado tradicionalmente como verbo transitivo indireto regido pela preposição “a”. Nessa sentença, há o uso de um clítico acusativo ‘a’ em detrimento do ‘lhe’, o que ocasiona inclusive a alteração do sentido da sentença que passa a remeter à ideia de ‘recomendar a pessoa com quem se está falando’. Embora seja indiferente usar o pronome oblíquo antes ou depois do verbo no infinitivo, devido à presença da preposição ‘para’, a

sentença acaba por produzir um sentido diferenciado ocasionado inclusive pela escolha pronominal.

(44) L9: Se é: conveniente que eu soubesse da necessidade da pessoa para **indicá-la** porque se não a pessoa pode ler um livro e pode não entender [L9T2C1]

Nas sentenças a seguir, temos outro tipo de construção que surge através do desejo de correção em busca de uma variedade mais prestigiada, marcada pela inserção de pronomes e pelo uso de formas que, em eventos informais, são veementemente subtraídas da nossa fala e escrita:

(45) L7: Meus filhos assim hoje são adultos alguns casados estão bem também caminhando tranquilo sem se sentir pressionado nós como batistas nós gostamos de de de vê um teatro de assistir um bom filme de futebol né? a gente gosta gosta de torcê agora dentro da nossa forma de sê não como o mundão vê as coisas **que se espancam uns aos outros** e tal intão... é assim a nossa forma de vivê e vivemos bem graças a Deus [L7T2C1]

(46) L9: Deus **te** ajuda a **você** conseguir o que você não conseguiria pessoalmente [L9T2C1]

(47) L18: Não não não nenhum... nenhuma alteração nem psicológica nem emocional pelo contrário né? a palavra **nos** ensina **a gente** a a tê um comportamento diferente né essa humildade [L18T1C1]

Essas construções de redobro, segundo Kato (1996 apud OLIVEIRA, 2004, p. 04), ocorrem devido a um comportamento consciente de monitoração. Isso aconteceria por consequência do processo de aprendizagem formal desses pronomes em que “o clítico acusativo⁷⁰ é aprendido como “morfologia estilística”, pois é usado de forma significativa apenas na língua escrita. Para a autora, a morfologia estilística não faz parte do conhecimento internalizado da criança, o que significa que não se recupera "o sistema de clíticos como parte de um sistema de representação em nível de Língua - I".

Desta feita, em decorrência da escolarização, com o passar dos anos e com o constante acesso a textos religiosos e a leitura de outros textos baseados na Bíblia, até mesmo a familiaridade com a fala de grandes pregadores e a audição constante de hinos religiosos, os

⁷⁰ Um clítico foi definido como um item lexical sem acento prosódico atribuído no léxico (tal como os afixos e contrariamente às palavras), mas com uma certa liberdade posicional (tal como as palavras, mas contrariamente aos afixos). Os termos “nominativo”, “acusativo” e “dativo” são usados com base nas distinções casuais associadas aos nomes (e seus modificadores) que desempenhavam estas funções em latim. Estas designações “casuais” são comuns na tradição gramatical para distinguir entre si os pronomes pessoais, mesmo em línguas sem flexão casual para os nomes (como o português), precisamente porque a forma dos pronomes pessoais é sensível à sua função gramatical (MARTINS, 2013, p. 1-2). Desta feita, sendo denominado de acusativo aquele que desempenha função de complemento direto e dativo aquele que desempenha função de complemento indireto.

colaboradores se sentem motivados a utilizarem esses pronomes em diferentes construções com vistas a promover suas falas para que estas se aproximem da variedade linguística/estilo daqueles que eles admiram, por meio da restituição de formas consideradas prestigiadas socialmente.

3.2.6 Hipercorreção referente à regência verbal e nominal

Aspectos relacionados à regência verbal e nominal são muito estudados no PB, muitos pesquisadores atestam a dificuldade em se relacionar o termo regido ao termo regente, visto que muitas vezes até mesmo as gramáticas normativas deixam algumas lacunas em aberto. No entanto, em nosso trabalho, observamos que algumas preposições foram mais utilizadas independente da necessidade do termo regente, conforme consta nos dados a seguir:

(48) L21: Né que o chamado ministerial ele não é feito pela pessoa mas é Deus que convoca certo? Então fugindo um poquinho a parte acadêmica pela fé por exemplo esse sonho pra mim foi Deus falando **claramente a mim** né hoje eu entendo isso. [L21T1C1]

(49) L14: A: talvez seja algumas gíria algumas palavras que não agrada a Deus com certeza e nós aprendemos com o tempo a: dependendo do berço que você é criado a família que a pessoa vem você tem uma cultura porque você é criado então temos que mudar você começa a andar **em meio de** uma sociedade de pessoas que tenha uma linguagem diferente uma postura diferente você aprende é como se você tivesse aprendendo um idioma se você que aprendê um bom inglês um bom francês [L14T1C1]

(50) L9: Atualmente eu não estou a frente **de igreja** estou participando por dentro da igreja [L9T2C1]

(51) L8: Grosseiras acho que o púlpito é um **lugar de** onde deve ter firmeza né muita muita muito esclarecimento [L8T1C1]

(52) L11: Assim a: compreensão de vida e o meu caráter porque assim a: **a partir de que** eu comprei a visão de seguir a Cristo de viver a proposta de evangelho que a palavra ensina [L11T1C1]

Bortone e Alves (2014) apresentam instâncias de hipercorreção presentes na regência verbal em dados de escrita, casos como esses foram encontrados também na fala dos colaboradores da presente comunidade de prática. Em alguns dos casos encontrados, o uso de preposições que não são requeridas pelos sintagmas nominais ou verbais faz com que essas sentenças assumam significados distintos do que são reconhecidos cotidianamente. Há

nitidamente um processo de hipercorreção, visto que “se verifica se há inserção de preposição em lugares em que isso não fosse previsto pela norma, ou se há troca de preposição, ou seja, se uma é empregada em lugar de outra” (TANINHÃO, 2011, p. 78), principalmente quanto ao uso das preposições ‘de’ e ‘a’.

Na fala coloquial, temos o uso de outras preposições com os verbos e nomes abaixo, a mais usada é “em”, conforme afirma Vieira (2009, p. 424) “a tradição gramatical brasileira, da mesma forma que a norma européia, prescreve a seleção de preposições direcionais para verbos como chegar, vir, ir. No entanto, na fala coloquial, a preposição locativa “em” alterna com as preposições a/para com esses verbos”. Consoante podemos notar nas sentenças a seguir, os colaboradores usam a preposição ‘a’ mesmo quando esta não é requerida pelo verbo.

(53) L8: Precisa melhorar precisa corrigir é indispensável né eu sei que nem todos tem esse dom né mais nós precisamos fazer o melhor possível nossa fala né se **não chega a dizer** perfeita mais **chega a próximo** disso [L8T1C1]

(54) L1: Qualquer tarefa que **eu tenho a desempenhar** eu sigo muito o exemplo do pastor xxx [L1T2C1]

A construção “chegar a” é muito reiterada pelos gramáticos e sofre correção explícita socialmente, várias anedotas são criadas enfatizando as variações encontradas na fala, o monitoramento dessas formas em nossa sociedade é constante, principalmente quando a sentença está indicando a chegada a um determinado local. No caso acima, temos o uso da preposição requerida em outros contextos sendo usada sem que haja necessidade estrutural.

Desta feita, a preposição ‘a’ pode estar sendo usada como um meio de aplicação de uma forma que fuja ao uso cotidiano e corriqueiro devido à adequação da fala ao momento de tensão e formalidade durante a coleta de dados, é interessante notar que o assunto abordado foi referente ao uso do português padrão e a necessidade de correção latente que os colaboradores sentem em suas interações, fato esse que pode ter impulsionado o uso de formas mais distantes da fala coloquial, segundo Labov (2008[1972]), quando o tópico da entrevista se refere ao uso linguístico o colaborador tende a usar uma variedade mais formal.

Ao observarmos a fala cotidiana, notamos os usos variados que as preposições assumiram atualmente, de acordo com “Pontes (1992, p. 8), as preposições modificam-se primeiro em seu uso literal, ou seja, de espaço, mas perduram no uso metafórico. Assim, a preposição “a” já não é mais usada na maioria das acepções de espaço na língua coloquial, tendo sido substituída por “em” e “para”, mas continua sendo um pouco mais usada quando

indica tempo. Por exemplo, não se diz mais que a comida está à mesa, mas sim “na mesa”. Mas ainda se diz “às dez horas” (apud VIEIRA, 2009, p. 426).

O sintagma verbal **tocar**, classificado como verbo transitivo direto, não necessita de preposição antes do termo regido, contudo o que podemos observar é que o informante utilizou a preposição “a” sem que houvesse exigência.

(55) L4: Eu fui muito bem recebido muito bem acolhido e senti o desejo de sempre retornar ali e Deus foi falando ao meu coração foi **tocando ao meu coração** [L4T1C1]

(56) L5: Então eu podia **escolher a** não mudar né mas eu escolhi Cristo [L5T1C1]

(57) L22: Muito vasta se nós fossemos falar aí claro que ia demorar muito tempo mas podemos resumir não é? E dizer que pra nós tem sido assim é um privilégio né? Podê estar abençoando nosso sertanejos **levando a** eles uma palavra de esperança não é? Por exemplo quantas vezes a gente a: viajando pelo sertão na seca nós passávamos por é: cadáveres de animais não é? [L22T2C1]

(58) L24: Me desviei e: e eu sei enquanto eu estava ali desviado e fazendo tudo aquilo que era **ao contrário** as vontades do meu pai eu sei que meu pai/ meu pai divino meu Deus ele estava sofrendo em ver o filho dele jogado naquela lama [L24T2C3]

(59) L12: Na mesma igreja começou a igreja faleceu na igreja é por volta dos quarenta e cinco anos na mesma igreja é: não pelo tempo que ele fico mas pela postura dele em dois sentidos defensor da bíblia e visão missionária e apesar dele ter todo esse gabarito um homem conceitual é: uma história é nas letras certa vez eu o vi é num culto de domingo a noite dele dizer “eu estou aqui a quarenta anos nesta igreja mas eu estou aqui até hoje porque eu estou na palavra” aí levantou a bíblia + então isso me chamou atenção porque sustentou ele **a superar** todas as dificuldades do passado e existente na época foi ele estar na palavra então pra mim isso se tornou muito importante [L12T2C1]

Os casos acima demonstram a preocupação em estabelecer a regência verbal e nominal, cuja atenção se volta principalmente ao uso da preposição “de”, “a”. Segundo Pereira, Silva e Assis (2014, p.214),

vemos claramente o uso da preposição *de* em estruturas linguísticas em que elas são desnecessárias, caracterizando-se como exemplos de hipercorreção. Este fenômeno se explica por um exagero que ocorre quando o falante, na tentativa de acertar em relação a um uso linguístico, acaba por cometer um equívoco inserindo ou retirando elementos da estrutura em uso.

Dessa forma, o falante por saber que o padrão é marcado pelo uso desses elementos, acaba usando-os mesmo em contextos em que eles não são requeridos, sendo esses dados referentes a um clássico caso de hipercorreção. Mais uma vez o imaginário de correção permeia essas falas.

Devido a essas modificações, há um maior monitoramento no que se refere ao uso de determinadas preposições com alguns verbos, visto que elas adquiriram um *status* desprestigiado em nossa variedade linguística.

(60) L8: Ele disse muito dos empregados do meu pai tem **de** comer tem o que vestir [L8T1C3]

(61) L9: Atualmente eu não estou a frente de igreja estou participando **por dentro da igreja** [L9T2C1]

(62) L4: Olha - geralmente assim - eu sou uma pessoa que eu não tomo nenhuma decisão se eu tiver de cabeça quente **se eu tiver de chateado** - tá entendendo? [L4T1C1]

(63) L11: Minha mãe começou a ter um contato maior eu conseqüentemente fui também com os meus quinze anos eu tomei a decisão e converti a partir dos quinze anos começou o processo de caminhada né na igreja e aos dezoito anos eu fui pro seminário terminei o curso com vinte dois anos fui consagrado com--- terminei com vinte três fui consagrado e **já estou com dois anos de exercer** já o ministério [L11T1C1]

A construção acima tem como objetivo informar o tempo que o Pastor está exercendo o ministério, no entanto, a forma utilizada faz com que haja uma leitura modificada, visto que a preposição “de” mais o sintagma verbal **exercer** sugere a ideia de futuro.

(64) L23: Nossos atos em vez de perdoar somos julgados mas é necessário que a gente perdoe e é esse o exemplo que a gente tenta passar desse texto pra muitas pessoas que necessitam **de** retornar **de** ter uma convivência com o Senhor novamente é: nesse sentido pra que ele possa mudar a história mudar a vida porque Jesus veio pra dá vida e vida é a mudança amém? [L23T1C3]

Normalmente, o sintagma verbal **necessitar** tem o termo regido iniciado por uma preposição “de”. Essa regra está sendo generalizada e usada sem distinção, conforme aponta o exemplo anterior.

(65) L23: Deus age como pai e como mãe acolhendo os seus todo aqueles que: buscam o Senhor que: vai **de encontro ao** Senhor o Senhor está sempre de braços abertos pra le dá o melhor de novo pra lhe restituí tudo aquilo que você tinha que era seu mermo que você perdeu mas você reconcilia [L23T1C3]

No exemplo (65), temos uma troca de preposição que gera um problema semântico para a sentença, visto que o colaborador, pelo contexto, usa a expressão “de encontro ao” que

tem como sentido “posição contra, oposição, chocar-se com”, dentro de um contexto positivo em que o fiel procura Deus e quer, na verdade, ir “ao seu encontro”.

Os casos encontrados revelam que a regência nominal e verbal é um ponto a ser observado durante um momento de tensão e formalidade sendo as formas mais estigmatizadas socialmente deixadas de lado e as formas ‘corretas’ utilizadas indiscriminadamente. O contexto que mais propiciou esses usos foi o C1 (entrevista estruturada), assim como os Pastores em T1 utilizaram mais essas formas, reforçando mais uma vez a ideia de que devido à recente entrada na comunidade a latência da correção social se faz mais veemente em suas falas levando-os a monitorarem e a hipercorrigirem.

3.2.7 Hipercorreção referente ao uso do aspecto verbal durativo ou “gerundismo”

A hipercorreção exemplificada a seguir remete ao uso do aspecto verbal durativo em sentenças com ideia de futuro e presente. Esse tipo de construção está se difundindo e pode ser encontrado principalmente em momentos de formalidade e em situações assimétricas. No início, foi estigmatizada ao ser associada a um determinado segmento profissional de nossa sociedade, contudo houve a sua difusão e atualmente podemos encontrá-la na fala de pessoas com ensino superior em situação de formalidade e tensão. De acordo com Santos (2008, p. 15),

no caso de gerundismo, trata-se de situações em que há certa assimetria entre os interlocutores, em que um tenta vender certa ideia ou produto, negociar, fazer proposições, em reuniões de trabalho, em transações bancárias, aulas, tanto de nível médio quanto de nível superior, etc. [...]. São situações que exigem formalidade, mas uma formalidade que não distancie tanto um interlocutor do outro na tentativa de se criar maior empatia. São situações em que a formalidade do futuro simples na fala pode soar arrogante, mas, no mínimo, não é usual.

Em nosso *corpus*, é interessante notar que esse tipo de construção só ocorre nas primeiras pessoas tanto do plural quanto do singular (eu, nós e a gente). Além disso, os casos encontrados estão mais presentes no contexto C1 e C3, bem como só ocorreram na fala dos informantes em T1, como podemos observar nos exemplos a seguir:

(66) L3: **Vou estar orando** né por você [L3T2C3]

(67) L8: A gente **não pode tá culpando** as pessoas tem um caso na igreja interessante de um vizinho [L8T1C1]

(68) L8: Tem direito ao arrependimento de voltar a casa do pai mesmo se achando indigno aí **vão estar arrematando** a história diz que o pai o abraça o beija [L8T1C3]

(69) L14: Eu me isolo coloco uma uma frase na porta não pertube né então não vejo como um ritual ((risos)) mas vejo como algo devemos estar nos preparando orando ao Senhô revisando ali o que Deus tá falando a nós corrigindo alguma coisa e falando com Deus pra que ele possa tá confirmando aquela mensagem então faço de três a quatro horas antes me preparando pra que Deus possa me usá na: no culto a noite [L14T1C1]

(70) L14: A bíblia é um livro inspirado mas nós precisamo tá lendo bastante até porque a nossos pastores batista a nosso beblesia é diferenciada ele não aceita simplesmente um glória a Deus ou expulsá demônios não eles querem realmente tê conteúdo e tentá equalizá de tudo [L14T1C1]

(71) L21: Interpretaria quer dizer você apresenta as diferentes opções que teme a pessoa que vai fazer a decisão sobre que interpretação tomá agora é claro que todo pregador ele tem uma linha de coerência dele então na verdade é claro que a gente sempre vai tá defendendo a nossa linha de interpretação isso não deixa de sê mas deixá de informá [L21T1C1]

As construções apresentam algo interessante, visto que elas aconteceram com verbos que indicam um processo duradouro ou contínuo e isso não acarreta estranheza ou ‘estigmatização’, desta feita o que sugere o ‘erro’ do gerundismo é a tipologia aspectual do verbo (cf. SANTOS, 2008; POSSENTI, 2005; PEREIRA JUNIOR, 2005).

Esse tipo de construção é inovadora no PB, Scher & Viotti (2001) afirmam que o gerundismo está bastante presente na fala de pessoas com até 30 anos de idade, em nossos dados os Pastores em T1 produziram mais essas construções em suas falas.

Segundo os pesquisadores, um tipo de gerundismo é mais estigmatizado em nossa sociedade, sendo que o outro passa despercebido, “os gerundismos ‘corretos’, ‘apropriados’, ‘antigos’ ou ‘naturais’ são aqueles que têm como verbo principal verbos de processo, os do tipo sem delimitação temporal. Acredito que essas sejam, inclusive, perífrases que nem sofram estigma” (SANTOS, 2008, p. 45). Esses são até utilizados, conforme podemos atestar nas sentenças anteriores, visto que denotam uma fuga do uso coloquial soando mais ‘corretos’ e apropriados para o momento em questão.

3.2.8 Hipercorreção referente ao uso de “perca”

A alternância entre as formas *perca* e *perda*, ou seja, a forma do sintagma nominal “perda” e a flexão da forma verbal de “perder”, presente na primeira e terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo e na 3ª pessoa do singular do imperativo, foi encontrada somente na fala de um dos colaboradores.

(72) L4: Nós temos sucesso nós devemos lembrá que esse sucesso nós adquirimos porque Deus está conosco mas quando também nós temos a a a o momento de **perca** o momento de frustração de derrotas [L4T1C3]

(73) L4: Deus ele sempre esteve ali cuidando orientando e que é natural que possa ocorrer essas essas **percas** essas derrotas mas que assim como Jesus venceu o mundo nós poderemos vencer também [L4T1C3]

(74) L4: Então que nós tenhamos esse equilíbrio na vida tanto no sucesso como no momento da **perca** e o Senhor está no controle de nossas vidas que Deus nos abençoe [L4T1C3]

Em todos os exemplos listados anteriormente, o informante faz uso da forma verbal em detrimento do sintagma nominal derivado do verbo **perder**. Essa alternância também foi encontrada em Silva (2011).

3.2.9 Uso de “lhe” em contextos de objeto acusativo de referência à segunda pessoa

A situação em que os dados foram coletados revela formalidade e tensão, além de denotar assimetria entre os interlocutores, principalmente quando se considera a categoria profissional, idade, fatores circunstanciais e os papéis pré-fixados pela situação (cf. SETTE; RIBEIRO, 1984), conforme ficou descrito na seção 2 desta tese. Esses momentos conferem à fala certo grau de monitoramento, assim como influencia a adoção de formas diferentes de fazer referência afastando a variedade falada pelo colaborador do que é mais comum em nosso cotidiano.

Esse fato pode estar ocorrendo com o pronome *lhe*, normalmente utilizado como dativo, que está sendo usado em detrimento do pronome acusativo/objeto direto,

o clítico *lhe* tanto pode expressar formalidade como informalidade. Os estudos linguísticos sobre esse item revelam que ele tanto pode ser clítico de *você* como de *senhor/senhora*, o que *lhe* confere certa neutralidade. No Sul e Sudeste do país, esse clítico denota mais formalidade, enquanto em Salvador, e provavelmente em outros estados do Nordeste, apresenta ambos os traços. Contudo, quando se considera a alternância *lhe/te*, a natureza eminentemente informal de *te* parece sobressair-se em relação à formalidade de *lhe*. Isto significa que, se o falante tiver de escolher entre *lhe* e *te* em uma situação mais formal, a probabilidade de que opte por *lhe* é maior (ALMEIDA, 2009, p. 160).

Mais especificamente nos casos a seguir, podemos observar que ocorre o uso da forma *lhe* em contextos de objeto acusativo fazendo referência tanto ao pronome **você**, substituindo pronomes como **te**, **você** e até mesmo o clítico **o**.

Segundo Ilari et al (2002, p. 150), “ocasionalmente, o clítico dativo ocorre na língua falada após verbos que pedem objeto direto (‘não *lhe* vi’, ‘eu *lhe* amo’, ‘vim convidar-*lhe*’). Esse fenômeno configura uma ‘extensão dos usos de *lhe*’”.

(75) L4: Porque dentro da igreja é muito fácil você ser crente você dizer que professa a sua fé em Deus mas o desafio é dentro de casa onde todo mundo **lhe conhece** é fora da igreja é no ambiente de trabalho na vizinhança a postura como as pessoas **lhe vêem** [L4T1C1]

(76) L10: Eu dô esse exemplo não por uma crítica a ele eu dô esse exemplo aos meus alunos **para que le abram** os olhos para isso não é? [L10T2C1]

(77) L13: Era um senhor com seus oitenta anos cabelo todo branquinho ele disse “olha Deus me mandô aqui pra dizê pra você que **Deus vai lhe usá** pra você pregar a palavra dele e pregá com muita graça” e aquele senhô foi embora e nunca mais o vi a parti dali Deus começô a me dá habilidades para fazer sermões [L13T2C1]

(78) L19: Arrependa volte admita que Deus vai te recebê tua família vai **lhe** receber e você será com certeza é bem aventurado né? muito mais que feliz bem aventurado na presença de Deus [L19T2C3]

(79) L23: Deus age como pai e como mãe acolhendo os seus todo aqueles que: buscam o Senhô que: vai de encontro ao Senhô o Senhô está sempre de braços abertos pra le dá o melhó de novo pra **lhe restitui** tudo aquilo que você tinha que era seu mermo que você perdeu mas você reconcilia [L23T1C3]

(80) L7: Orientá as pessoas como eu já disse inicialmente os cristãos batistas eles eles são livres livres para fazê o que eles quiserem **agora lhes são orientados** a fazê o correto o correto a gente não não segura na mão nem prende ninguém por ele/ **“vou lhe prender aqui porque você tá fazendo algo errado”** não a gente orienta o caminho de Deus a seguir e eles sim conseguem caminhá mas a única fonte de de regra de vida e de prática deles é a bíblia né? a gente explica ele vai lá confere lê e faz a compressão dele baseada no que nós falamos pra ele e eles seguem a vida deles [L7T2C1]

Essas extensões ocorreram mais na fala dos Pastores em T2 e nos contextos C1 e C3 e se configuram como casos de hipercorreção, ao passo que atribuem a um determinado elemento usos não convencionais e não estigmatizados em momentos de fala formal.

3.2.10 Panorama dos usos correntes na comunidade de prática de Pastores Batistas

Com vistas a delinear os aspectos linguísticos relacionados à fala dos membros da comunidade de prática de Pastores Batistas, elencamos dados que demonstram a preocupação com a variedade linguística utilizada por eles e que nos fornece pistas para delinear os

principais pontos que são vistos como marcadores linguísticos de uma variedade prestigiada para essa comunidade, ou seja, os traços linguísticos socialmente estratificados que podem estar sendo utilizados visando à construção da *persona* dos colaboradores em busca de uma variedade linguística que os diferencie das demais pessoas, como podemos atestar nas sentenças abaixo:

(81) L2: **Uma fala mal falada** vai prejudicar muitas vezes vai prejudicar as pessoas que tão ouvindo porque a interpretação vai vim muitas vezes **a interpretação** vai vim de forma **mal interpretada** [L2T1C1]

(82) L3: Ele traz assim é: **uma gama de variados** assuntos né [L3T2C1]

(83) L3: Você vai falar uma **linguagem coloquial padrão** [L3T2C1]

(84) L10: Ele foi um homem dentro da casa Branca nus Estados Unidos conselheiro de vários presidentes não é? e então foi um homem que pregou em todos os continentes do mundo foi um homem que é: **adentrou** em países até comunistas com o maió respeito/ ele é muito respeitado então ele assim ele é um homem admirado por muitos mas ele sendo admirado não meramente por isso mas pela postura cristã dele pelo exemplo de vida dele entendeu? [L10T2C1]

(85) L11: Consequentemente comecei a me envolver com algumas amizades tive... ainda **adentrei** ao mundo do álcool não cheguei a usar droga mas cheguei muito perto [L11T1C1]

O sintagma ‘secular’ é muito utilizado pelos colaboradores com a acepção de ‘algo que pertence ao mundo’, ‘tem origem fora da igreja’, que não faz parte das atribuições religiosas. Esse sintagma é empregado ao fazer referência a aspectos relacionados à linguagem, à vida, ao trabalho, ao convívio em geral desses colaboradores quando estes querem diferenciar o que concerne a sua prática religiosa e à prática cotidiana das demais pessoas que não fazem parte da igreja, como podemos observar a seguir:

(86) L17: Eu vivia por viver quando aceitei Jesus não - aí comecei a ler a bíblia e comecei a entender que a vida tem um objetivo se e eu tenho que /colocar, me colocar/ está nesse objetivo essa foi a mudança e como é vou usa uma **linguagem secular** o ser humano é como um bom vinho ele melhora com o tempo e quando ele encontra um templo de Deus nesse tempo é melhor ainda né [L17T1C1]

(87) L7: Olha eu procuro eu me esforço mas devido também ao ao ao trabalho acumulado uma vez que eu sô pastor e tenho **um trabalho secular** eu não tenho esse tempo assim tão disponível pra lê tudo que eu queria [L7T2C1]

(88) L7: **Mas de uma matéria secular** né? de outro curso superiô que eu to fazendo aí eu sô forçado a então é: não é desculpa as pessoas hoje num não leem é alegandu não tê condições

de comprá livros ou ou qualquer outra literatura infelizmente o o: até a membresia mesmo evangélica eles tem usado muito internet mas pra se divertir divertir postá fotos postá imagens postá num sei o quê aquelas tolice que não leva a nada [L7T2C1]

(89) L20: É a gente sempre vivencia isso não é? /eu,u/ fato de sê um pastô jovem/ tenho trinta e um anos isso é bem mais latente né? ou seja tem pessoas que nem acreditam que assim no as pessoas no meu **convívio secular** né? eu sô comerciante [L20T1C1]

(90) L20: A gente fica vivendo uma briga/ feito uma luta constante porque o ministério exige muito de um lado mais a **vida secular** exige muito do outro em contra partida o ministério/ a igreja não tem condições de mantê integralmente você precisa sobrevivê mantê a sua família por conta dessa assim eu diria essa divisão né? tem que está dividido essas duas realidades/ encarando essas duas realidades isso nos é: me: atrapalha nesse sentido ou seja não me permite me dedicá tanto a leitura como eu eu preciso não é? [L20T1C1]

A prevalência desse sintagma na fala dos colaboradores chamou nossa atenção, visto que não é comum escutarmos esse tipo de produção em nosso cotidiano. Esse sintagma pode ser um dos indícios do repertório linguístico que está sendo compartilhado dia a dia por esses colaboradores e que faz os membros dessa comunidade ser reconhecidos como pessoas com um *status* ‘diferenciado’ pelos seus pares, principalmente os interlocutores externos a esse convívio religioso.

Outro aspecto importante a ser tratado se refere ao uso do clítico acusativo que, na modalidade falada do PB, segundo vários pesquisadores, vem se tornando cada vez mais raro, não obstante, no *corpus* desta tese podemos encontrar esse tipo de pronome sendo utilizado na fala dos colaboradores da comunidade de prática estudada.

(91) L15: Ele pode falá pra grandes plateias que o a pessoas né dotores médicos professores que num vai tê dificuldade nem vai agredi o... nossa língua né ((risos)) por quanto que os outros também pode **fazê-lo** né embora de uma forma mais simplória mais é: limitada [L15T1C1]

(92) L15: Ele tava sendo tratado aquele o mundo em que ele estava né então é isso que Deus espera de nós que nós voltemos para os seus braços ele vai tá lá de braços abertos pra **recebê-lo** não importa né os erros que nós cometemos não importa o que fizemos importa que ele está sempre nos esperando e nos aguardando [L15T1C3]

(93) L19: Bom na verdade /eu,u/ meu tempo é é: totalmente gasto investido na na obra de Deus então é: eu sô pastô batista e me orgulho né? de não gasta até com outra coisa. Sei que poderia **fazê-lo** mais... [L19T2C1]

(94) L23: Chance e todos nós precisamos de uma nova chance e eu tenho certeza que Deus não vai rejeitá ninguém nenhuma pessoa **que o busca** essa é a minha esclarecimento sobre

esse texto porque esse texto ele tem várias mensagens nele e o que me chama mais atenção são esses dois pontos importantes: é o reconhecimento né? e a: o egoísmo de seu irmão [L23T1C3]

(95) L12: É porque eu tenho que viver + então eu já li a Bíblia toda uma - vez tô lendo a segunda mais tem alguns ensinamentos que eu tenho que trabalhar pra vivê-los então eu não leio muito por conta disso [L12T2C1]

(96) L13: Era um senhor com seus oitenta anos cabelo todo branquinho ele disse “olha Deus me mandou aqui pra dizer pra você que Deus vai lhe usar pra você pregar a palavra dele e pregá com muita graça” e aquele senhor foi embora e nunca mais o vi a partir dali Deus começou a me dar habilidades para fazer sermões [L13T2C1]

(97) L14: Fazer - mas Deus tá sempre pronto para perdoar o amar e o beijar e dá tudo de melhor: é no reino dos céus [L14T1C3]

(98) L9: Se é conveniente que eu soubesse da necessidade da pessoa para indicá-la porque se não a pessoa pode ler um livro e pode não entender [L9T2C1]

Além do clítico acusativo se configurar como um uso cada vez mais raro na fala cotidiana, a não ser em situações de formalidade e monitoramento, a presença de marcas da segunda pessoa do plural é cada vez menos encontrada tanto na fala quanto na escrita.

É um fato inquestionável que *vos* já desapareceu completamente do uso - tanto oral como escrito - no português do Brasil (doravante PB), independente de região, salvo nas mesmas gramáticas escolares, onde ainda se defende, e se impõe, o conhecimento e uso desta forma, de maneira artificial (MENON, 1995, p.91-2).

No entanto, como podemos observar abaixo, o colaborador faz uso dessa marca ao citar uma passagem bíblica, denotando que o acesso a esse texto pode contribuir para a restituição, mesmo que precária, dessas formas em desuso, principalmente, quando se está fazendo uma citação ‘literal’ de um trecho.

(99) L13: Deus vai te ouvir não importa são vantagens importantes e a Bíblia diz que o menino volta arrependido que é o ócio também que a palavra de Deus diz lá em primeira João um nove se confessar de os vossos pecados Ele é fiel e justo para vos perdoará os pecados e perdoará as suas injustiças pecado perdoado só tem um jeito é pecado confessado se alguém se arrepende e confessa seus pecados Deus lhe perdoa ele volta aí o pai lhe dá três coisas que aqui eu termino com essa mensagem [L13T2C3]

Podemos observar que não é que o pronome deixou de ser usado incontestavelmente no PB (MENON, 1995), mas sim, que sua ocorrência vai depender de um contexto que a propicie, pois, nesse dado acima, podemos observar o uso das suas formas correspondentes

‘vossos’/‘vos’, mesmo que a forma verbal não esteja em concordância com as formas utilizadas ‘confessarde’. O colaborador que usou essa forma tem mais de 10 anos de experiência como Pastor, além disso, o dado foi produzido em C3, logo após ele ter lido um texto retirado da Bíblia.

Essas formas demonstram a dinâmica que existe nessa comunidade de prática que se fundamenta no uso de uma variedade mais próxima à prestigiosa conferindo à fala um caráter diferenciado e condizente com as suas aspirações e *status*.

3.3 A hipercorreção na comunidade de prática de Pastores Batistas de Alagoas: panorama geral

Ao analisarmos os dados de fala coletados na comunidade de prática de Pastores Batistas do estado de Alagoas, partimos do pressuposto de que as instâncias de hipercorreção não se configurariam como ocorrências fortuitas advindas de um mero acaso, todavia estão correlacionadas a fatores linguísticos e sociais. As ocorrências encontradas em nosso *corpus* totalizaram 161 instâncias e incidiram na fala de todos os colaboradores entrevistados. Além de analisar as ocorrências em categorias, conforme realizado na subseção anterior, é necessário observar também quais são os fatores extralinguísticos que podem estar influenciando esses usos, não de forma quantitativa, com peso relativo e porcentagens, mas buscando um panorama que expresse qual a relação existente entre o Tempo no pastorado, o Contexto de coleta de dados e as instâncias de hipercorreção encontradas de acordo com as diversas situações.

3.3.1 A hipercorreção e o Tempo no pastorado

Na análise da variável Tempo no pastorado (T1- até 10 anos e T2- acima de 10 anos), partimos do pressuposto de que os Pastores com menos de 10 anos no ministério teriam uma predisposição a corrigir mais a sua fala devido à sua mudança de *status* promovida pelo seu constante e crescente engajamento nas práticas cotidianas, bem como decorrente da necessidade de adaptação ao padrão de formalidade exigido para a função de Pastor, como umas das adequações provenientes da troca de repertório. O pouco tempo como Pastor pode resultar, por conseguinte, em momentos de insegurança e necessidade de reforço de práticas sociais que culminam também com um uso linguístico motivado pelo texto religioso.

Já os Pastores em T2 não apresentariam tantos casos em suas falas devido à sua idade e experiência, além de estarem consolidados em sua posição social na igreja e terem somente que manter o *status* já adquirido, visto que por já terem mais de 10 anos exercendo essa função, "o tempo [...] permite uma maior consistência dos esforços para aproveitar as oportunidades, para a tomada de senso e aprofundamento do conhecimento partilhado e do senso de previsibilidade" ⁷¹ (ECKERT, 2006, p.1). (Tradução nossa)

Os Pastores em T2 são classificados como *full members*, visto serem os membros mais antigos nesse *lócus*, detentores do poder de julgar/adotar/disseminar as modificações provenientes da entrada de novos membros com mais chances de aceitação pela comunidade, enquanto os Pastores em T1, por serem mais jovens e recém-denominados, seriam os membros periféricos que são, muitas vezes, responsáveis pela inserção de novas práticas ao repertório compartilhado e legitimado, conforme discutido na seção 1.2 desta tese.

Tomando por base as ocorrências encontradas, os Pastores que estão na célula **T1**, com até 10 anos de experiência no pastorado, produziram 101 hipercorreções, confirmando assim nossa hipótese, enquanto os Pastores em **T2**, acima de 10 anos de experiência no pastorado, produziram 60 casos.

Desta feita, o tempo de dedicação e estudo sobre a prática religiosa, assim como o tempo que esses colaboradores passam na comunidade de prática e em sua igreja exercendo a função de Pastor se mostra um fator relevante para que haja certa segurança no uso da variedade prestigiada tão cobrada socialmente, conforme podemos observar por meios dos resultados obtidos. Seja devido ao seu cotidiano de leituras, pela sua prática como líder, seja pela sua aplicação nos estudos ou contato constante com a variedade prestigiada, o colaborador que se encontra a mais tempo nessa comunidade se mostra menos afetado por questões relacionadas ao monitoramento e à insegurança linguística provenientes, muitas vezes, da pouca experiência.

3.3.2 A hipercorreção e o Contexto de coleta de dados

No que diz respeito à variável extralinguística Contexto de coleta de dados, analisamos três contextos delimitados como: **Contexto 1-** Entrevista estruturada, **Contexto 2-** Leitura do texto bíblico e **Contexto 3-** Explicação do texto bíblico, sendo os dois últimos

⁷¹ "Time [...] allows for greater consistency in the endeavor opportunities for joint sense-making and it deepens participants' shared knowledge and sense of predictability." (ECKERT, 2006, p.1)

pertencentes às práticas cotidianas desses Pastores no que se refere à fala como instrumento de trabalho/ pregação.

Nossa hipótese inicial era de que haveria mais ocorrências de hipercorreção no contexto referente à leitura (Contexto 2) e à explicação do texto bíblico (Contexto 3), visto que devido ao monitoramento linguístico desencadeado pela leitura gravada, bem como o contato constante com o texto bíblico, nesses momentos, os colaboradores se sentiriam mais voltados a utilizarem a variedade que se aproxima da escrita, monitorando mais a sua fala e convergindo com esses textos.

O contexto referente à entrevista estruturada é tido como formal devido à configuração predeterminada com perguntas sendo feitas em ordem e elencadas em tópicos de interesse (LABOV, 2008[1972]; CAMPOY; ALMEIDA, 2005).

A gradação de assuntos que se iniciava abordando primeiramente a entrada desse colaborador na igreja evangélica, sua postura, o reconhecimento de uma norma de conduta relacionada a possíveis modificações na sua fala, culminava no tópico relacionado à leitura e ao preconceito lançado a formas linguísticas populares, bem como a necessidade de haver correção e monitoramento na fala do Pastor, como característica essencialmente cobrada dentro e fora da igreja.

Segundo nossa hipótese, por conseguinte, o contexto de entrevista estruturada (C1) não geraria tantas ocorrências, visto que hipotetizamos que devido ao caráter emocional contido nas respostas os colaboradores não monitorariam a sua fala, deixando-a mais próximas do que eles idealizam como padrão linguístico.

Durante a leitura, foi observado se os colaboradores iriam corrigir e monitorar mais sua fala, contudo, não teria como prever se esse instrumento iria contemplar todas as formas suscetíveis de apresentar hipercorreção. O texto escolhido para a leitura, conforme mencionado na seção 2, é um dos mais lidos e comentados no meio religioso, a saber: “A parábola do filho pródigo” (ANEXO D), a explicação do texto seria uma breve interpretação dessa parábola para demonstrar tanto o conhecimento acerca do texto lido, quanto a capacidade de síntese e clareza. Era esperado também que houvesse certa preocupação em se adequar à formalidade exigida para o momento, o que poderia acarretar a necessidade de monitoramento culminando assim em instâncias de hipercorreção, corroborando com o que afirma Le Page (1998), “indubitavelmente, em alguns contextos, monitoramos nossa fala com

mais cuidado do que em outros, às vezes até ao ponto de hipercorreção⁷²” (Tradução nossa). No entanto, ocorreu o oposto.

O contexto de entrevista estruturada alcançou um total de 119 ocorrências de hipercorreção, ficando o contexto de explicação do texto bíblico com o total de 29 e, por último, o contexto de leitura com um total de 13 ocorrências, como exemplificado a seguir:

(100) L4: Todo aquele pois que ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou não entrará em juízo né mas passô da morte para a vida e ele diz todo aquele que **ouvir a minha palavra e as praticar** é comparada a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha [L4T1C3]

(101) L4: Ele abriu mão dos princípios que ele tinha né porque ele tava sendo cuidado pelo seu pai e tava **sobre** a orientação do seu pai mas ele preferiu saí da presença do seu pai [L4T1C3]

Os resultados demonstram que nossa hipótese foi refutada, visto que a entrevista estruturada se mostrou como um dos contextos mais produtivo.

Algumas questões surgem relacionadas a isso: as perguntas organizadas culminavam com questões relacionadas ao uso linguístico e à leitura, conforme Labov (2008[1972]), esse tópico é um dos que confere um alto grau de formalidade à coleta de dados, nossa proposta ao fazer isso, foi elevar a atenção do colaborador com relação aos eventos da fala/escrita formal promovendo uma gradação de formalidade que culminaria na leitura do texto retirado da Bíblia e na sua explicação imediata, mas essa formalidade parece ter permeado toda a entrevista, não só nos momentos finais, como havíamos pensado anteriormente.

Não obstante, como os colaboradores reconheceram a formalidade durante a entrevista estruturada, assim como pelo texto bíblico ser do conhecimento e uso cotidiano fazendo parte da sua própria história pessoal de conversão⁷³, esse fato pode não ter gerado o efeito esperado, visto que a explicação e interpretação dessa parábola, por ser algo comum e por estar relacionada ao seu trabalho cotidiano na igreja e ter a carga emocional atrelada às histórias pessoais, fez com que não houvesse um alto grau de formalidade, promovendo assim poucas ocorrências.

⁷² “It is certainly true that in some contexts we monitor our speech more carefully than in others, sometimes to the point of hypercorrection”.

⁷³ Muitos colaboradores se mostraram emocionados com a escolha do texto, afirmando ser significativo em suas experiências de conversão.

Com o intuito de analisar a correlação existente entre as duas variáveis aqui discutidas, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 4 - Correlação das variáveis Tempo no pastorado e Contexto de coleta de dados

CONTEXTOS DE COLETA	T1 (-10 anos)	T2 (+10 anos)	TOTAL
Entrevista estruturada (C1)	73	46	119
Leitura do texto bíblico (C2)	11	2	13
Explicação do texto (C3)	17	12	29

Fonte: Dados do pesquisador

Os fatores extralinguísticos relacionados entre si demonstram que os Pastores com até 10 anos na função usam mais instâncias de hipercorreção em sua fala em todos os contextos de coleta de dados com um número elevado de ocorrências.

A partir das instâncias apresentadas anteriormente, podemos notar a correlação entre aspectos sociais e linguísticos na assunção desses casos. O *locus* de análise utilizado nesse trabalho nos ajudou a entender o fenômeno da hipercorreção como um índice de prática social, visto que o monitoramento, a correção e a adequação da variedade linguística dos membros dessa comunidade são comportamentos reiterados pela sociedade, tanto por eles serem pessoas religiosas vinculadas à determinada denominação, quanto por terem um *status* diferenciado devido à sua posição no jogo social.

Os fatores que parecem influenciar esses usos variáveis são a *formalidade* existente durante uma entrevista que versava sobre questões polêmicas e reais da vida desses colaboradores e o *tempo* que esses Pastores foram denominados, visto que, por terem necessidade de se manter e se firmar nessa nova “função/cargo”, eles encontram em suas falas um veículo capaz de impulsioná-los ao sucesso ou ao descrédito.

Por conseguinte, para se ajustar ao seu *mister*, há, entre outras necessidades, o empenho em se adequar linguisticamente, buscando sempre uma variedade que seja mais próxima possível do padrão linguístico construído pela nossa sociedade fazendo parte da troca de repertório reiterada pelo engajamento mútuo, provocando nesses colaboradores a tomada de uma postura diferenciada devido ao *status* que agora eles possuem.

A troca de repertório e modificação da variedade linguística utilizada pelos colaboradores, motivadas pela imposição velada que determina que todos os membros devem

se adequar a um determinado padrão linguístico, poderiam ser caracterizadas como uma espécie de *registro* dessa comunidade, nos termos de Durante (2011, p. 42),

Os registros são outro exemplo de uma classe de fenômenos lingüísticos que são moldados e ao mesmo tempo organizados pela interação social. Um registro é um grupo publicamente reconhecidos de traços linguísticos (por exemplo, pronúncia, palavras específicas, construções sintáticas, morfologia, padrões de entonação, por vezes até gestos) associados a práticas particularmente culturais e tipos de pessoas que se dedicam a elas (por exemplo, locutores de rádio, garçons, médicos, professores, vendedores de rua, comissários de bordo).

São essas características que formam o repertório dessa comunidade e os fazem ser reconhecidos fora do âmbito da instituição, assim como acontece com outras profissões. É importante vislumbrar que essa identificação reitera e vivifica o desenvolvimento e a manutenção das práticas desenvolvidas, pois cada vez mais, através desse reconhecimento, ocorre o aumento da pressão voltada para a constante construção e manutenção da *persona* e que, por não ser possível desvincular, é sempre cobrada em todas as esferas sociais, com isso podemos notar que a dinâmica social está atuando na preservação de determinados traços associados ao padrão linguístico idealizado dentro dessa comunidade de prática.

A partir do ponto de vista de Eckert/Wenger (2005), pudemos entender os mecanismos existentes em um grupo de pessoas que se une com um intuito específico e como essa junção pode modificar a concepção e a variedade linguística dos indivíduos que se engajam em prol de um objetivo comum, seria a dinâmica social agindo na variedade linguística dentro de contextos específicos de uso.

O engajamento e o delineamento de práticas sociais despertam o interesse por um reconhecimento exterior, a prática leva a uma troca de repertório que homogeneiza, em determinados aspectos, os membros da comunidade fazendo-os ser facilmente reconhecidos fora dos domínios dessa instituição.

Tendo em vista que a comunidade de prática da Convenção Batista de Alagoas tem como fundamento a prática religiosa, esse objetivo adquire um *status* global na vivência dos seus membros que precisam ter características específicas para ser aceitos, bem como precisam se engajar e modificar por completo seu comportamento, sua fala, sua vestimenta, sua maneira de ver o mundo e o próximo para poderem ser aceitos e reconhecidos, bem como para testemunhar a nova vida encontrada após a conversão.

Desta forma, é notável que essa troca de repertório linguístico ocorre muito antes da sua entrada na comunidade de prática acima mencionada, por consequência, ao passo que seu engajamento se torna mais aceito, o repertório é reificado e converte o indivíduo comum em

um Pastor: figura pública cuja vida deve ser sinônimo de fé e conduta pautada na Bíblia, podendo ser facilmente reconhecido também por sua variedade/registro linguístico.

Em suma, a característica primordial encontrada nessa comunidade de prática no que tange à troca de repertório e ao uso linguístico específico, nos leva a vislumbrar que, na verdade, a hipercorreção é apenas a ponta do iceberg que evidencia a preocupação latente com o uso de uma variedade prestigiada empregada pelos colaboradores com o intuito de ascender e/ou permanecer em uma posição de destaque.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, analisamos instâncias de hipercorreção presentes na fala de Pastores Batistas da cidade de Maceió/AL seguindo os estudos da terceira onda da sociolinguística (ECKERT, 2005; 2012), bem como alguns pressupostos da sociolinguística variacionista (LABOV, [2008]1972) com o intuito de explicitar o comportamento linguístico desses colaboradores, em virtude do seu engajamento em uma comunidade de prática atuante.

Por conseguinte, devido ao caráter particular do fenômeno e por ele estar correlacionado a fatores extralinguísticos não se mostrando, portanto, aleatório e desconexo (CAMACHO, 1993; SAGUATE, 2012; SILVA, 2011; BORTONI-RICARDO, 2011; MOURÃO, 2010; SCREMIN; AIMIN, 2010; CASTRO, 2000; RIBEIRO, 2007; CALVET, 2012; LABOV, 1962; 1966), realizamos uma análise qualitativa com o objetivo de responder aos seguintes questionamentos: Há instâncias de hipercorreção presentes na fala dos membros da comunidade de prática estudada? Supondo que esse fenômeno aconteça, quais os principais tipos de hipercorreção presentes na fala dos Pastores dessa comunidade de prática? O fenômeno de hipercorreção se apresenta como um índice de prática social para essa comunidade? Supondo que a hipercorreção ocorra, quais fatores extralinguísticos influenciam esses casos?

Como respostas provisórias às questões formuladas, hipotetizamos que, apesar de ser um fenômeno de baixa ocorrência quantitativa, acreditamos que há instâncias de hipercorreção na fala dos colaboradores pertencentes à comunidade de prática estudada, bem como que essas ocorrências podem estar sendo motivadas pelo monitoramento linguístico permanente proveniente do *status* de prestígio que esses colaboradores buscam possuir tanto dentro quanto fora dessa comunidade. Conforme apontam pesquisas acerca dessa temática (PEREIRA, 2010; SILVA, 2008; BORTONI-RICARDO, 2011), o fenômeno da hipercorreção se mostra mais produtivo dentro de categorias que demonstram certa regularidade de formas devido à atenção prestada a esses traços linguísticos, sendo, portanto, o fenômeno de hipercorreção um índice de prática social e construção da identidade (ECKERT, 2000) dos colaboradores que procuram por meio da adequação de seus costumes, sua vestimenta e, mais detidamente, sua variedade linguística a um padrão idealizado socialmente, se fazerem pertencer à comunidade de prática da Convenção de Pastores Batistas. Corroboramos com a premissa ou pressuposto de que toda e qualquer variação é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos, hipotetizamos, desta feita, que a hipercorreção é influenciada pelas variáveis extralinguísticas: Tempo no pastorado e Contexto

de coleta de dados, ocorrendo na fala dos colaboradores que estão atuando como tal apenas há 10 anos quando estão utilizando a sua fala no contexto de Leitura (C) e explicação do texto bíblico (E).

Desse modo, para atingir os objetivos propostos, coletamos a fala de 24 Pastores Batistas utilizando o modelo de atenção prestada à fala (LABOV, 2008[1972]), mais especificamente, por meio de três contextos de coleta de dados, a saber: Entrevista sociolinguística, Leitura do texto bíblico e Explicação do texto bíblico aliados à observação participante visando à descrição das ocorrências de hipercorreção encontradas, provenientes da assimetria linguística e motivadas pela correção social envolvida na construção da *persona* dos colaboradores. Para viabilizar a estratificação da amostra, adotamos a variável extralinguística Tempo no pastorado (**T1**- até 10 anos como Pastor / **T2**- acima de 10 anos como Pastor).

Em seguida, procedemos às transcrições dos dados e fizemos a análise e a classificação de todas as instâncias de hipercorreção presentes no *corpus*. Ao todo, obtivemos 161 construções com hipercorreção as quais foram analisadas qualitativamente. Para confirmar ou refutar as hipóteses anteriormente mencionadas, procuramos demonstrar por meio de excertos a crescente necessidade de adequação linguística apresentada pelos membros dessa comunidade de prática proveniente, principalmente, do preconceito linguístico e da pressão social que permeia sua atividade pastoral cotidiana. Destarte, empreendemos a descrição das instâncias de hipercorreção encontradas em nosso *corpus* com base em sua apresentação em nível analítico e analisamos os grupos de fatores extralinguísticos: Tempo no pastorado e Contexto de coleta de dados, os quais nos deram subsídios para compreender a dinâmica do fenômeno em questão de acordo com aspectos relevantes para essa comunidade de prática.

De acordo com a observação participante empreendida durante a coleta, bem como tomando por base as respostas obtidas por meio da entrevista sociolinguística (C1), pudemos delinear os aspectos primordiais para o entendimento do fenômeno estudado, tais como os anseios, costumes, dilemas vividos e presenciados por esses Pastores dentro e fora dessa comunidade de prática, agregando à discussão as informações pertinentes ao repertório linguístico compartilhado nesse ambiente. Para tanto, fundamentamos nossa análise nos pilares que subjazem toda e qualquer comunidade de prática, a saber: engajamento mútuo, troca de repertório e negociação de propósitos (MEYEHOFF; HOMES, 1999), buscando evidenciar que esses pontos reforçam a prática vivida no seio da comunidade e fazem com que seus membros construam um sentido/ significado/ *status* em virtude de seu engajamento

encadeando um processo de construção da sua *persona* (ECKERT, 2000; 2008) com base nas atribuições e papéis de destaque para esse jogo social. Em suma, podemos perceber que a prática linguística desenvolvida por essa comunidade está permeada por um *status* interno que rege a fala dos colaboradores, estando atrelada ao que é considerado também como mais adequado fora daquele entorno, desta feita a variedade linguística desses membros está pautada no que a sociedade elege como sendo formal e prestigioso dentro do contínuo de variedades disponíveis ([–prestigioso] a [+prestigioso]) que se aproximam do que é encontrado na Bíblia e na fala dos Pastores de renome dessa denominação. Esse desenho, em relação ao papel da variedade linguística para o desenvolvimento das práticas dentro da comunidade, qualifica as instâncias encontradas como índices de prática social reproduzidos e cobrados socialmente. Essa discussão aponta para a confirmação da nossa hipótese, ao passo que reitera a importância e influência exercida pelos fatores extralinguísticos na ocorrência desse fenômeno.

No que tange aos tipos de hipercorreção encontrados na fala dos colaboradores, corroborando com nossa hipótese inicial, esses se mostraram mais produtivos em categorias que apresentam certa regularidade estrutural e ocorrem por meio da aplicação de determinados traços linguísticos ([+concordância], por exemplo) em contextos que necessariamente não o requerem, assim como houve a ocorrência de sintagmas sendo utilizados fora do seu escopo, obtendo com isso a abertura para novas possibilidades de significação e usos. Os tipos de hipercorreção encontrados em nosso *corpus* foram classificados da seguinte forma: a) hipercorreção na concordância verbal e nominal, b) hipercorreção quanto ao abaixamento da vogal alta anterior, c) hipercorreção por meio de neologismo estrutural e semântico, d) hipercorreção no uso do vocábulo ‘onde’ sem referência expressa de local, e) hipercorreção na alternância das formas perca/perda, f) hipercorreção no uso de pronomes, g) hipercorreção referente à regência verbal e nominal, h) hipercorreção no uso de *lhe* em contexto de objeto acusativo; além disso, os usos recorrentes nessa comunidade foram apontados, com vistas a demonstrar que esses Pastores adotam traços linguísticos mais formais em suas falas.

Após essa descrição, observamos a influência exercida pelos fatores extralinguísticos, Tempo no pastorado e Contexto de entrevista, com vistas a delinear a correlação existente entre esses fatores e a presença de hipercorreção na fala dos colaboradores. Nosso objetivo foi o de demonstrar a conexão existente entre a vivência desses colaboradores enquanto Pastores e o uso formal da linguagem. Vários estudos apontam para a entrada da inovação na comunidade de prática (WENGER, 1998; ECKERT, 1999) por meio

das categorias intituladas *brokers* e *full participants*, que em nosso trabalho, estavam correlacionadas à categoria extralinguística utilizada na estratificação da amostra, a saber: Tempo no pastorado. Dessarte, tomando por base as ocorrências encontradas, os Pastores que estão na célula **T1**, com até 10 anos de experiência no pastorado, produziram 101 hipercorreções, confirmando assim nossa hipótese, enquanto os Pastores em **T2**, acima de 10 anos de experiência, produziram 60 casos. Desta feita, o tempo de dedicação e estudo sobre a prática religiosa, assim como o tempo que esses colaboradores passam na comunidade de prática e em sua igreja exercendo a função de Pastor se mostraram um fator relevante para que haja certa segurança no uso da variedade prestigiada socialmente. No que tange os contextos de coleta de dados, nossa hipótese inicial era de que haveria mais ocorrências de hipercorreção no contexto referente à leitura (Contexto 2) e à explicação do texto bíblico (Contexto 3), visto que devido ao monitoramento linguístico desencadeado pela leitura gravada, bem como o contato constante com o texto bíblico, nesses momentos, os colaboradores se sentiriam mais voltados a utilizarem a variedade que se aproxima da escrita, monitorando mais a sua fala e convergindo com esses textos.

Os fatores extralinguísticos relacionados entre si demonstraram que os Pastores com até 10 anos na função usam mais instâncias de hipercorreção em sua fala em todos os contextos de coleta de dados com um número elevado de ocorrências.

Através das instâncias apresentadas anteriormente, podemos notar a correlação entre aspectos sociais e linguísticos na assunção desses casos. O *locus* de análise utilizado nesse trabalho nos ajudou a entender o fenômeno da hipercorreção como um índice de prática social, visto que o monitoramento, a correção e a adequação da variedade linguística dos membros dessa comunidade são comportamentos reiterados pela sociedade, tanto por eles serem pessoas religiosas vinculadas à determinada denominação, quanto por terem um *status* diferenciado devido à sua posição no jogo social.

A partir da análise dos dados, buscamos responder aos questionamentos propostos, por conseguinte, novas indagações surgiram no decorrer desta pesquisa e nos conduziram a delinear possíveis pesquisas, tais como: a) analisar as instâncias de hipercorreção na escrita dos membros de comunidades de prática, uma vez que vários trabalhos atestam a maior incidência desse fenômeno nessa modalidade da língua (SCREMIN; AIMIN, 2010; MOURÃO, 2010; BORTONE; ALVES, 2014) para isso seria necessário buscar outra comunidade de prática que tenha como enfoque aspectos relacionados à escrita formal para que possamos empreender uma análise em virtude das características mais preponderantes para estes colaboradores; b) analisar as pregações proferidas pelos Pastores em suas

respectivas igrejas com vistas a comparar os resultados encontrados nesta tese e os que serão encontrados a partir dessa outra pesquisa em relação ao Tempo no pastorado e as principais instâncias que serão produzidas nesse ambiente assimétrico; c) fazer um estudo que leve em consideração o recorte de rede social (MILROY, 1992; GUMPERZ, 1976) objetivando analisar se os falantes com redes menos densas e uniplexas (EVANS, 2004) apresentam hipercorreção em suas falas devido à formalidade, tensão e assimetria linguísticas existentes nessa relação contingente.

Pesquisas voltadas para essa temática tanto na escrita quanto na fala se justificam devido à necessidade de descrever melhor o fenômeno da hipercorreção ainda pouco explorado e sistematizado na literatura sociolinguística.

Os questionamentos expostos anteriormente só evidenciam e demonstram que uma pesquisa acadêmica é capaz de suscitar e propor novos caminhos para um fenômeno já estudado seja em relação ao seu recorte, seja em relação à sua própria classificação.

Desta feita, objetivamos contribuir com a descrição e problematização do fenômeno da hipercorreção e sua relação com a organização social estruturada por meio da comunidade de prática, observando sua assunção como índice de prática social e construção da *persona* provenientes do imaginário de correção social que produz a idealização de uma variedade linguística como a mais legitimada para determinados fins. Esperamos que o presente estudo aliado a outros em desenvolvimento possa contribuir para mais pesquisas relacionadas à terceira onda da sociolinguística, auxiliando outros trabalhos que abordem os conceitos aqui delimitados e que possam descrever sociolinguisticamente o Português falado em nosso estado.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.

ATALIBA, T. de C. *Refletindo sobre a língua portuguesa*. (2009). Disponível em: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_15.pdf.

AZAMBUJA, E. B. A “hipercorreção” produzida em diferentes posições-sujeito e o desejo de pertencimento ao grupo dos que “sabem falar/escrever”. V. 5, 2011. v. 5 (2011): XVI *Seminário de Teses em Andamento – artigo*. In: *Anais do seta, UNICAMP, 2011*. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/1938/1512>.

AZAMBUJA, E. B. A relação sujeito/língua dividida, na produção da “hipercorreção”. In: ÍCONE - Revista de Letras, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 88-104. Publicado em jul/2008. Disponível em <http://www.slmb.ueg.br/iconeletras>.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BAGNO, Marcos. *Gramática de bolso do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BATTISTI, E. "Redes Sociais, Identidade E Variação Linguística", p.79-98. In Raquel Meister Ko. Freitag (Organizadora). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. Retirado de: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMLS-7cap>.

BORTONE, E. M. e ALVES, S. B. *O fenômeno da Hipercorreção*. In: BORTONI-RICARDO, S. M. B. F. (Org.), *Por que a escola não ensina gramática assim?*. São Paulo: Parábola, 2014.

BORTONE, M. E. *O fenômeno da hipercorreção*. Revista Letras e letras. 5 (1 e 2) 75-87, Uberlândia jul/dez, 1989.

BORTONI, Stella Maris et al. *Um estudo preliminar do /e/ pretônico*. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, v. 20, p.75-90, jan./jun. 1991.

BORTONI-RICARDO. S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRAGA, Maria Luíza e MANFILI, Keylla. *Essa é a preocupação onde eu quero chegar. Onde em referências anafóricas no português do Brasil*. Revista Veredas, Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, v.8, n. 1 e n. 2, pp. 233-243, jan./dez. 2004.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências*. Revista Veredas, Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, v.15 n.1, pp. 164-178, 2011.

BRANDÃO, S.F. *Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências*. Revista Veredas. N1, 2001, UFRJ. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/Artigo-19-Silvia-Brand%C3%A3o-Pagina%C3%A7%C3%A3o.pdf>.

BRIGHT, W. (s.d.) As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M.S.V.; NEVES, M.F. (Orgs) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 17-23.

BRITTO, L.P.L. *A sombra do Caos: ensino de língua X tradição gramatical*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1997. 287p.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2008.

CALVET, L.-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. *Alfa*, São Paulo, 37:101-116, 1993.

CAMACHO, R. G. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CAMPOY, J; ALMEIDA, M. *Metodología de la investigación sociolingüística*. Granada: Editorial Comares, 2005.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, V. S. O Atlas Lingüístico do Paraná: ocorrências de hipercorreção. In: *Estudos Lingüísticos* (GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do estado de São Paulo). São Paulo: UNESPAssis, vol. 29, p. 251-256, 2000.

CHAMBERS, J.K. 1996. Sociolinguistic theory. Linguistic variation and its social significance. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1996.

CHUNG, K. S. *Hypercorrection in Taiwan Mandarin*. Journal of Asian Pacific Communication 16. 2006, p. 197-217.

CONVENÇÃO BATISTA ALAGOANA. Disponível em: <http://www.convencaobatistaalagoana.com.br/>. Acesso em: 23 de maio de 2014.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DAVIES, B. *Communities Of Practice: Legitimacy, Membership And Choice*. Retirado de: www.leeds.ac.uk/arts/download/1349/davies2004, 2004.

DUARTE, M. E. L. e PAIVA, M. da C. de. 2006 [1968]. Quarenta anos depois: a herança de um programa na Sociolinguística brasileira. In: U. Weinreich; W. Labov; M. Herzog. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. (posfácio à tradução de Marcus Bagno). São Paulo: Parábola. pp. 131-151.

DUARTE, M. Eugênia L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I., KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP. p.107-128.

ECKERT, P. *Clothing and geography in a suburban high school*. In Conrad Phillip Kottak (ed.) *Researching American Culture*. Ann Arbor, Michigan: University of Michigan Press, 1980. 139–145.

ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. The whole woman: Sex and gender differences in variation. *Language Variation and Change* 1:1990, 245–267.

ECKERT, P. *Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation*. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n.41, p.87-100, 2012.

ECKERT, P. *Variation and the indexical field*. *J. Socioling.* 12:453–76, 2008.

ECKERT, P., WENGER, E., GEE, J. P., MEYERHOFF, M. *Dialogue: Communities of practice in sociolinguistics*. *Journal of Sociolinguistics*. 9: 582–601, 2005.

ECKERT, P.. *Variation, convention and social meaning*. Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland, 2005.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. *Comunidades de práticas: lugar onde cohabitam linguagem, gênero e poder* (1992). In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010. p.93-108.

ECKERT, P. *Elephants in the room*. *Journal of Sociolinguistics* 7:392–397, 2004.

ÉVA, M. *Qualitative hypercorrection: The qualitative analysis of linguistic factors playing a role in the Genesis of qualitative hypercorrection in the case of (Bv), (bVn) and (Indicative mood of –t final verbs), (imperative/subjunctive mood of – t final verbs) variables*. (2005). (Abstract of the PhD Dissertation). Disponível em: http://doktori.bibl.u-szeged.hu/285/2/tz_en2867.pdf.

EVANS, B. *The role of social network in the acquisition of local dialect norms by Appalachian migrants in Ypsilanti*, Michigan. *Language Variation and Change*, Cambridge, 16 v, p.153- 167, julho, 2004.

FISHMAN, J.A. A sociologia da linguagem. In: FONSECA, M. S. V. NEVES, M. F. (Orgs.) *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. (Título original 1960).

FREITAG, R. M. K.; SANTOS, J. C.; SANTOS, S. “*Fio do canço*”: *marca linguística identitária do itabaianense*. *Inter Science Place*, [S.l.], v.5, p.1-13, 2009. Disponível em: <<http://www.interscienceplace.org/interscienceplace/article/viewArticle/55>>. Acesso em: 23 mar. 2012.

FREITAG, R. M.; TAVARES, M. A.; MARTINS, M. A. *Bancos de dados sociolinguísticos do Português Brasileiro e os estudos de Terceira Onda: Potencialidades e limitações*. São Paulo, Alfa, 2012. 56 (3): p. 917-944.

GILES, H. & WILLIAMS, A. *Accommodating Hypercorrection: A Communication Model*. *Language and Communication* 12 (3/4): p.343-356, 1992.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GUMPERZ, J. J. Introduction. In John J. Gumperz & Dell Hymes (eds.), *Directions in Sociolinguistics*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1972.

GUMPERZ, J. *The speech community*. In David L. Sills (ed.) *International Encyclopedia of the Social Sciences*. London: McMillan, 1968.

GUMPERZ, J., HYMES, D. *Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication*. Oxford: Basil Blackwell, 1972.

HOLMES, J., MEYERHOFF, M. *The community of practice: Theories and methodologies in language and gender research*. *Language in Society*. 28: 173-183, 1999.

HORA, Dermeval da; Wetzels, Leo. 2011. A variação linguística e as restrições estilísticas. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, 147-188.

HUBACK, A.P. Plurais em -ão do português brasileiro: efeitos de frequência. *Revista Linguística*, vol. 6, n 1, jun./2010, Faculdade de Letras/ UFRJ.

HYMES, D. (ed.), *Language in Culture and Society*. New York & London: Harper Sc. Row, 1964.

IBGE. *Censo demográfico 2010*. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

KATO, M. Português Brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança linguística. In: I. Duarte e I. Leiria (orgs) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Vol II., 1996, p. 211-237.

LABOV, W. Estágios na aquisição do inglês standard. In FONSECA, M. S. V. NEVES, M. F. (org) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 49-85.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: External Factors*. Cambridge/ Philadelphia: Blackwell Publishers, 2001. 572 p. vol. 2.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford–UK / CambridgeUSA: Blackwell Publishers, 1994. 641 p. vol. 1.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press, 2006[1966].

LAVE, J., Wenger, E. *Situated Learning. Legitimate Peripheral Participation*, Cambridge University Press, Cambridge, 1991.

LE PAGE, R. B. The evolution of a Sociolinguistic theory of language. IN: *The Handbook Of Sociolinguistics*. BLACKWELL PUBLISHING, COULMAS, 1998.

LUCCHESI, D. *As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000)*. DELTA [online]. 2001, vol.17, n.1, pp. 97-130. ISSN 0102-4450.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 8. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

MACHADO, V. R. (Org.). *Por que a escola não ensina gramática assim?*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014. 254p.

MARCELLESI, J. B. & GARDIN, B. *Introdução à Sociolinguística: a linguística social*. Lisboa: Aster, 1975.

MARRA, D.; MILANI, S. E. *Uma teoria social da língua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet*. Linha d'Água, São Paulo, v. 25, n. 2, 2012, p. 67-90.

MARTINS, A. M. *A posição dos pronomes pessoais clíticos*. In: Gramática do Português. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 2231-2302.

MATOS, C. M. de O. L. *Doutor e outras formas de tratamento direcionadas aos profissionais jurídicos: análise de uma comunidade de prática à luz da terceira onda da sociolinguística*, 2015. (Dissertação de mestrado).

MENON, O. P. da S. *O sistema pronominal do português*. Letras, Curitiba, n.44, p.91-106. 1995. Editora da UFPR.

MEYERHOFF, M. Communities of practice. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING- ESTES, N. (Ed.). *Handbook of variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004. p. 526-548.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.

MILROY, L., GORDON, M. *Sociolinguistics: Method and Interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003.

MONTEAGUDO, Henrique. Variação e norma linguística: subsídios para uma (re)visão. In: LAGARES, Xoán Carlos, BAGNO Marcos (Orgs.). *Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.15-48.

MOURÃO, E. *A hipercorreção na escrita formal: dilemas do revisor de textos*. SCRIPTA, MINAS GERAIS, 2010. V.14. N. 26.

NEVES, M.H.M. *A língua portuguesa em questão: uso, padrão e identidade linguística*.

Disponível em:

http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Publicacoes/Artigo_MariaHelenaMouraNeves_AlinguaPortuguesaemQuestao.pdf.

OLIVEIRA, Marilza de. A aprendizagem formal do relativo cujo e clítico acusativo de terceira pessoa. In: III Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, p. 32-33, 2004.

OTHERO, G. A.; FINKENAUER, L.; WINK, C. O. Colocação Pronominal em português brasileiro. Seminários em Teoria e Análise Linguística. Porto Alegre, UFRGS, 2011.

PEREIRA, A.D.A, SILVA, C.H.S, ASSIS, M.VL. Regência verbal. In: BORTONIRICARDO, S. M. B. F. (Org.), Por que a escola não ensina gramática assim?. São Paulo: Parábola, 2014.

PEREIRA, D. C. *Uso de formas pronominais no português popular de São Paulo: instâncias de hipercorreção e de duplicação*. São Paulo: Estudos Linguísticos, 2010.

PERINI, M. A. Gramática do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2010.

PLÉH, C. *On the dynamics of stigmatization and hypercorrection in a normatively oriented language community*. International Journal of the Sociology of Language, 1995. p.111, 31-45.

POSSENTI, S. Defendendo o gerúndio. Discutindo língua portuguesa (revista). Ano 1, nº 1. São Paulo: Escala Educacional: 2005, p. 8-11.

RIBEIRO, D. F. S. *Alçamento de vogais postônicas não finais no português de Belo Horizonte – Minas Gerais: uma abordagem difusionista*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa e Linguística). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2007.

RODRIGUES, A. C. S. *Variação lingüística e contexto social: concordância verbal no português falado em São Paulo*. Estudos lingüísticos, n. 17, p. 578-87, 1989.

SAGUATE, A. W. *Variação lexical e sintática na produção escrita formal em português dos estudantes da Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique*. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, São Paulo, 41 (2): p. 739-754, maio-ago 2012.

SANTANA, C. C. de; ANDRADE, T. R. C. de; FREITAG, R. M. K.; *Relações de gênero e formas de tratamento em uma comunidade religiosa*, p. 254-266 . In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org). Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015.

SANTOS, P. T. de A. *Só um instante, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: gerundismo, preconceito e expansão da mudança*, 2008. 131 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística). Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SANTOS, R. L. de A. *A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió*. Maceió: UFAL. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SAPIR, E. *The collected works of Edward Sapir*. 1. General linguistics. Edit. por Pierre Swigers. Berlin: Walter de Gruyter, 2008.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2013[1916].

SCHULTZ, A. *Deus está presente - o Diabo está no meio: o protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro*. 2005. 342p. Doutorado em TEOLOGIA. São Leopoldo, RS, 2005.

SCREMIN, G. e AIMI, D. da S. *Narrativas: as falas da experiência - colaboração para a formação de professores no mundo lusófono*. Revista ACOALFAPlp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 4, n. 7, 2009. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Publicado em: setembro 2009.

SERRANO, F. P. *Pesquisar no labirinto: a tese, um desafio possível*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 157p.

SEVERO, C. G. *A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões*. Voz das Letras, Concórdia, n.9, p.01-17, 2008. Disponível em: <<http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/9/92.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

SILVA, I. T. *O uso do participio em formações verbais no português do sul do Brasil*. PPGL/UFRGS, Porto alegre, 2008. (dissertação de mestrado).

SILVA, P. R. *A hipercorreção na fala de adultos desempregados da cidade de Maceió/AL*. Dissertação (Mestrado em Linguística). PPGL/UFAL, 2011.

SOUZA, A, S. *Contribuições diacrônicas para o estudo do uso temporal do item onde*. SIGNUM: Est. Ling., Londrina, v. 12, n. 2, p. 263-281, dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4934/4625>.

SOUZA, A. dos S.. *Anáforas locativas do advérbio Onde em textos religiosos*. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1104-1111.

VARELLA, N. K. *Leitura e escrita: Temas para reflexão*. Porto Alegre: Premier, 2004.

VIANNA, J. B. de S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ. 2006.

VIANNA, J. B. de S. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. D.E.L.T.A . PUC-SP, Volume 9, nº 1: 1-14, 1993.

VIEIRA, M. J. B. *Variação das preposições em verbos de movimento*. SIGNUM: Estudos Linguísticos, Londrina, v. 12, n. 1, p. 423-445, 2009.

VITORIO, E. *Ter/haver existenciais na fala alagoana: variação estável ou mudança em progresso?*. Tese (Doutorado em Linguística). PPGLL/UFAL, 2012.

WENGER, E. C., MCDERMOTT, R., SNYDER, W. C., *Cultivating Communities of Practice: A Guide to Managing Knowledge*. Harvard Business School Press, Cambridge, USA, 2002, 304 pages (ISBN 1-5781-330-8).

WENGER, E. *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WHORF, B. L. 1941. *The relation of habitual thought and behavior to language*. Reimpresso em DURANTI, 2006.

APÊNDICE A- Ofício para solicitação de coleta de dados



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
 FACULDADE DE LETRAS



Ofício de solicitação s/n – 2014

Senhor Pastor XXX⁷⁴, responsável pela Convenção de Pastores Batista de Alagoas,

Eu, PRISCILA RUFINO DA SILVA, licenciada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), aluna regularmente matriculada no doutorado em Linguística, do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGLL), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), período 2012-2016, sirvo-me do presente, para requerer a V. S^a., permissão para utilizar o espaço da Convenção de Pastores Batista de Alagoas a fim de gravar entrevistas com Pastores, durante o período do mês de maio de 2014 a fevereiro de 2015, tendo como finalidade a constituição do corpus da minha tese intitulada Correlações linguísticas e sociais no uso de hipercorreção na cidade de Maceió/AL. Limitado ao exposto, fique com meus votos de estima e consideração.

Maceió, 14 de maio de 2014.

PRISCILA RUFINO DA SILVA

Doutoranda PPGLL/UFAL

⁷⁴ O nome será mantido em sigilo para resguardar a identidade do colaborador.

APÊNDICE B- Entrevista estruturada para coleta de dados

Aspectos relacionados à Igreja e comportamento

1. Conte sua história dentro da igreja?
2. Como é a sua postura na igreja?
3. Existe algum tipo de norma que você deve seguir?
4. Como o senhor se tornou evangélico? Como foi esse processo?
5. O que foi alterado em seu comportamento devido a sua entrada na igreja?
6. Sua fala também foi modificada? Em quais aspectos?
7. A que você justifica essa mudança?
8. Você sentiu alguma pressão para que essa mudança ocorresse? De quem? Como?

Aspectos relacionados à Fala

1. Quais pastores/líderes religiosos são exemplos para você? Por qual motivo?
2. Qual a sua preparação antes de um culto?
3. Você acha que a fala do pastor ajuda a convencer os fieis? Por quê? Por que não?
4. Você acha que seu modo de falar influencia o dos seus fieis?
5. Devido a sua religião, você se policia ao falar?
6. O que você evita falar? Por quê?
7. O que vocês condenam na fala das outras pessoas? Por quê?
8. Como um bom pastor deve se comportar? E falar? Dentro e fora da igreja?
9. Qual a sua maior preocupação no momento do culto?
10. Você sofre preconceito por se restringir ao falar? Qual tipo de preconceito?

Aspectos relacionados à Leitura

1. O senhor lê muito?
2. Considera a leitura importante para o crescimento e o esclarecimento da sua religião?
3. Quais livros o senhor leu? Quais o senhor recomenda?
4. O senhor considera a correção gramatical um ponto a favor do entendimento da pregação?
5. O que você acha de um pastor que fala errado? Por quê?
6. Como deve ser a pregação de um pastor?

ANEXO A – Ofícios de autorização expedidos pela Convenção Batista Alagoana⁷⁵**CONVENÇÃO BATISTA
ALAGOANA**

Av. Dr. Aristeu de Andrade, 285 Farol -- 57051-090.

Maceió – Alagoas - Brasil – CNPJ: 12.320.966/0001-95

E-mail: cbalagoana@ig.com.br

Fone - Fax: (82)3336-2207

www.Convencaobatistaalagoana.com.br

Maceió, 14 de maio de 2014.

Ofício nº 31/CBAL/2014.

Assunto: Autorização

Pelo presente, autorizamos a Prof^a. M^a Priscila Rufino da Silva, a realizar Coleta de dados no âmbito da Convenção Batista Alagoana para sua pesquisa de doutorado sobre, As Correlações Lingüísticas e Sociais no Uso da Hipercorreção na Fala de Adulto da Cidade de Maceió/Alagoas, no período de maio a junho de 2014,

Atenciosamente,

Gerente da Cónvenção Batista Alagoana

⁷⁵ O nome será mantido em sigilo para resguardar a identidade do colaborador.



**CONVENÇÃO BATISTA
ALAGOANA**

Av. Dr. Aristeu de Andrade, 285 Farol -- 57051-090.

Maceió – Alagoas - Brasil – CNPJ: 12.320.966/0001-95

E-mail: cbalagoana@ig.com.br

Fone - Fax: (82)3336-2207

www.Convencaobatistaalagoana.com.br

Maceió, 18 de novembro de 2014.

Ofício nº 31/CBAL/2014.

Assunto: Autorização

Pelo presente, autorizamos a Profª. Mª Priscila Rufino da Silva, a realizar Coleta de dados no âmbito da Convenção Batista Alagoana para sua pesquisa de doutorado sobre, As Correlações Lingüísticas e Sociais no Uso da Hipercorreção na Fala de Adulto da Cidade de Maceió/Alagoas, no período de dezembro de 2014 a fevereiro de 2015.

Atenciosamente,

Gerente da Cõnvenção Batista Alagoana

ANEXO B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.” (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu,, tendo sido convidado(o,a) a participar como voluntário(o,a) do estudo **As correlações linguísticas e sociais no uso da hipercorreção na fala de adultos da cidade de Maceió/AL**, recebi da Sra. **Profa. Ma. Priscila Rufino da Silva**, aluna do doutorado em Linguística do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a **coleta de dados de fala para a pesquisa de doutorado sobre o fenômeno linguístico chamado hipercorreção.**
- Que a importância deste estudo é a de **obter dados para analisar o fenômeno da hipercorreção na fala dos Maceioenses para que se possa descrever e analisar esse fenômeno em nossa cidade.**
- Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: **observar quais fenômenos são mais recorrentes na fala dos colaboradores, bem como classificá-los de acordo com os níveis de análise linguística, a saber: fonético, morfológico, sintático, semântico.**
- Que esse estudo começará **em janeiro de 2015 e terminará em fevereiro de 2015.**
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: **primeiramente coletarão os dados para, em seguida, ser feita a análise quantitativa e linguística privilegiando as ocorrências na fala dos colaboradores.**
- Que eu participarei das seguintes etapas: **coleta de dados.**
- Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são **mínimos**, sendo eles constrangimento por estar sendo gravado e/ou inibição diante do gravador.
- Que os possíveis riscos à minha saúde física e mental são **mínimos**, sendo eles constrangimento e inibição no momento da coleta de dados devido à presença de um gravador e do pesquisador.
- Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: **colaborar com o estudo mais amplo desse fenômeno na fala dos Maceioenses.**
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto no momento da defesa da tese e com as publicações de artigos sobre o fenômeno estudado independente dos resultados obtidos.
- Que eu deverei ser indenizado/ressarcido pelas despesas referentes à passagem de ônibus e alimentação que venha a ter com a minha participação nesse estudo, sendo que, para essas

despesas, foi-me garantida à existência de recursos, somente em casos necessários e comprovados.

▪ Que eu serei indenizado por quaisquer danos causados por minha participação na pesquisa, para isto foi-me garantido a existência de recursos financeiros (em caso de danos morais comprovados) ou em forma de retratação, de acordo com a situação que ocorrer. Caso haja quaisquer danos causados por minha participação nesta pesquisa foi garantida a mim assistência sendo responsável por isso a pesquisadora **Profa. Priscila Rufino**.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço d(o,a) participante-voluntári(o,a):

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Contato de urgência: Sr(a).

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Endereço da responsável pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal de Alagoas

Endereço: Rua Almirante Barroso

Nº: 226

Bairro: Farol CEP: 57055-280 Cidade: Maceió

Telefones p/contato: 9950-3015

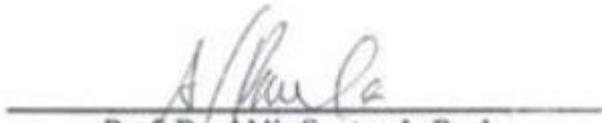
ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas:

Prédio da Reitoria, sala do C.O.C. , Campus A. C. Simões, Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041

Maceió,

	 <p>Profa. Ma. Priscila Rufino da Silva</p>
<p>(Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal - Rubricar as demais folhas)</p>	 <p>Prof. Dr. Aldir Santos de Paula</p>

ANEXO C – Ficha Social

Número da gravação: _____

Codificação do Informante: _____

Data da entrevista: ____/____/____

Duração da entrevista: _____

Cargo na convenção: _____

1. Dados do Entrevistado

Nome: _____

Bairro: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Escolaridade: _____

Área de formação: _____

Tempo no pastorado: _____

Evangélico: Desde a infância () Convertido ()

Religião anterior: _____

ANEXO D – Texto Bíblico

Jesus continuou: "Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao seu pai: 'Pai, quero a minha parte da herança'. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles. "Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. Depois de ter gastado tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada. "Caindo em si, ele disse: 'Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me perei a caminho e voltarei para meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados'. A seguir, levantou-se e foi para seu pai. "Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e o beijou. "O filho lhe disse: 'Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho'.

Lucas 15:11-21

ANEXO E – Convenções de transcrição compiladas por Vitório (2012)

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

As convenções adotadas para as transcrições provêm de uma adaptação para o Português do modelo proposto pela Equipe do GARS (Group Aixois de Recherches en Sociolinguistique), dirigido por Claire BLANCHE-BENVENISTE.

As transcrições não têm pontuação e as letras maiúsculas só são utilizadas para os nomes próprios.

Cada página comporta 16 linhas numeradas, com margens de 3,5 cm à esquerda, à direita e em cima, e 5 cm embaixo.

Os falantes são mencionados pela inicial L e um número: L1, L2, à margem do texto.

O entrevistador foi mencionado como E.

O texto comporta um mínimo de símbolos tipográficos, que correspondem a três rubricas:

1. Convenções gerais para todas as transcrições.

1.1. Notação das pausas e interrupções, por aproximação, sem medida técnica:

+ pausa curta

- - pausa média

- - - pausa longa

///// interrupção bastante longa

1.2. Notação das dificuldades de escrita:

x - símbolo para uma sílaba incompreensível

xxx - sequência de sílabas incompreensíveis

1.3. Notação de alternâncias auditivas, que fornecem diferentes possibilidades de transcrição:

/bairro, barro/ entre barras oblíquas, separadas por uma vírgula, são notadas as diferentes são notadas as diferentes transcrições possíveis, a primeira sendo julgada a mais provável.

/bairro, / com a mesma notação, hesitação entre uma escrita e nada.

1.4. As alternâncias ortográficas:

/mais, mas/ entre barras oblíquas, separadas por vírgulas, as duas ortografias possíveis.

1.5. O cruzamento de vozes:

L.1 sim os enunciados pronunciados por dois falantes ao mesmo tempo são L.2 concordo sublinhados.

2. As notas de rodapé

Assinala-se em notas de rodapé os fatos destacados de pronúncia ou de cortes ou alguns acontecimentos da situação que sejam significativos como os gestos, risos, ruídos, etc.

3. Convenção particular para as observações fônicas

fê: o alongamento de uma vogal com dois pontos

UFAL – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROJETO: A LÍNGUA USADA EM ALAGOAS PROTOCOLO DE TRANSCRIÇÃO

O Protocolo de Transcrição deve conter todos os critérios adotados para a transcrição de fitas gravadas, destacando-se os **aspectos pertinentes da fala** para as análises a serem realizadas, na perspectiva de deixar o texto legível, segundo a ortografia oficial, mas procurando recuperar, nas transcrições, o máximo de questões características da fala local.

01. As palavras oxítonas terminadas em **AR, ER, IR** ou **OR**, quando a consoante “**R**” não é pronunciada, essa marca é substituída pelo acento agudo ou o circunflexo.

Ex.: qualqué (qualquer)
jogá (jogar)
fazê (fazer)
saí (sair)
cô (cor)

02. Os ditongos **OU** e **EI**, quando não realizados, foram representados com um acento circunflexo, no primeiro caso, ou com a ausência do “**i**”, no segundo caso.

Ex.: vô (vou)
começô (começou)
brigadero (brigadeiro)

03. Os casos de elevação da vogal foram transcritos com a representação do som utilizado.

Ex.: istudá (estudar)
minino (menino)
iscola (escola)
ispulso (expulso)
ingraçado (engraçado)
isporte (esporte)

04. As mudanças de letras que caracterizam uma pronúncia “regional” foram mantidas na transcrição.

Ex.: mermo (mesmo)
muitcho (muito)

05. O ponto de interrogação foi mantido nas frases interrogativas.

Ex.: ... só é ponto quando é gol – né?

06. As formas variantes do gerúndio foram transcritas, segundo os sons produzidos.

Ex.: andano (andando)
brincano (bricando)

07. As reduções de palavras foram transcritas segundo as variantes utilizadas.

Ex.: tava (estava)
tá (estar)